

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE LETRAS
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

SAMARA COSTA MOURA

**A CONSTRUÇÃO [(COMO) (SE) NÃO BASTASSE]conector SOB A PERSPECTIVA
DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

**NITERÓI, RJ
2020**

SAMARA COSTA MOURA

**A CONSTRUÇÃO [(COMO) (SE) NÃO BASTASSE]conector SOB A PERSPECTIVA
DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes

Coorientador: Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

NITERÓI, RJ
2020

SAMARA COSTA MOURA

**A CONSTRUÇÃO [(COMO) (SE) NÃO BASTASSE]conector SOB A PERSPECTIVA
DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem. Área de concentração: Estudos de Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Presidente, Professor Dr. Monclar Guimarães Lopes - Orientador
UFF

Professor Dr. Ivo da Costa do Rosário - Coorientador
UFF

Professor Dr. Marcos Luiz Wiedemer
UERJ

Professora Dr^a. Mariangela Rios de Oliveira
UFF

Professora Dr^a. Ana Beatriz Arena – Suplente
UERJ

Professora Dr^a Nilza Barros Dias – Suplente
UFF

Niterói, RJ
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter permitido a realização desse sonho.

À minha avó Marly (*in memoriam*), por todo amor e carinho. Mesmo longe, a senhora permanece em meu coração e em meus pensamentos.

Ao meu marido, Elsio Junior, exemplo de companheirismo, por estar ao meu lado não só nos momentos bons, mas também nos momentos difíceis. Obrigada por acreditar em mim, mesmo quando nem eu acreditava, e por sempre verbalizar isso.

À minha família, por me apoiar e me incentivar nos estudos. Em especial, à minha tia Deize e à minha irmã Taize, pelas palavras de encorajamento em todos os momentos da minha vida.

Ao meu orientador, Professor Monclar Lopes, por ser um exemplo de docente-pesquisador. Obrigada por sempre se colocar à disposição para me ajudar durante todo o período do mestrado e, até mesmo, antes dele.

Ao meu coorientador, Professor Ivo Rosário, pela leitura atenta e cuidadosa em todas as etapas desta pesquisa.

Aos professores Marcos Wiedemer e Mariângela Rios, pelas críticas construtivas e pelas contribuições que, certamente, darão.

À minha sogra Izabel (*in memoriam*), exemplo de superação, por ter me apoiado e me encorajado a continuar a vida acadêmica.

Às minhas amigas de infância, Luma, Camilla, Raiza, Jaqueline, pelas palavras de apoio nos momentos mais difíceis e pelos momentos maravilhosos de descontração. Sem vocês, nada disso faz sentido.

Às minhas amigas professoras, Beatriz, Deborah, Suelyn, Ilana e Fernanda, pela troca diária, pelos desabafos, pelas brincadeiras. Vocês são a prova de que a vida vale a pena.

Aos meus amigos da UFRJ, Thaís, Allan e Isabela, por suas participações singulares em minha vida. Em especial, ao meu amigo Allan, pela revisão cuidadosa e profissional desta dissertação, e à minha amiga Thaís, por ter me incentivado a escrever uma nova história em um novo lugar.

Aos meus amigos do Grupo de Pesquisa *Conectivos e Conexões de Orações* (CCO-UFF), por me mostrarem que a vida acadêmica pode ser construída de maneira mais leve. Em especial, agradeço às minhas amigas Fabiana e Brenda, com quem dividi minhas angústias nos momentos finais desta pesquisa, pelas palavras de incentivo.

Aos professores que passaram pela minha vida escolar, por plantarem em mim o amor pelos estudos e pelo ensino. Em especial, à professora Daisy e ao professor Leonardo, por serem responsáveis por meu amor pela educação.

ASSIM EU VEJO A VIDA

*A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.*

(Cora Coralina)

RESUMO

Seguindo os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), mais especificamente no que se refere à abordagem construcional da mudança proposta por Traugott e Trousdale (2013), esta dissertação tem por objetivo geral apresentar os resultados da análise da seguinte estrutura: “[como] (se) não bastasse]”, empiricamente atestada na sincronia atual do Português Brasileiro. De acordo com essa abordagem, a língua é uma rede de construções organizadas hierarquicamente (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), cuja unidade básica é a construção, identificada pelo pareamento forma-função (GOLDBERG, 2016). Propõe-se, para tanto, a investigação do objeto em estudo sob o viés da Linguística Funcional Centrada no Uso com o propósito de descrever tanto as propriedades da forma (fonológicas e morfossintáticas) como também as do significado (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). Partindo, portanto, desse princípio, analisamos os contextos de uso em que aparece a estrutura formada pelos componentes “[como] (se) não bastasse]”. Essa análise pauta-se na metodologia qualitativa e quantitativa dos dados, tomando como base um corpus sincrônico, composto pela modalidade escrita do Português Brasileiro (PB), como mostram os dados extraídos da Interface nova do *Corpus do Português*, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/histgen/2008/x.asp>. Os resultados demonstram que há duas microconstruções formadas pela estrutura em estudo: “[como] (se) não bastasse + (SN ou Oração Não Finita)]” e “[como] (se) não bastasse + Ø]”. A microconstrução representada pelo Padrão I vincula porções textuais no nível da sentença, enquanto que, no Padrão II, a microconstrução encapsula o período e, até mesmo, o parágrafo anterior a ela, caracterizando função mais anafórica, por isso a consideramos um conector discursivo. Nos dois padrões, a estrutura “[como] (se) não bastasse]” é intersubjetiva e materializa, linguisticamente, a noção de adição. Devido ao alto grau intersubjetivo da construção, em ambas as microconstruções, atestamos também as posturas epistêmicas positiva, neutra e negativa.

Palavras-chave: Construção “[como] (se) não bastasse]”; Conexão discursiva; Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT

Following the theoretical assumptions of Usage-Based Functional Linguistics (LFCU), more specifically with regard to the constructional approach of change proposed by Traugott and Trousdale (2013), this dissertation has as its general objective to present the results of the analysis of the following structure: "[*(como) (se) não bastasse*]", empirically attested in the current synchrony of the Brazilian Portuguese. According to this approach, language is a network of hierarchically organized constructions (TRAUGOTT and TROUSDALE, 2013), whose basic unit is construction, identified by form-function pairing (GOLDBERG, 2016). It is proposed, therefore, the investigation of the object under study under the bias of Functional Linguistics Centered on Use with the purpose of describing both the properties of the form (phonological and morphosyntactic) as well as those of the meaning (semantic, pragmatic and discursive-functional). Starting, therefore, from this principle, we analyze the contexts of use in which the structure formed by the components "[*(como) (se) não bastasse*]", This analysis is based on the qualitative and quantitative methodology of the data, based on a synchronous corpus, composed of the written modality of the Brazilian Portuguese (PB), as shown by the data extracted from the new Interface of the Corpus do Português, available in <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>. The results show that there are two microconstructions formed by the structure under study: "[*(como) (se) não bastasse + (SN ou +Oração Não Finita)*]" and "[*(como) (se) não bastasse + Ø*]". The microconstruction represented by Pattern I links textual portions at the sentence level, while in Pattern II, microconstruction encapsulates the period and even the paragraph preceding it, characterizing a more anafórica function, so we consider it a discursive connector. In both patterns, the "[*(como) (se) não bastasse*]" structure is intersubjective and materializes, linguistically, the notion of addition. Due to the high intersubjective degree of construction, in both microconstructions, we also attest to the positive, neutral and negative epistemic postures.

keywords: Construção “[*como*] *se não bastasse*”; discursive connection; Usage-Based Functional Linguistics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 REVISÃO DA LITERATURA	16
1.1 ADIÇÃO.....	16
1.1.1 ÁREA DA MATEMÁTICA	17
1.1.2 ÁREA DA QUÍMICA.....	18
1.1.3 ÁREA DA LINGUÍSTICA.....	18
1.2 ABORDAGEM TRADICIONAL DOS COMPONENTES DA CONSTRUÇÃO.....	21
1.3 A CONEXÃO NA ABORDAGEM DO TEXTO	28
1.4 A COESÃO REFERENCIAL E A SEQUENCIAL.....	32
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	36
2.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO (LFCU)	36
2.2 CONCEITO DE CONSTRUCIONALIDADE	44
2.3 INTERSUBJETIVIDADE E POSTURA EPISTÊMICA	47
2.4 A ARGUMENTAÇÃO	49
3 METODOLOGIA	51
3.1 <i>CORPUS</i>	52
3.2 DESCRIÇÃO DAS SEQUÊNCIAS TIPOLÓGICAS	55
3.3 PADRÕES.....	58
3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	61
4 ANÁLISE DE DADOS	63
4.1 PADRÕES I E II	63
4.2 NÍVEL DE GRADIÊNCIA.....	73
4.3 PROPRIEDADES PRAGMÁTICAS.....	80

4.4	A CONSTRUÇÃO “[(COMO) (SE) NÃO BASTASSE]” E O DOMÍNIO GERAL DA ADIÇÃO.....	87
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Componentes atômicos de “[Como] (se) não bastasse]”.....	24
Quadro 2 – Modelo da estrutura simbólica da construção	39
Quadro 3 – Relação entre hierarquia construcional e de uso e eixo funcional.....	42
Quadro 4 – Propriedades da construção “[Como] (se) não bastasse + (SN ou Oração Não Finita)]”.....	67
Quadro 5 – Propriedades da construção “[Como] (se) não bastasse + Ø]”.....	72
Quadro 6 – Propriedades da construção “[Como] (se) não bastasse]”.....	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de ocorrências por padrão	63
Tabela 2 – Contexto pragmático	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representações de nível de conexão entre os padrões	80
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perspectiva epistêmica da construção “[Como] (se) não bastasse + (SN ou Oração Não Finita)]”.....	95
Gráfico 2 – Perspectiva epistêmica da construção “[Como] (se) não bastasse + Ø]”.....	96

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte de um projeto maior desenvolvido pelos membros dos Grupos de Pesquisa *Conectivos e Conexão de Orações* (CCO) e *Discurso e Gramática* (D&G-UFF), que se debruçam, entre outros assuntos, sobre a investigação de orações e estratégias de conexão em perspectiva construcional. Nesse contexto, este trabalho visa a proceder a uma análise sincrônica de “[Como] (se) não bastasse]” no Português Brasileiro (PB) sob o viés da Linguística Funcional Centrada no Uso. Como veremos ao longo desta pesquisa, essa expressão pode atuar na conexão discursiva e demonstra-se altamente convencionalizada, haja vista sua elevada frequência *token* em textos da modalidade escrita.

Embora convencionalizada, “[Como] (se) não bastasse]” não consta dos compêndios gramaticais a que tivemos acesso ao longo desta investigação. Há somente um consenso entre as gramáticas tradicionais em tratar a expressão conectora “como se” como um conglomerado comparativo-hipotético. No entanto, tal informação se mostra insuficiente, na medida em que “como se” e “[Como] (se) não bastasse]” são construções distintas, a despeito de haver entre elas uma relação de herança (por elo de sub-parte). Além disso, a descrição gramatical de que dispomos de “como se” não evidencia o nível da conexão (se atua, por exemplo, no nível da oração ou do texto), dado que se mostra muito relevante para a explicação de “[Como] (se) não bastasse]”. Paralelamente, diferentemente de “como se”, em “[Como] (se) não bastasse]”, observamos a existência de postura epistêmica (tanto positiva quanto negativa), que pode ser inferida a partir dos dados de uso.

Na verdade, inicialmente, essa pesquisa se propunha a investigar as construções comparativo-hipotéticas iniciadas por “como se”. Porém, após uma varredura no *Corpus do Português* com os elementos “como se”, percebemos a presença de uma sequência específica de palavras que aparecia com frequência, “**como se não bastasse**”. Para ilustrar tal ponto, seguem duas ocorrências:

- (a) Mas acho que se vem atribuindo muita coisa à globalização, **como se** ela fosse uma espécie de serva de um poder invisível, do qual não se fala. Isso explica a posição fatalista que está embrenhada em certo tipo de ideologia dominante. (Disponível em: < <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>>. Acesso em: jul. 2018)
- (b) Querido diário, a tarde hoje está bem chata, pouco mais de um anos passou, o Outono começou, o dia está novamente nublado, os minutos não passam, o dia está escuro demais, este blog está a tempo demais com o mesmo layout, este texto não sai de a minha mente, enfim, e nada nem

ninguém me agradam,. *Como se não bastasse*, aquela velha música insiste em tocar, de o nada, sem mais nem menos, como aquele colega de classe xereta que eu sempre fui, insistindo em me meter em os pensamentos alheios, sempre com um “« que?! “ (Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>>. Acesso em: jul. 2018)

Percebemos que, aparentemente, a segunda ocorrência com a expressão “como se” não apresenta as mesmas propriedades linguísticas daquele “como se” encontrado nos demais contextos de uso que nos propusemos inicialmente a analisar, como exemplificado em (a). Com isso, decidimos fazer um recorte das ocorrências com a expressão conectora “como se” e voltar nossa investigação somente para a sequência “como se não bastasse”, uma vez que, para os estudos linguísticos, essa investigação é mais original.

Para essa análise, adotamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que descreve e interpreta a língua do ponto de vista holístico, considerando todos os componentes linguísticos que a constituem. Nesse sentido, justificamos a escolha dessa perspectiva teórica, para esta dissertação, pelo fato de a considerarmos como uma base sólida para o estudo de dados de língua em uso, e não a língua como um sistema virtual, totalmente previsível.

Orientados por essa perspectiva teórica, investigamos os contextos efetivos de uso da modalidade escrita do Português Brasileiro (PB), extraídos do site *Corpus do Português*. Nessa investigação, são identificados dois padrões distintos da estrutura formada por “[(Como) (se) não bastasse]”. No Padrão I, a microconstrução “[(Como) (se) não bastasse]” apresenta seus componentes menos vinculados entre si e conecta porções menores do texto e, no Padrão II, “[(Como) (se) não bastasse]” tem suas partes mais vinculadas entre si e retoma porções maiores do texto, sendo, por isso, caracterizada como conector discursivo. Observemos as ocorrências a seguir:

- (1) 13/10/1307 -- sexta-feira -- acredita- se então, que a superstição tenha nascido de aí. Jesus cristo ceiou pela ultima vez com doze pessoas, treze com ele. Logo após foi crucificado e Judas se matou. Temos alem de esses, outros fatos que apóiam que o número treze não é legal. [*como se não bastasse* toda essa ` urucubaca' sobre o número treze, acredita- se também, que Jesus Cristo tenha sido morto em uma sexta-feira treze.] Então, junta- se um dia de a semana ruim (sexta-feira) e um número (13) macábros, fica então, um dia sem muitas expectativas boas! Tive sextas 13 muito ruins, já me roubaram bicicleta, carteira, assaltos. (Disponível em: <<http://001pontodevista.zip.net/>>. Acesso em: jul. 2018)

- (2) [...] inclinadas a descobrir novos talentos. Além disso, mesmo quem quer publicar de forma independente, apesar de ainda encontrar dificuldades, já não se vê diante de uma "« missão impossível "», hehehe. Enfim, boa sorte! Comment [A blogueira Tailany, 24 anos de idade. Louca por leituras e por escrever poesias, contos, crônicas e quem sabe um romance? Gosto de conversar sobre o que leio, formar novos leitores \(um que seja já me deixa muito feliz\) e sei que quero viver sempre em torno de os livros! \[como se não bastasse, estudo Letras.\]](#) Parcerias Literárias que gosto Aviso Os textos escritos em esse blog foram criados por mim, e quando não o forem, colocarei os créditos de o autor. O layout de o blog é de o Quase descolada e foi editado por mim (background). O header foi feito por a minha prima Mari e os ícones de redes sociais foram feitos por a Gabriela Couth 76362 Diariamente somos convidados a fazer escolhas em nossa vida. (Disponível em: <<http://despindoestorias.com/2012/o-meme-literario-de-um-mes-dia-07/>>. Acesso em: dez. 2019.)

As ocorrências exemplificam as instâncias de uso da expressão conectora “Como se não bastasse”. O primeiro contexto corresponde aos dados que compõem o Padrão I, nos quais a expressão conectora apresenta seus componentes menos vinculados entre si e a conexão estabelecida por ela ocorre no nível da sentença. Nessa ocorrência, o sujeito do verbo *bastar* encontra-se explícito *toda essa `urucubaca' sobre o número treze* e a expressão conectora liga as informações *toda essa `urucubaca' sobre o número treze e acredita-se também, que Jesus Cristo tenha sido morto em uma sexta-feira treze* no nível da sentença.

O segundo contexto exemplifica as ocorrências presentes no Padrão II, em que a expressão conectora apresenta suas partes mais vinculadas entre si e conecta todo o período que a antecede, o que confere o seu caráter de conector discursivo. Nesse contexto, o sujeito do verbo *bastar* não se encontra explícito e a expressão conectora articula todo o período anterior a ela *A blogueira Tailany, 24 anos de idade. Louca por leituras e por escrever poesias, contos, crônicas e quem sabe um romance? Gosto de conversar sobre o que leio, formar novos leitores (um que seja já me deixa muito feliz) e sei que quero viver sempre em torno de os livros!* ao período em que se encontra *estudo Letras*.

Justificamos a maior vinculação do Padrão II em relação ao Padrão I pelo fato de: a) no Padrão II, a microconstrução atuar como um conector discursivo e ser característico dos conectores complexos uma maior vinculação (a despeito de ainda ser bastante composicional); e b) de haver uma espécie de anáfora zero. Recuperamos um “isso” discursivamente, uma informação altamente inferível (ativada na memória de trabalho), que, por isso mesmo, não precisa ser posta na posição de sujeito sintático. Com base nessa explicação, reforçamos a nossa hipótese de que há dois padrões construcionais de “[Como] (se) não bastasse]”.

Ressaltamos que, embora em ambos os padrões, “[((Como) (se) não bastasse]” seja chamado de expressão conectora, em nossa análise de dados, fazemos a distinção entre os diferentes níveis de conexão, que começa na função [- conectora], representada pelo Padrão I, para [+ conectora], representada pelo Padrão II.

Com base na distinção entre os dois padrões, a hipótese central desta pesquisa é a de que a microconstrução “[((Como) (se) não bastasse]” exemplificada no Padrão II é um conector discursivo. A partir dessa hipótese, postulamos as hipóteses mais específicas:

- Em ambos os padrões, o nível de vinculação entre os itens que compõem o “[((Como) (se) não bastasse]” pode ser identificado pelas propriedades morfológicas?
- Há o fenômeno da gradiência entre os dois padrões? O Padrão I conecta porções menores do texto e o Padrão II conecta porções maiores, que estão acima do nível do período?
- O Padrão II apresenta frequência *token* mais alta em relação ao Padrão I?
- Tanto o Padrão I como o Padrão II de “[((Como) (se) não bastasse]” exemplificam uma maneira particular de conceptualizar, linguisticamente, a noção de adição?
- Os contextos de uso instanciados por “[((Como) (se) não bastasse]”, nos dois padrões, são marcados pela perspectiva do falante orientada para o ouvinte?

Com o propósito de responder a essas perguntas, são objetivos da pesquisa:

- Verificar, no eixo da forma, a configuração morfossintática de “[((Como) (se) não bastasse]”.
- Analisar, qualitativamente, os diferentes *types* de “[((Como) (se) não bastasse]” – do tipo [- conector] para [+ conector], com base nas diferentes porções do texto que são articuladas por “[((Como) (se) não bastasse]”.
- Descrever, quantitativamente, os dois *types* de “[((Como) (se) não bastasse]”.
- Relacionar a expressão conectora “[((Como) (se) não bastasse]” ao domínio geral da adição.
- Testar as propriedades da intersubjetividade e da postura epistêmica nos contextos de uso de “[((Como) (se) não bastasse]”.

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: no capítulo 1, traçamos, brevemente, o domínio geral da adição em diferentes áreas do conhecimento com o propósito de evidenciar que essa noção não é exclusiva da língua. Em seguida, exploramos a abordagem dada pelas gramáticas tradicionais aos constituintes de “[((Como) (se) não bastasse]”. Nosso

objetivo é verificar a visão dos principais gramáticos sobre esses componentes. E, por fim, descrevemos os dois tipos básicos de coesão – referencial e sequencial.

O capítulo 2 apresenta os pressupostos teóricos que norteiam a análise de nossa pesquisa. Para tanto, apresentamos os principais teóricos assim como os principais conceitos abarcados por essa abordagem. São explorados ainda, neste capítulo, a Construcionalidade, importante conceito para os estudos sincrônicos da língua, e os conceitos de Intersubjetividade e de Postura epistêmica, importantes propriedades para a investigação dos contextos de uso para onde a construção é recrutada. Além disso, apresentamos, de forma sucinta, o conceito de argumentação.

No capítulo 3, delimitamos a configuração do *corpus*, bem como os métodos utilizados para a análise de dados. Neste capítulo, justificamos a escolha de nosso objeto teórico, descrevemos o conceito da sequência tipológica, apresentamos os dois padrões de “[Como] (se) não bastasse]” e os critérios empregados para análise.

O capítulo 4 volta-se para a análise dos contextos efetivos de uso dos dois *types* de “[Como] (se) não bastasse]”, de acordo com os critérios de análise e com os pressupostos teóricos admitidos nesta pesquisa. Neste capítulo, nosso intuito é o de alcançar os objetivos traçados no trabalho.

No capítulo 5, tecemos as considerações finais sobre os resultados do estudo de “[Como] (se) não bastasse]”, a partir da análise de dados e da aplicação dos pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa. Ademais, lançamos mão de novas discussões para trabalhos futuros. Por fim, apresentamos as referências bibliográficas utilizadas.

1 REVISÃO DA LITERATURA

Tendo em vista que este trabalho objetiva descrever a construção “[((Como) (se) não bastasse]” na sincronia do Português Brasileiro (PB), consideramos importante a passagem pela revisão das gramáticas tradicionais para conhecermos se há um tratamento dado por elas ao nosso objeto de pesquisa. Além disso, uma vez que defendemos que essa expressão assume o valor de conector, incluem-se nessa revisão de literatura os tipos básicos de coesão (referencial e sequencial) na perspectiva da Linguística Textual. A seção 1.1 volta-se para o domínio geral da adição; a seção 1.2, volta-se para as definições tradicionais acerca dos componentes da construção; a seção 1.3 apresenta a conexão nas diferentes abordagens de texto. Por fim, na seção 1.4, trata-se dos tipos básicos de coesão: referencial e sequencial.

1.1 ADIÇÃO

De origem latina, a noção de adição significa, basicamente, “o que se acrescenta a algo, aumentando-o.”, segundo o Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2010). Amplamente utilizada em nosso dia a dia em diversas áreas do conhecimento, a adição se faz presente em nossa língua de maneira bastante expressiva. Por esse motivo, descrevemos, neste capítulo, algumas dessas áreas a fim de mostrar que esse sentido não se restringe ao campo da linguística, mas permeia outros âmbitos.

Segundo Bybee (2010), os processos de domínio geral são aqueles que operam em diversas áreas da cognição humana. Nesse sentido, pretende-se demonstrar que o conceito de adição faz parte desse processo, já que essa noção opera em diferentes habilidades humanas. Para tal conhecimento, descrevemos breves definições das áreas da Matemática e da Química, onde o termo *adição* é explicitado. Com base nelas, relacionamos a adição verificada nesses campos com o uso da adição nos estudos linguísticos.

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2010), a definição da palavra adição se divide em três acepções, a saber:

- (1) substantivo feminino
 - 1** ato ou efeito de ¹adir; acréscimo, adicionamento
 - 1.1** o que se acrescenta a algo, aumentando-o; aditamento
 - 2** Rubrica: aritmética.
 - operação que consiste em juntar quantidades homogêneas; soma
- (2) substantivo feminino

Rubrica: termo jurídico.

ato de ²adir; apresentação de petição ou do próprio herdeiro para recebimento de herança

(3) substantivo feminino

Rubrica: psicologia clínica, psiquiatria.

1 consumo persistente de drogas, de medicamentos ou de substâncias psicoativas, de origem psíquica ou física

2 propensão a ter hábitos compulsivos, a comportar-se de maneira singular e invariável qualquer que seja a situação (p.ex., de modo excessivamente crítico, agressivo ou querelante)

Tomando essas definições como base, identifica-se que a adição está presente em diversas áreas, revelando os seus usos interdisciplinares. No entanto, ainda que sejam aplicadas em áreas diferentes, percebe-se que há, como ponto em comum entre as definições aqui analisadas, a ideia de acréscimo/aumento.

A fim de investigar esse aspecto interdisciplinar, a seguir são apresentados os empregos da adição de maneira mais específica. Assim, na subseção 1.1.1, apresentamos a área da Matemática; na subseção 1.1.2, a área da Química e, por fim, na seção 1.1.3, explicitamos a adição nos estudos linguísticos.

1.1.1 ÁREA DA MATEMÁTICA

Ao falarmos em adição, não podemos deixar de pensar na área da matemática. Assim, buscamos a sua definição, mais especificamente, no âmbito da aritmética. Para tal área, a adição é uma operação que consiste em acrescentar quantidades até obter um resultado. Supõe-se que se deseja somar 5, 10 e 2. Essa operação é uma adição cujo resultado é 17 ou $5 + 10 + 2 = 17$. A adição, então, é usada com o propósito de se calcular o resultado final de uma junção de valores.

A adição combina dois ou mais números que implica a soma, o total ou o resultado de algo. Essa operação é muito utilizada no dia a dia, sendo útil em situações, como, por exemplo, na junção de quantidades, no acréscimo de algo, na sucessão, passagem de tempo e no deslocamento de distâncias.

No âmbito linguístico, a adição também significa acréscimo, conforme a definição do dicionário eletrônico Houaiss (2010). Assim como ocorre com elementos de natureza numérica, em elementos de natureza linguística também observamos a união de itens e/ou construções linguísticas(as) que têm por finalidade um todo significativo. Desse modo, reconhecemos que

a adição não é uma operação específica da língua, mas também de outras áreas da cognição humana.

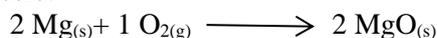
1.1.2 ÁREA DA QUÍMICA

Nesta área, a adição manifesta-se como um tipo de reação orgânica, chamada de reação de adição. Usberco e Salvador (2003) trazem a seguinte definição:

Reação de síntese ou adição

Quando duas ou mais substâncias originam um único produto.

Exemplo: O magnésio reage com o oxigênio do ar, produzindo óxido de magnésio:



Essa reação é utilizada em *flashes* fotográficos descartáveis e foguetes sinalizadores. (USBERCO E SALVADOR, 2003, p.187)

A definição desse tipo de reação se assemelha à da adição segundo o Dicionário eletrônico Houaiss (2010), uma vez que, em ambas as definições, dois ou mais elementos se reúnem para originarem um resultado. Ademais, reações orgânicas são fundamentais para os processos industriais e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da sociedade moderna. Essa afirmação reitera a nossa constatação inicial de que a noção de adição é muito comum em nosso dia a dia e permeia áreas diversas.

1.1.3 ÁREA DA LINGUÍSTICA

Na língua, de maneira comparativa, verificamos que essa relação também ocorre. A junção de elementos linguísticos pode implicar a construção de um novo sentido, diferente daquele atestado em cada elemento quando analisado individualmente. Rosário (2012), em sua tese sobre as construções correlatas aditivas, orientado pelos postulados de Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), aponta a existência de dois tipos de adição com base na equivalência estrutural entre dois ou mais termos coordenados, o que pode levar à reversibilidade, ou seja, os termos coordenados podem mudar de posição. Sob esse viés, são apresentados por Rosário (2012) a *adição simétrica* e a *adição assimétrica*.

Na *adição simétrica*, é possível mudar a posição dos termos coordenados sem comprometer o sentido do todo. Essa mobilidade demonstra que os membros da adição são

independentes e, por essa razão, podem figurar em uma ou outra posição. Já na *adição assimétrica*, essa possibilidade é excluída, tendo em vista que a ordenação dos termos coordenados reflete uma situação externa à língua.

Após averiguar em seus dados essa distinção, Rosário (2012, p. 61) concluiu que a correlata aditiva é sempre assimétrica. Para exemplificar tal constatação, vejamos as ocorrências apresentadas pelo autor:

- (1) E é óbvio que S. Exa., o Governador Sérgio Cabral, há de contar, tenho eu a certeza, também com a unanimidade do Parlamento estadual na defesa dos royalties do petróleo, tendo em vista os diversos impactos sofridos pelas unidades da Federação que são as produtoras, aquelas onde estão os recursos do petróleo, **não apenas** no pré-sal, **mas também** nas outras camadas do nosso mar territorial. – 09/09/2009
- (2) Estamos assistindo ao Big Brother e, no momento da divulgação do resultado das apostas, o locutor diz não sei quantos milhões de ligações, **não apenas** por telefone, **mas também** via internet. – 17/02/2009

Na primeira, Rosário (2012) observa que a reversibilidade dos termos correlatos resultaria em uma estrutura incoerente. Ele observa que o termo “outras camadas” só pode aparecer após ter como parâmetro um elemento precedente. Ademais, o autor também atesta que há uma ideia de *crescendum* entre os termos correlatos. Na segunda ocorrência, embora o autor reconheça que, aparentemente, a reversibilidade entre os termos possa ser aplicada, essa alteração implicaria a mudança da linha argumentativa, visto que, nas palavras do autor, *telefone é visto como um recurso mais utilizado para votações do reality show do que a internet, que, por sua vez, ocupa o limite de uma linha imaginária*. (ROSÁRIO, 2012, p. 61).

Em nossas ocorrências, verificamos que a noção de adição veiculada pela construção “[((como) (se) não bastasse]” apresenta o mesmo comportamento que aquele atestado por Rosário (2012) sobre as correlatas aditivas. Vejamos duas ocorrências de nosso banco de dados:

- (3) preparado para ser pai ou mãe de uma criança com deficiência. A mãe de Matheus nos retrata isso de maneira simples, mas profunda: "« Quando o Matheus nasceu, a gente se assustou e se desesperou porque não sabia direito o que ele tinha, então rezamos e pedimos pra Deus que nos ajudasse. E ele sempre nos ajudou. Mandou pessoas que nos esclareceram, como o médico, a assistente social e a psicóloga. [Achei que já tinha sido bastante, então ele mandou a fono, o terapeuta ocupacional e a fisioterapeuta, e como se não bastasse, mandou você, professora, que trata meu filho igual a os filhos de as outras pessoas.] Sou grata por a sua atenção. O Matheus que antes não queria vir para a escola, agora pede por você até em os finais de semana, e crianças não mentem, elas gostam de

ficar perto de quem faz elas se sentirem iguais "» (maio de 2007). Matheus foi encaminhado para o Centro Municipal de Atendimento Especializado e recebe atendimento fonoaudiológico, terapia ocupacional e fisioterapia. Tenho contato com (Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/meualuno>>. Acesso em: jul. 2018)

No exemplo (3), aparentemente, seria possível alterar a posição das porções textuais articuladas por “Como se não bastasse”, o evento “mandou você, professora, que trata meu filho igual a os filhos de as outras pessoas” poderia vir antes da construção e o evento “ele mandou a fono, o terapeuta ocupacional e a fisioterapeuta” depois. No entanto, assim como atestado por Rosário (2012), essa mudança implicaria um *crescendum* argumentativo empregado pelo falante, em que fica claro que o fato de aparecer uma professora que trata bem aquela criança com deficiência, sem diferenciá-la das demais, é mais relevante que a presença dos outros profissionais. Essa análise fica ainda mais evidente nos períodos seguintes, em que o falante relata que seu filho, após ter contato com essa professora, passou a frequentar a escola de maneira prazerosa.

- (4) com ganchos e são frequentemente agarrados com instrumentos pontiagudos por as trombas, pernas traseiras e orelhas. Você já notou que os elefantes de os circos ficam balançando de um lado para o outro? Esse não é um comportamento normal. É o resultado de viver anos acorrentado, negado a a necessidade de se mover livremente de um lugar para o outro. Os cavalos são açoitados por detrás de as orelhas e em o nariz. Além disso todos os animais estão sujeitos a a constantes choques elétricos, privação de água e comida e chicotadas. [E, *como se não bastasse*, o pessoal de circo com animal, compram ou capturam cães e gatos de rua, ou compram animais velhos (anunciam em jornais) para servir de alimentos a os grandes felinos.] Circos que ainda insistem em escravizar os animais, obrigando- os a se portarem de um jeito que seja? bonito? e? divertido? para o público. Se não freqüentarmos e se não forem bem-vindos em nossas cidades, estes circos serão obrigados a modificar seu espetáculo. (Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/sites_pessoais/sites/lm/anioutros/cobaiacircos.htm>. Acesso em: jul. 2018)

Em (4), essa linha de análise também pode ser aplicada, visto que as informações vinculadas por “como se não bastasse” também se configuram em um *crescendum* argumentativo, o que exclui a possibilidade de alteração da posição dessas informações. Ao narrar os fatos, o falante acrescenta um evento *o pessoal de circo com animal, compram ou capturam cães e gatos de rua, ou compram animais velhos (anunciam em jornais) para servir de alimentos a os grandes felinos* – ligado pela construção “Como se não bastasse” – que demonstra maior indignação em relação ao que foi dito anteriormente. Desse modo,

defendemos que, embora a mudança entre esses eventos seja gramaticalmente possível, a construção “Como se não bastasse” exemplifica o tipo de *adição assimétrica*, visto que a alteração no *crescendum* argumentativo tende a prejudicar o sentido do todo. O presente assunto será melhor explorado em trabalhos futuros.

Langacker (1991, p. 117) pontua que uma mesma experiência pode ser vista e descrita de diversas maneiras. Sendo assim, inferimos que, ao descrever uma cena, o falante materializa, por meio do uso da construção “[((Como) (se) não bastasse]”, a noção de adição, orientando-se pela ordem em que a cena se dá no mundo real. Com isso, atestamos que, linguisticamente, o uso de “[((Como) (se) não bastasse]” demonstra a perspectiva do enunciador. Além disso, a escolha do falante por usar essa estrutura conectora é uma maneira particular de conceptualizar a adição.

Com esse estudo interdisciplinar, não pretendemos traçar uma linha histórica sobre o conceito de adição nas áreas da Matemática e da Química, mas sim estabelecer relações entre as definições encontradas nessas áreas e aquela encontrada na língua, conforme visto nos estudos de Rosário (2012). Ademais, com essa breve análise, percebemos que a adição – consideradas as características particulares de cada área – faz parte das necessidades humanas e, por isso, não deve ser vista como uma propriedade exclusiva do âmbito linguístico.

Feitas essas considerações iniciais sobre o conceito de adição, apresentam-se alguns estudos linguísticos acerca dos componentes da construção em análise nesta pesquisa.

1.2 ABORDAGEM TRADICIONAL DOS COMPONENTES DA CONSTRUÇÃO

Nesta seção, apresentamos a abordagem de alguns autores tradicionais para os elementos que compõem a construção em estudo neste trabalho. Em primeiro lugar, cabe frisar que os gramáticos tradicionais seguem os rótulos estabelecidos pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), consagrada pela Portaria Ministerial número 36, de 1959. No entanto, há de se ressaltar que não é nosso papel fazer um julgamento acerca da abordagem apresentada pelas gramáticas tradicionais, dado que seu propósito não é dar conta do plano textual-discursivo da língua, mas centrar-se apenas nos usos prestigiados da norma padrão. Nesse sentido, as análises empreendidas até então têm por objetivo evidenciar que as próprias gramáticas apresentam divergências sobre os usos da língua e, portanto, demandam uma revisão.

Tecemos uma síntese dos componentes presentes na construção “[((Como) (se) não bastasse]”, com base em dois dicionários – Bechara (2009) e Houaiss (2010). A presença de

algumas divergências encontradas entre os autores, ao classificarem cada um dos componentes da construção em estudo, demonstra a necessidade de traçar uma visão geral desses elementos e, principalmente, auxilia-nos na hora de descrever se esses componentes preservam, quando juntos, os seus sentidos particulares.

Bechara (2009, p. 213), em *Minidicionário da Língua Portuguesa*, apresenta as acepções do *como*. Vejamos:

adv.1. De que modo. *Como fez isso?* **2.** A que ponto; quanto, quão. *Como ela é bonita!* **conj.caus. 3.** Porque, visto que. *Como estava muito frio, levei casacos.* **conj. comp.4.** Do mesmo modo que; tanto quanto. *É inteligente, mas não como você.* [do lat. *quomodo*.]

A descrição tradicional, via de regra, feita a partir de itens isolados, dá a percepção de que a abordagem é sucinta. Assim, a partir da consulta ao dicionário, verificamos o emprego de *como* figurando como advérbio e como conjunção. Acreditamos que o *como*, de “[*(Como) (se) não bastasse*]”, apresenta alguma relação, ainda que mínima, com o *como* comparativo.

Vejamos a definição de “se” apresentada também por Bechara (2009, p. 804):

conj.condic. 1. No caso de; caso. *Se não chover, viajaremos.* **conj.caus. 2.** Já que, dado que. **conj. integr. 3.** Introduce uma oração subordinada integrante. *Não disse se iria à solenidade.* [do lat. *si*.]

Segundo a definição de Bechara (2009, p. 804), o “se” pode ter valor de condição, de causa ou ainda ser uma conjunção integrante. Nas duas primeiras acepções, o *se* é caracterizado em termos de sentido – no primeiro caso, de condição e, no segundo, de causa. Já na terceira acepção, a conjunção é esvaziada de valor semântico, apresentando-se apenas o critério sintático, uma vez que liga a oração principal à subordinada. Ainda que saibamos que o dicionário prima pela objetividade, o fato de o autor não ter contemplado um exemplo para a conjunção causal pode ser prejudicial para um leitor ao buscar a definição do item.

Em seguida, analisamos a definição do item “não”, segundo Bechara (2009, p. 624):

adv.1. Expressa negação. [Antôn.: *sim*] **2** Anteposto a substantivos, adjetivos ou verbos, exprime negação da qualidade ou ação expressa pela palavra que se lhe segue. *não violência.*; *Não quero comer agora.* [obs: A norma acadêmica propõe que não se use hífen depois do *não* em *não agressão* e semelhantes porque nenhum Acordo Ortográfico recomendou tal prática.] **3**

Us. Como interrogação que subentende uma reação afirmativa. *Não está calor?*⁴ Us. para reforçar a negativa, quando repetido. *Não saio não.***sm. 5.** Negativa. *Ouviu um não da mãe.* [Pl. nesta acp.: *nãos*] **A não ser que** A menos que. **Quando não** Em caso contrário, senão. [do lat. *non.*]

Bechara (2009) classifica o item *não* ora como um advérbio, ora como um substantivo masculino. A segunda acepção dada pelo autor não é muito clara, pois, pela definição, parece que o *não* só pode estar anteposto ao elemento que nega, o que deixa de fora, por exemplo, a negação pós-verbal.

Por fim, mostramos a definição dada por Bechara (2009, p. 108) ao verbo “bastar”:

v.t.int.1. Ser bastante, ser suficiente “*Basta um centímetro prum grande coração...*” (Gilberto Gil, “Entre a sola e o salto”) **t.i. 2.** Ser autossuficiente (*Ele se basta, não precisa de ninguém.*) [**Conjug.** 1 **bastar**] [Do lat. vulg. **bastare.*]

De forma bem sucinta, o autor apresenta a definição de “bastar”, cujas acepções se limitam a três: *ser bastante*, *ser suficiente* ou *ser autossuficiente*. Nesse sentido, percebemos que, segundo o autor, a semântica de suficiência do verbo se mantém nas três possibilidades, eliminando qualquer tipo de interpretação divergente. Destacamos que essa é uma informação bastante relevante para a compreensão dos dois padrões construcionais atestados e analisados nesta pesquisa.

Vejamos agora, no quadro 1, as definições dadas por Houaiss (2010) para cada um dos elementos já explorados em Bechara (2009):

Quadro 1 – Componentes atômicos de “[(Como) (se) não bastasse]”

<i>Como</i>	<i>se</i>	<i>não</i>	<i>bastasse</i>
<p>Advérbio</p> <p>1 ocorre com valor circunstancial</p> <p>1.1 em frase interrogativa (direta ou indireta) Exs.: <i>c. conseguiram voltar tão cedo? ainda não se sabe c. conseguiram voltar</i></p> <p>1.2 em frase exclamativa Ex.: <i>como lhe custava vê-lo partir!</i></p> <p>2 com dupla função, pronominal e conectiva, tb. com valor circunstancial:</p> <p>2.1 que Ex.: <i>com o susto, de morena c. era, ficou branca</i> 2.2 pelo qual, por que Ex.: <i>este é o modo c. tratamos nossos amigos</i></p> <p>3 especializando os sentidos:</p> <p>3.1 modo:</p> <p>3.1.1 da maneira que Ex.: <i>fantasiou-se c. quis e saiu</i> 3.1.2 da mesma maneira que Ex.: <i>tratou dela c. fosse uma filha</i></p> <p>3.2 intensidade: com que intensidade, a que ponto, quão, quanto Ex.: <i>c. cheira bem a sua caldeirada!</i> 3.3 aproximação de grandeza ou intensidade: cerca de Ex.: <i>ficaram lá c. dois dias à espera</i></p> <p>Conjunção</p> <p>4 confere à oração subordinada os valores circunstanciais de:</p> <p>4.1 causa: pois que, porque, porquanto Ex.: <i>c. estivesse chovendo, puseram as pelerines</i></p> <p>4.2 conformidade: de acordo com, conforme, consoante Ex.: <i>c. dissemos, somos contra o acordo</i></p> <p>4.3 proporção: à medida que, à proporção que Ex.: <i>c. iam entrando, eram recebidos na portaria</i></p> <p>4.4 comparação, us. no segundo termo da comparação, indicando:</p> <p>4.4.1 cotejo, equivalência: tal qual, tanto quanto Exs.: <i>ele os adula c. qualquer um o faria velho c. Matusalém</i></p> <p>4.4.2 comparação hipotética ou subjetiva (seguido de <i>se</i>) Obs.: ver gram/uso a seguir Ex.: <i>os guardas circulavam armados, em grupos, c. se quisessem pressionar os manifestantes</i></p> <p>5 integra e acrescenta valor circunstancial à oração</p>	<p>Conjunção</p> <p>1 expressa subordinação à ação principal</p> <p>1.1 indica hipótese ou condição; no caso de Ex.: <i>se chover, não vou</i></p> <p>1.2 indica tempo; quando, enquanto Ex.: <i>se fala, irrita a todos</i></p> <p>1.3 indica causa; visto que, uma vez que Ex.: <i>se você tem carro, por que ir a pé?</i></p> <p>1.4 introduz oração subordinada substantiva e expressa dúvida, incerteza ou interrogação indireta; se acaso, se por acaso, se porventura Exs.: <i>não sei se ele vem pergunto-lhe se já tem uma solução para o caso</i></p>	<p>Advérbio</p> <p>1 expressa negação</p> <p>1.1 como recusa a uma pergunta ou resposta, ou a situações anteriores Exs.: — <i>Querem trabalhar? /— Não — Querem trabalhar? / Não parece</i></p> <p>1.2 como contestação Ex.: — <i>Tua mulher te abandonou? / — Não... Morreu</i></p> <p>1.3 como negação adversativa Ex.: — <i>Poderão eles ter paz? / — Mas não, terão guerra!</i></p> <p>1.4 como interrogação, revelando afirmação ou dúvida Ex.: — <i>Eles querem passar, não?</i></p> <p>1.5 como equivalente reduzido de oração integrante Ex.: <i>ele disse que não (= ele disse que não faz ou quer etc.)</i></p> <p>1.6 como membro de uma construção descontínua:</p> <p>1.6.1 aditivo-adversativa: não só (apenas, unicamente) ...mas (se não que, mas ainda, mas também) ... Ex.: <i>era não só forte, mas generoso</i></p> <p>1.6.2 explicativo-adversativa: não porque ... mas porque ... Ex.: <i>era bom não porque quisesse, mas porque percebia-se nele outro modo de ser</i></p> <p>1.6.3 aproximativa: não mais (menos) que Ex.: <i>não mais que cinco dias se passaram quando dali partíramos</i></p> <p>1.7 como enfático, em construção falsamente negativa (correntemente desnecessário no contexto) Ex.: — <i>Você não virá?</i></p> <p>1.8 nas interrogações negativas equivalentes a afirmações Ex.: — <i>Não disse que ela vinha? (= eu disse que ela vinha) - substantivo masculino</i></p>	<p>v. (sXV) <i>1t.i.int.</i> ser bastante ou suficiente; ser tanto quanto o necessário <<i>basta-lhe o mínimo para viver</i>><<i>poucas coisas bastam às pessoas não ambiciosas</i>><<i>sua força não basta para nos tirar daqui</i>><<i>não basta ser bonito, tem que ser rico</i>><<i>basta seguir em frente e chegará ao metrô</i>> 2pron. não necessitar de ajuda alheia; ser autossuficiente <<i>ela se basta para viver</i>> - basta de que se cesse; que se ponha um ponto final em; chega de <<i>b. de fingimentos</i>><<i>b. de falar mal dos outros</i>> • quanto basta FARM de modo suficiente (us. em receitas médicas para indicar a dose necessária ou azada) [abrev.: <i>q.b.</i>] – ETIM lat.vulg. *<i>bastare</i> 'levar, suportar, bastar, ser suficiente' < gr. <i>bastázó</i> 'levantar e levar um fardo' - HOM <i>basta</i>(3^ap.s.) / <i>basta</i>(s.f., s.m. e interj.); <i>basto</i>(1^ap.s.) / <i>basto</i>(adj. e s.m.)</p>

<p>substantiva Ex.: <i>acabaram confessando-lhe c. haviam conseguido entrar</i></p> <p>6 liga orações do mesmo nível sintático, relacionando-as por:</p> <p>6.1 correlação (esp. por meio do par descontínuo <i>tanto, tão ... como</i>) Ex.: <i>o filho possui tanta sensibilidade c. o pai (possui)</i></p> <p>6.2 adição Ex.: <i>na riqueza c. na pobreza</i></p>		<p>2 negativa enfática; recusa Ex.: <i>sua resposta foi um sonoro não</i></p>	
--	--	---	--

Embora as definições de Houaiss (2010) tenham alguns pontos em comum com as de Bechara (2009), nota-se que Houaiss (2010), de maneira detalhada, aponta os diversos usos de cada componente em estudo — não se limitando a uma vaga definição dos itens. Por exemplo, à diferença de Bechara (2009), o autor, ao definir o “como”, reconhece que ele pode apresentar valor modal quando funciona como advérbio. O autor também menciona os *valores circunstanciais* estabelecidos pela conjunção, sendo um desses valores o da comparação hipotética – *como se*. Essas possibilidades denotam a visão sensível do autor ao tratar da semântica do *como* – o que evidencia o valor polissêmico do termo.

Algo análogo ocorre com o “se”, pois Bechara (2009) o aborda de forma bastante sucinta, sem maiores esclarecimentos. Em contrapartida, a definição de Houaiss (2010) já aponta até mesmo a possibilidade de a conjunção expressar a circunstância de tempo.

Entretanto, apesar do maior detalhamento oferecido por Houaiss (2010), ainda assim o autor não apresentou uma acepção ou menção ao “[Como] (se) não bastasse”. É verdade que os dicionários estão mais focados em itens individuais da língua, por outro lado, essa ausência faz com que o leitor adote uma visão estritamente composicional do sistema linguístico, ou seja, a concepção subjacente é a de que o sentido de construções (como a que nos propomos analisar) é dado a partir da soma dos valores semânticos de seus componentes. Em decorrência disso, torna-se imprescindível uma análise construcional da língua.

A fim de complementar essas visões, seguimos para o tratamento dado pelas principais gramáticas tradicionais. Rocha Lima (2011), ao tratar do *como*, limita-se a breves textos introdutórios e a exemplos, por um lado, nas categorias das conjunções causais, conformativas e comparativas; por outro, nas orações adverbiais causais, conformativas e comparativas, sem apresentar mais discussões.

Bechara (2009), de maneira semelhante à abordagem estabelecida por Rocha Lima (2011), apresenta o “como” ao listar as principais conjunções e locuções conjuntivas subordinativas comparativas. O autor evidencia o uso do “como se” para indicar que o termo

da comparação é hipotético. De maneira inovadora, porém ainda discreta, o autor propõe, em suas observações, a possibilidade de se desmembrar o “como se” em duas orações. Essa proposta do gramático pode insinuar maior composicionalidade do “como se”, visto que, ao desmembrá-lo, teremos dois itens isolados que apresentam valores semânticos distintos, de comparação e de hipótese, que, juntos, formam a comparativa hipotética “como se”. O gramático apresenta o seguinte exemplo para ilustrar esse ponto de vista:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.
(BECHARA, 2009, p.495)

Kury (2003, p. 91) recorre à definição de Said Ali (1964) para conceituar as orações comparativas: “Equivalem a um adjunto adverbial de comparação; servem, pois, para esclarecer um pensamento ou conceito mostrando a semelhança, a igualdade (ou desigualdade), ou aquilo com que outra coisa está ou deixa de estar de acordo” (KURY, 2003, p. 91). Com base nessa definição, o autor propõe os vários tipos de comparativas, dividindo-as em assimilativas e quantitativas, como o fazem Rocha Lima (2011) e Bechara (2009).

Kury (2003, p. 91-92), ao tratar do “como se”, prefere chamá-lo de locução:

Se à comparação se acrescenta a conotação de hipótese emprega-se a locução *como se*:

“Os meus olhos rompiam a escuridão do horizonte, [*como se* a luz do sol os iluminasse].” (Herc., ap. Said Ali, GS, 201.)

Obs: - Alguns desdobram desnecessariamente essa construção em mais uma oração (condicional), subentendendo após o *como* o verbo da oração principal (“*como romperiam se...*”). Preferimos considerar *como se* uma locução. (KURY, 2003, p. 91-92)

Conforme se observa, diferente do proposto por Bechara (2009), a descrição de Kury (2003) já conduz para uma visão mais integradora da construção. Ao afirmar que o “como se” é uma locução – um conjunto de palavras que equivalem a um único significado – e que o seu desmembramento em duas orações é desnecessário, o autor, implicitamente, percebe que esses dois itens estão mais integrados. Essas divergências entre os gramáticos possivelmente se dão devido ao estatuto mais composicional de “como se”. Assim, reforçamos a importância de uma descrição construcional para explicar os diferentes níveis de arranjos de forma e de sentido.

Cunha e Cintra (2013) não oferecem contribuições relevantes sobre a conjunção *como*, limitando-se apenas a exemplos nas categorias dos adjetivos de grau comparativo, das conjunções adverbiais causais, comparativas e conformativas e das orações adverbiais

análogas. Salienta-se que os autores, ao apresentarem um exemplo com o “como se”, destacam apenas o “como”, desconsiderando a expressão “como se” como uma unidade de sentido, vejamos:

Surgiu, **como** se viesse doutro mundo, inesperada e pálida.
(C. de Oliveira, AC, 159.)
(CUNHA E CINTRA, 2013, p. 602)

Como podemos perceber, Cunha e Cintra (2013) nem mesmo destacam a conjunção “se” no exemplo das conjunções subordinativas comparativas. Essa visão dos autores mostra o status mais composicional de “como se”, visto que, no exemplo, os autores levam em conta apenas a presença da conjunção “como”.

Em relação ao “se”, as seções referentes às condicionais são bastante semelhantes e sua definição aparece de forma bastante sintética em algumas gramáticas consultadas, apresentando apenas breves explicações e seus respectivos exemplos.

Quanto à partícula “não”, Bechara (2009), de forma sucinta, inclui-o na classe dos advérbios de negação. Rocha Lima (2011), na seção em que analisa os advérbios, reserva uma parte denominada “Observação”. Nela, o autor engloba palavras e locuções que indicam afirmação, negação, exclusão, avaliação, designação, explicação e retificação. Para Rocha Lima, todas essas categorias não exprimem circunstância e, por essa razão, não podem ser consideradas advérbios. Além disso, nas palavras do autor, a partícula *não* incide em quaisquer palavras que queiramos marcar negativamente.

Luft (2000) classifica o “não” como um advérbio – classe que o autor divide em duas naturezas, a saber: (1) nominal “(depressa < de pressa)” (LUFT, 2000, p. 136) ou (2) pronominal “aqui, aí, ali” (LUFT, 2000, p. 136). Para o autor, “não” é um advérbio de natureza pronominal. Além dessa divisão, o autor ainda traça outras características desse advérbio, classificando-o como advérbio pronominal não-interrogativo indefinido que exprime circunstância de modo. Ainda que acreditemos que essa seja uma visão inovadora, a falta de explicações mais detalhadas dificulta uma possível interpretação entre essa postura e o “não” presente na construção em estudo. Cunha e Cintra (2013), bem como Kury (2003), por sua vez, classificam o “não” como advérbio de negação, sem esclarecimentos adicionais.

Nesta subseção, apresentamos a abordagem tradicional sobre os elementos que compõem o nosso objeto de estudo. Concluímos, portanto, que os autores tradicionais analisados nesta seção se preocupam estritamente com os itens gramaticais de forma isolada. Percebemos que nenhuma das obras consultadas trata da construção “[(Como) (se) não

bastasse]”, o que já era esperado, pelo fato de não haver tradição de estudos brasileiros nessa linha, ou seja, a partir de arranjos de forma e de sentido em nível superior ao da palavra/locução e inferior ao do período. Os autores consultados até apresentam o “como se”, no entanto, nenhuma das definições apresentadas se coaduna com os usos atestados nos dados analisados neste trabalho.

Essa etapa do trabalho teve como objetivo expor como os componentes da construção em estudo são vistos pela tradição gramatical. Na subseção seguinte, conduzimos o nosso estudo para o status da conexão nas diferentes abordagens do texto.

1.3 A CONEXÃO NA ABORDAGEM DO TEXTO

As gramáticas, em geral, definem as conjunções como palavras que relacionam orações ou termos semelhantes. De acordo com Rocha Lima (2011), as conjunções relacionam entre si:

- a) dois elementos da mesma natureza (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, advérbio + advérbio, oração + oração, etc.);
- b) duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação. (ROCHA LIMA, 2011, p. 234).

A definição apresentada por Rocha Lima (2011) revela que a tradição gramatical se volta para a conexão em níveis suboracional e oracional, desconsiderando a conexão supraoracional ou transfrásica. Essa mesma postura pode ser vista em Cunha e Cintra (2013), os quais definem as conjunções como “vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração” (CUNHA E CINTRA, 2013, p. 593). A abordagem dos autores demonstra que as gramáticas tradicionais não levam em consideração o plano textual-discursivo da língua, mas somente as relações sintáticas que ocorrem dentro dela.

Bechara (2009) define as conjunções da seguinte maneira:

As conjunções têm por missão, na língua, reunir orações num mesmo significado. Elas se dividem em coordenadas e subordinadas.
As coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se independentes umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.
Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.
Já a conjunção subordinada tem o papel de assinalar que a oração que poderia ser sozinha num enunciado, insere-se num enunciado complexo em que ela

perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*. Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor*. (BECHARA, 2009, p.319)

Bechara (2009) aponta definição semelhante à apresentada por Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2013). O que os diferencia é que, ao propor dois tipos distintos de conjunção, Bechara (2009) atribui a cada um desses tipos termos diferentes. Segundo o autor, a conjunção coordenativa, cujo propósito é reunir orações de mesmo nível sintático, é chamada de “conector”; e a conjunção subordinativa, a qual estaria inserida num enunciado complexo é chamada de “transpositor”. O autor não apresenta explicação detalhada de cada uma dessas nomenclaturas.

Azeredo (2008) – assim como Bechara (2009) – trata a conjunção subordinativa como um tipo de transpositor. No entanto, o autor explica de maneira detalhada o que significa o processo de transposição ao qual se refere, veja:

Chamamos de **transposição** o processo pelo qual se formam sintagmas derivados de outras unidades, as quais podem ser sintagmas básicos ou orações. (...) Graças à transposição obtém-se um número infinito de construções que o ser humano é capaz de comunicar e de compreender. (...) A transposição constitui, portanto, um mecanismo que permite expandir infinitamente os enunciados, mediante a utilização de um número limitado de meios – os transpositores – e de um número limitado de relações semânticas fundamentais. (AZEREDO, 2008, pp. 296-7)

A partir de uma visão mais esclarecedora, Azeredo (2008) usa o conceito de transposição para evidenciar as inúmeras possibilidades de construção dentro da língua por meio da utilização de um número finito de transpositores, os quais são classificados por ele como: conjunções adverbiais e conjunções integrantes. Isso fica mais evidente ao afirmar que “Graças à transposição obtém-se um número infinito de construções que o ser humano é capaz de comunicar e de compreender” (AZEREDO, 2008, pp. 296-7).

Sob viés funcionalista, Castilho (2010) faz a distinção entre conjunções sentenciais e conectivos textuais ao identificar as unidades discursivas e os parágrafos de um texto. Nesse sentido, o autor considera as conjunções como itens que ligam apenas as sentenças enquanto os conectivos conectam escopos acima do nível da sentença. Para tanto, o autor apresenta certos requisitos a fim de que um item lexical seja considerado um conector textual: “Eles devem ser expressões fóricas, por retomarem o que se disse e anunciarem o que se segue. Uma expressão

referencial não reúne as condições para atuar como conectivo” (CASTILHO, 2010, p. 237). Analisemos o seguinte exemplo retirado do nosso banco de dados:

- (5) acordo com um artigo de a Deafwhale Society, se alimentam de espécies que vivem em uma de as profundidades mais sensíveis a terremotos. Esses sismos alteram a pressão de a área e podem causar mudanças em estruturas internas de a cabeça de a baleia, o que afeta o seu sistema de sonar. Além de dores intensas, causadas por uma espécie de sinusite, o animal perde a capacidade de mergulhar para se alimentar e acaba sendo guiado por as correntes de superfície de o oceano. Muitos acabam, então, encalhando em bancos de areia. [como se não bastasse, também existem indícios de que a presença de sonares para fins militares, por exemplo, podem levar as baleias a encalharem.] Riscos dificultam salvamento Apesar de terem pulmões, as baleias são animais aquáticos e precisam de a água para sobreviver. Logo, essa é a causa mais evidente para o risco de vida que esses mamíferos correm. Porém, estar longe de seu habitat natural causa efeitos bastantes desagradáveis em as baleias e, apesar de não poderem ser vistos a olho nu, acabam compondo uma verdadeira sessão (Disponível em: <<http://102fmnatal.com.br/site/?p=1720>>. Acesso em: jul. 2018)

Ao analisarmos esse dado com base na proposta de Castilho (2010), percebemos que a construção “Como se não bastasse” conecta segmentos textuais. No polo da função, a construção soma os períodos anteriores – iniciado em “Esses sismos...” – aos períodos seguintes. Assim, segundo os critérios apresentados pelo autor, postula-se que a construção em estudo não é uma simples conjunção sentencial, mas sim um conector textual¹, já que conecta porções maiores do texto.

Mateus *et alii* (2003) distinguem, a partir de uma abordagem gerativista, o comportamento das conjunções, dos chamados complementadores – que, na abordagem tradicional, referem-se às conjunções subordinativas – e dos conectores. Vejamos:

A coordenação é caracteristicamente estabelecida pela presença de conjunções cuja função é explicitar o nexos entre os termos coordenados. As conjunções são palavras morfologicamente não flexíveis que veiculam prototipicamente valores de adição, alternância ou contraste entre os termos coordenados.

[...]

As conjunções distinguem-se dos complementadores (tradicionalmente designados conjunções subordinativas) não só pelos valores que veiculam mas

¹ Julgamos ser o termo “discursivo” mais adequado para enfatizar a função de conector no discurso.

também pelo facto de com eles poderem ocorrer quando os membros coordenados são frases subordinadas. (MATEUS *et alii.*, 2003, p. 558-9)

Mateus *et alii* (2003) estabelecem distinção sintática entre as conjunções e os complementadores. Após algumas análises, elas percebem que as conjunções são palavras que veiculam valores entre termos coordenados, e os complementadores, além de veicularem valores diferentes das conjunções, podem ocorrer com elas em uma mesma estrutura quando os membros coordenados são frases subordinadas. Com base nesse ponto de vista, são apresentadas as diferenças formais entre as conjunções e os conectores. Vejamos o que dizem as autoras sobre isso:

A distinção entre conjunções e conectores nem sempre é estabelecida nos estudos gramaticais que se baseiam fundamentalmente na função semântica desempenhada por ambos: a de estabelecer o nexos entre os membros coordenados.

[...]

Contudo, há diferenças formais importantes entre eles, que nos permitem concluir que, embora as conjunções coordenativas possam ser consideradas como uma subclasse específica de conectores, nem todos os conectores que surgem em estruturas de coordenação são conjunções.

Os conectores são expressões que têm um âmbito mais geral do que as conjunções. Ocorrem tanto em domínios de coordenação como de subordinação, mantendo o seu papel de explicitar a ligação entre os constituintes envolvidos. É o que acontece em (4) em que *por isso* retoma anaforicamente o conteúdo da oração principal através do pronome *isso*, e indica que a situação reportada deve ser entendida como um complemento de causa.

(4) A Ana fica toda a noite de vigília no hospital, sem que *por isso* se sinta excessivamente cansada.

Os conectores distinguem-se formalmente das conjunções e dos complementadores pelo fato de poderem co-ocorrer com eles. Assim, em (4) *por isso* segue o complementador *sem que*, e em (5) aparece adjacente à conjunção *e*.

(5) Está a chover e *por isso* deves levar uma gabardina. (MATEUS *et alii.*, 2003, p. 558-9)

Mateus *et alii* (2003) observam que a tradição se preocupa, basicamente, com a função semântica desses elementos e, com base nessa visão, pontuam que há diferenças formais importantes entre o conceito de conectores e de conjunções. As autoras explicitam, no trecho destacado, que os conectores são termos que ligam constituintes de maneira mais abrangente, enquanto as conjunções se limitam a ligar estruturas de coordenação. Essa postura das autoras se coaduna com as nossas ocorrências. O exemplo exposto a seguir demonstra isso:

- (6) de a Praia do Futuro e de a marcação de os triângulos por as ruas chapadas a a luz, e os oitizeiros; te escrevi. E sem qualquer esperança que me respondesses. Afinal, já iam uns bons três anos que eu não publicava nada em os jornais de Fortaleza, e, como sabes, as pessoas esquecem rápido. E nem blogue a gente tinha a aquela altura de o retorno. Além disso, estavas uma geração adiante. O que é bastante e suficiente para que a gente se olhasse em prevenção. [*E, como se não bastasse*, aqueles eram tempos de conexões discadas e precárias.] E de imeios semelhantes a as promessas de encontrar, que a gente sempre faz a amigos distantes e conhecidos próximos, a saber que nunca que irão acabar em boa cerveja. Quer dizer, era bastante incerto se chegavam ou não. O fato é que aquele chegou. E que me respondeste. Nunca convivi com ti, meu velho. O máximo que trocamos, um aperto de mão -- pode ser? -- em uma de essas cerimônias inglórias de (<http://afetivagem.blogspot.com/2012/09/olha-airton.html>, acesso em julho de 2018)

No fragmento, extraído de nosso banco de dados, assim como no exemplo (5) apresentado pelas autoras, a construção “Como se não bastasse” aparece adjacente à conjunção *e*. Assim, com base na distinção estabelecida por elas em relação às conjunções e aos conectores, afirmamos que a construção “Como se não bastasse” é um conector.

Por um lado, percebemos que a abordagem tradicional demonstra como o conceito de conexão nas gramáticas não é consensual, necessitando um olhar mais atento do pesquisador sobre as diversas formas de conexão do texto. Por outro, vimos que autores com perspectivas teóricas distintas já trazem à luz novas possibilidades de análise sobre os diversos tipos de conexão com base em estudos mais recentes.

Na próxima seção, abordamos os conceitos de coesão referencial e coesão sequencial.

1.4 A COESÃO REFERENCIAL E A SEQUENCIAL

Amparada nos pressupostos de Halliday e Hasan (1976), Koch (2010) afirma:

A coesão é, pois, uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos. A cada ocorrência de um recurso coesivo no texto, denominam “laço”, “elo coesivo” (KOCH, 2010, p. 16)

Tomando essa definição como base, destacam-se dois principais tipos de coesão: a referencial, a qual retoma ou introduz itens do próprio texto (referência endofórica) ou fora dele (referência exofórica), e a sequencial, que consiste no uso de mecanismos linguísticos por meio dos quais são estabelecidos diversos tipos de relações semânticas com a função de fazer progredir o texto.

Fávero (2004) propõe uma reclassificação em relação a esses dois tipos de coesão com base na função que exercem na construção do texto e não de classes de palavras, de léxico. Assim, a autora propõe três tipos de coesão: referencial, recorrencial e sequencial *stricto sensu*. Para este trabalho, nossa análise incidirá sobre os tipos referencial e sequencial.

Observemos o exemplo apresentado por Fávero para o tipo de coesão referencial por substituição:

Coesão referencial por substituição:
Tenho um automóvel. *Ele* é verde.
Ele = pro-forma pronominal
função: pro-sintagma (FÁVERO, 2004, p. 19)

O exemplo reforça a tese de que os elementos que têm como função estabelecer alguma referência no texto não carregam sentidos próprios, mas fazem apenas referência a algum item do texto a fim de contribuir para a sua interpretação. Assim, no exemplo, o item “ele” sozinho não tem valor semântico algum, cabendo-lhe apenas substituir o elemento “automóvel”.

Enquanto a coesão referencial volta-se para a retomada ou introdução de itens no texto, a coesão sequencial preocupa-se com o fluxo informacional. Neste caso, não há retomada de unidades gramaticais. Assim, por exemplo, na coesão sequencial por conexão, segundo as autoras, há interdependência semântica e/ou pragmática entre os enunciados que ajudam na progressão do texto e esse tipo de coesão é expressa por operadores do *tipo lógico, operadores discursivos e pausas*. A autora faz a seguinte distinção entre os do tipo lógico e o dos operadores discursivos:

Os operadores do tipo lógico têm por função o tipo de relação lógica que o escritor/locutor estabelece entre duas proposições (não devem ser confundidos com os operadores lógicos propriamente ditos, porque as línguas naturais têm sua própria lógica, diferente da lógica formal).
Os operadores discursivos têm por função estruturar, através de encadeamento, os enunciados em textos, dando-lhes uma direção argumentativa, isto é, orientando o seu sentido em dada direção (FÁVERO, 2004, p. 35)

A distinção entre os operadores do tipo lógico e os operadores discursivos está nas relações estabelecidas por eles no texto. Se a relação ocorre entre o conteúdo de duas orações, utilizam-se os operadores do tipo lógico; se a relação ocorre entre dois ou mais eventos distintos, encadeando-se o segundo sobre o primeiro, têm-se os operadores discursivos. A construção que defendemos neste trabalho ser um conector discursivo apresenta características do segundo tipo. Para exemplificar tal constatação, observemos a ocorrência a seguir:

- (7) Então, com ajuda de os sites 2s pare.com e Lo Interessante, apresentamos uma lista de 10 coincidências estranhas e surpreendentes. 1. A Maldição de o Raio Parece que toda a família está amaldiçoada quando três de seus homens, de diferentes gerações, morreram de a mesma forma e em o mesmo lugar. A história começou em 1899, quando um raio matou um homem que estava em seu quintal em Taranto, Itália. A vida continuou, mas 30 anos depois de seu filho foi morto de a mesma forma em o mesmo lugar. [como se não bastasse, em 8 de outubro de 1948, Rolla Primarda, o neto de a primeira vítima e filho de o segundo, se tornou o terceiro em a lista a morrer de a mesma forma que seus ancestrais.] 2. A passagem de o Halley Provavelmente, a vida de Mark Twain é uma de os mais conhecidas e comentadas em o mundo. É a história de um escritor que nasceu em 1835, em o mesmo dia em que o cometa Halley fez uma de suas aparições. (Disponível em <<http://ahduvido.com.br/dez-curiosidades-historicas-que-voce-nao-vai-acreditar>>. Acesso em: jul. 2018)

No fragmento em análise, “Como se não bastasse” encadeia eventos distintos em um contínuo de importância, orientando o leitor à informação mais impactante, que se encontra à direita da construção *em 8 de outubro de 1948, Rolla Primarda, o neto de a primeira vítima e filho de o segundo, se tornou o terceiro em a lista a morrer de a mesma forma que seus ancestrais*”. Logo, pode-se afirmar que a construção “Como se não bastasse”, nesta configuração, tem status de operador discursivo, de acordo com Fávero (2004).

Com base em Fávero (2004), podemos afirmar que a construção em estudo exemplifica tanto a coesão referencial como a coesão sequencial. Vejamos o exemplo (8):

- (8) O coordenador ia lendo o roteiro de a reunião, explicando a proposta de recuperação de a Irmandade, mas o ponto alto era a sucessão de depoimentos de homens e mulheres que tinham a coragem de falar de si mesmos, de suas fraquezas e dificuldades de forma extremamente honesta. Fui me emocionando cada vez mais, enquanto tentava aproveitar cada palavra dita em aquele grupo tão diferente e especial. [como se não bastasse, fui cercada de atenções e acolhimento em a hora de o intervalo, assim como o rapaz que eu acompanhava, que era um alcoólico procurando ajuda.] A sensação era de que finalmente havíamos

encontrado um lugar em que o alcoolismo de ele seria compreendido e também que ali teria chance de mudar o rumo de sua vida. Em aquele mesmo ano, fui procurar especialização em a área de álcool e drogas, visando oferecer a meus clientes um trabalho mais eficiente do que a psicologia que até então eu praticava (Disponível em: <<http://aabr.com.br/ver.php?id=185&secao=16>>. Acesso em: jul. 2018)

A ocorrência extraída de nosso banco de dados revela que a construção “Como se não bastasse” é referencial, na medida em que encapsula conteúdo prévio – *Fui me emocionando cada vez mais, enquanto tentava aproveitar cada palavra dita em aquele grupo tão diferente e especial.* –, e é sequencial, por conectar duas partes do texto, revelando que há interdependência sintática e semântico-pragmática entre elas. Assim, concluímos que não há totalmente uma fronteira entre a coesão referencial e a coesão sequencial, pois há formas, como a que analisamos nesta pesquisa, que operam a referência e, ao mesmo tempo, fazem o encadeamento.

Na próxima seção, seguem os pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos a fundamentação teórica que norteia o estudo da construção “[Como] (se) não bastasse”. Tendo em vista que a nossa preocupação é estudar a língua em seu uso efetivo, torna-se coerente delinear como corrente teórica principal a denominada Linguística Funcional Centrada no Uso. Para tanto, apresentamos, na seção 2.1, os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Em seguida, na seção 2.2, o conceito de Construcionalidade, que configura um importante arcabouço teórico para os estudos sincrônicos. Na seção 2.3, abordam-se os conceitos de Intersubjetividade e de Postura epistêmica, importantes processos para a investigação dos contextos de uso para onde a construção é recrutada. Por fim, na seção 2.4, apresentamos o conceito de Argumentação, importante para a nossa análise acerca do papel do conector discursivo.

2.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO (LFCU)

De modo a justificar o aporte teórico utilizado nesta pesquisa, trazemos à luz a linha de estudo que a norteia. O termo Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) tem origem no conjunto de pressupostos teórico-metodológicos compartilhados entre a Linguística Funcional, cujos principais estudiosos são Paul Hopper, Elizabeth Closs Traugott, Sandra Thompson, Talmy Givón, Bernd Heine, e a Linguística Cognitiva, representada por George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg, William Croft, Fillmore, entre outros. Portanto, é necessário fazer uma breve apresentação do conceito de Funcionalismo Clássico (uma das vertentes da Linguística Funcional) e de Cognitivismo, uma vez que o casamento de pesquisas desenvolvidas por ambas as escolas linguísticas resultou na base teórica Cognitivo-Funcional, orientada por Traugott e Trousdale, Bybee, Hilpert, entre outros.

O início dos estudos funcionalistas foi marcado pela preocupação em analisar o item isolado ou a trajetória específica desses itens no processo de gramaticalização, orientada pela correlação *forma x função*. Nesse primeiro momento, o foco recaía sobre um ou outro eixo. O contexto em que o item se encontrava, embora fosse mencionado, ainda não era critério de definição para análise.

Durante a década de 70, o Funcionalismo Clássico desenvolveu estudos cuja preocupação principal era analisar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. Segundo essa linha teórica, os fenômenos linguísticos são motivados

a partir dos usos concretos da língua. Isso significa dizer que esses estudos se propõem a analisar, simultaneamente, o discurso e a gramática a partir de dados empíricos. O discurso, nesse sentido, molda a gramática.

Nessa perspectiva, Sankoff e Brown (1976) e Givón (1979) definem discurso como os modos particulares com que os usuários se expressam verbalmente; e gramática como conjunto das regularidades linguísticas, como o modo convencionalizado do uso. Dessa forma, enquanto ao discurso cabe a espontaneidade e a autonomia da expressão verbal do indivíduo, à gramática cabe à regularização e sistematização desses usos.

Paralelamente à Linguística Funcional, encontra-se a Linguística Cognitiva, que também ganhou destaque na década de 80, e teve como proposta observar a estrutura da língua não só com base em seu processamento linguístico como também, e primordialmente, nas experiências de mundo dos falantes. Sendo assim, para tal perspectiva, a linguagem é um meio de interagir e construir o mundo, de organizar conhecimentos que refletem as experiências e as culturas.

Langacker (2008), com base em seus estudos sobre a gramática cognitiva, critica a maneira como a gramática é vista pela população em geral e, até mesmo, por alguns estudiosos da língua. Sob essa ótica, a gramática é interpretada como um sistema de formas arbitrárias baseadas em princípios abstratos não relacionados a outros aspectos da cognição humana. Contrapondo-se a esse olhar, o autor afirma que significados linguísticos também se baseiam na interação social, sendo negociados por interlocutores na avaliação mútua de seus conhecimentos, pensamentos e intenções. (LANGACKER, 2008, p. 4). Nessa perspectiva, as experiências dos falantes ganham notoriedade tendo em vista que é a partir delas que os aspectos linguísticos são desenvolvidos.

Nessa esteira de estudo, Goldberg (1995, 2006) define construção gramatical como o pareamento convencionalizado de forma e função, como esquema simbólico a partir do qual são instanciados os componentes da gramática. Nessa abordagem, o foco não é o item isolado e sim a instanciação de esquemas, na relação entre subpartes e seu nível de vinculação. Assim, a construção é definida como a unidade básica da gramática.

Em suma, no Funcionalismo, busca-se verificar os usos linguísticos e suas funções em contextos de uso. Já o Cognitivismo preocupa-se em estudar o modo como determinado povo conceptualiza o mundo para, então, exprimi-lo em sua língua nativa. Dessa união, surgiu a Linguística Funcional Centrada no Uso, que incorpora tanto pressupostos teórico-

metodológicos da Linguística Funcional quanto da Linguística Cognitiva. Vejamos os pontos que caracterizam a LFCU:

(...) rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural, entre outros (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 15).

Dessa forma, entendemos que a gramática passa a ser vista como resultante das situações concretas de comunicação, posto que são consideradas para análise tanto as propriedades da forma (fonológicas e morfossintáticas) como também as do sentido (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) (CROFT, 2001). Nesse viés, a análise passa a ser holística, ou seja, não há hierarquia entre os diferentes níveis da gramática.

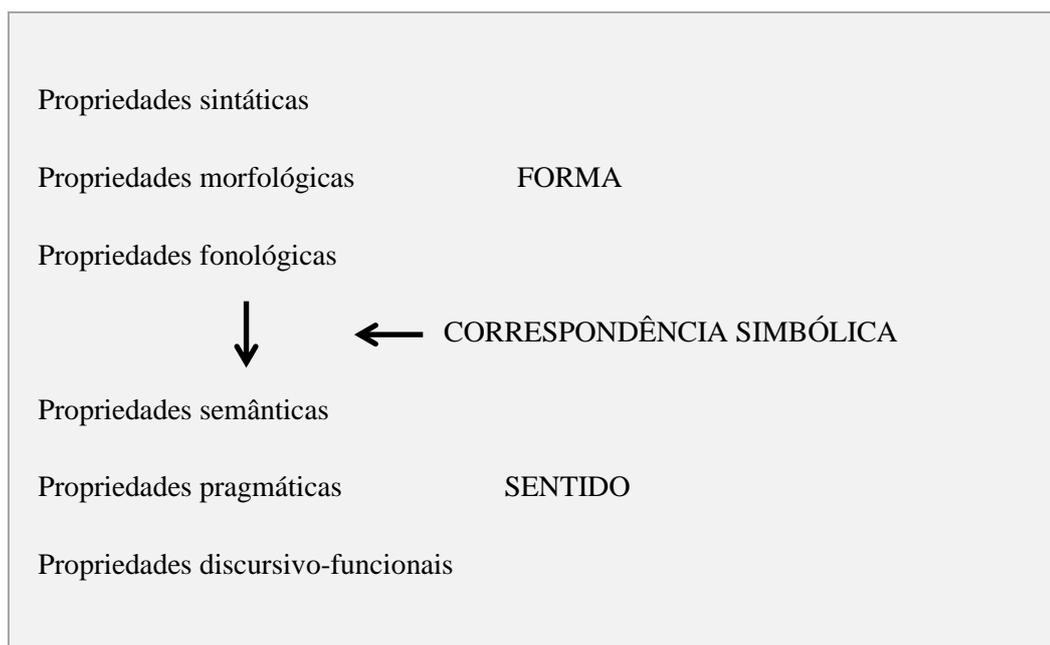
A partir desse ponto de vista, a LFCU entende a língua como produto das situações comunicativas e, por essa razão, há interesse em estudá-la e em investigar os elementos presentes na interação a fim de encontrar explicações para a codificação morfossintática. Nessa perspectiva, as práticas comunicativas revelam a instabilidade da língua e sua aparente regularidade. Portanto, cabe à LFCU buscar entender os fenômenos linguísticos com base nessa concepção mais ampla do contexto, descrevendo e explicando as mudanças que ocorrem tanto na sincronia da língua como em sua diacronia.

Desse modo, julgamos ser a LFCU uma base teórica coerente para esta pesquisa, que se preocupa em descrever e explicar o fenômeno “[((Como) (se) não bastasse]” com base nas situações efetivas de comunicação de maneira holística, analisando não só as propriedades fonológicas e morfossintáticas como também as semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

No âmbito dos estudos cognitivistas, Goldberg (1995) afirma que as *construções* são consideradas como unidades básicas da língua caracterizadas como pareamento convencional de forma e significado. Segundo a autora, a associação entre estruturas semânticas particulares e sua expressão formal é reconhecida como construções independentes dos itens lexicais que as instanciam. Desse modo, com base na “semântica de *frames*”, Goldberg (1995) defende que o significado geral da construção está relacionado às perspectivas dos indivíduos nas diversas situações comunicativas.

Croft (2001), a partir da Gramática de Construção Radical, argumenta que as *construções* são unidades básicas da gramática, são esquemas simbólicos. Para o autor, a relação entre forma e significado é interna à construção. Ademais, nesse modelo teórico, as construções são específicas às línguas e as categorias linguísticas são bem definidas. Para evidenciar quais são as propriedades da construção, Croft (2001) propõe a seguinte representação:

Quadro 2 – Modelo da estrutura simbólica da construção (CROFT, 2001, p. 18)



O quadro elaborado por Croft (2001) representa tanto as propriedades da forma como as do sentido de uma construção. Segundo Croft (2001, p. 19), o termo “significado” engloba propriedades da situação descrita pelo enunciado, propriedades do discurso em que o enunciado é encontrado e a situação pragmática dos interlocutores. Assim, esse modelo tem sido de grande importância para os estudos em abordagem construcional. No presente estudo, utilizamos o quadro de Croft (2001) como procedimento metodológico para auxiliar a análise da construção “[Como] (se) não bastasse”.

Para Bybee (2010), as *construções* também são um pareamento direto entre forma e significado. A autora argumenta que as construções são parcialmente esquemáticas, isto é, elas têm posições que podem ser preenchidas, denominadas de *slots*, e posições fixas, que representam o modelo exemplar da construção. Exemplos que são afetados pela frequência de ocorrências (*tokens*) podem determinar a representação da construção e sua produtividade.

Traugott e Trousdale (2013) defendem que a linguagem é uma rede de relações entre construções, sendo a *construção*, sob essa perspectiva, representada pela relação $[[F] \Leftrightarrow [S]]$,

em que a [F]orma é caracterizada pela sintaxe, pela morfologia e pela fonologia e o [S]ignificado, pelo discurso, pela semântica e pela pragmática. Nesse modelo, a seta de dois lados evidencia o vínculo entre forma e significado e os colchetes externos indicam que o pareamento forma-significado é uma unidade convencionalizada.

Após verificarmos as distintas interpretações do conceito de construção, como observado em Goldberg (1995, 2006), Bybee (2010), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), percebemos que é comum, nas gramáticas de construções, definir *construção* como a unidade básica da língua, assim como caracterizá-la como pareamento entre forma e função. Além disso, em todas essas vertentes, a gramática é vista como uma estrutura holística, constituída tanto por componentes da forma como pelos componentes do sentido. Nessa linha, nenhum nível gramatical é autônomo ou central, mas relacionado.

Esse ponto em comum entre os autores reforça um dos princípios fundamentais da pesquisa em abordagem construcional, que é o de analisar a estrutura semântica com base na estrutura sintática, como demonstrado em Goldberg (2002). Nessa esteira, pode-se afirmar que a estrutura da língua é formada pelo uso do idioma.

O modelo ao qual este trabalho se vincula é o proposto por Traugott e Trousdale (2013). Para a abordagem que querem estabelecer, os autores adotam as concepções da Gramática de Construção Cognitiva, com base em Goldberg (1995, 2006), e da Gramática de Construção Radical, orientada por Croft (2001). Traugott e Trousdale (2013, p. 2) “adotam a abordagem baseada no uso da linguagem e assumem que a estrutura linguística não é inata, e sim derivada de processos cognitivos; que são ações nas quais falante/ouvinte se envolvem, incluindo a linha de produção e percepção.”

Nesse sentido, a língua é uma rede de relações entre construções, e cada construção é representada por um nó na rede. Goldberg (1995), Croft (2001) e Langacker (2008) também compartilham essa visão. Nessa perspectiva, cada nó na rede especifica o nível de abstração de determinada construção. Assim, algumas construções são mais específicas e outras são mais abstratas. “[Como] (se) não bastasse” é um exemplo de construção mais específica.

Consoante Traugott e Trousdale (2013), a língua é uma rede de construções, de elos de função e forma. Assim, em relação ao conceito de esquematicidade, os autores postulam a organização hierárquica da construção em três níveis: (a) esquema; (b) subesquema; (c) microconstrução. O esquema é o nível mais alto da construção; o subesquema refere-se ao pareamento parcialmente esquemático, portanto, encontra-se no nível intermediário; e a microconstrução, por sua vez, está no nível mais baixo, ela caracteriza o nível dos *types*

especificados. Por último, encontra-se o constructo, que é a microconstrução materializada. Com base nessa organização, classificamos os padrões I e II no nível da microconstrução.

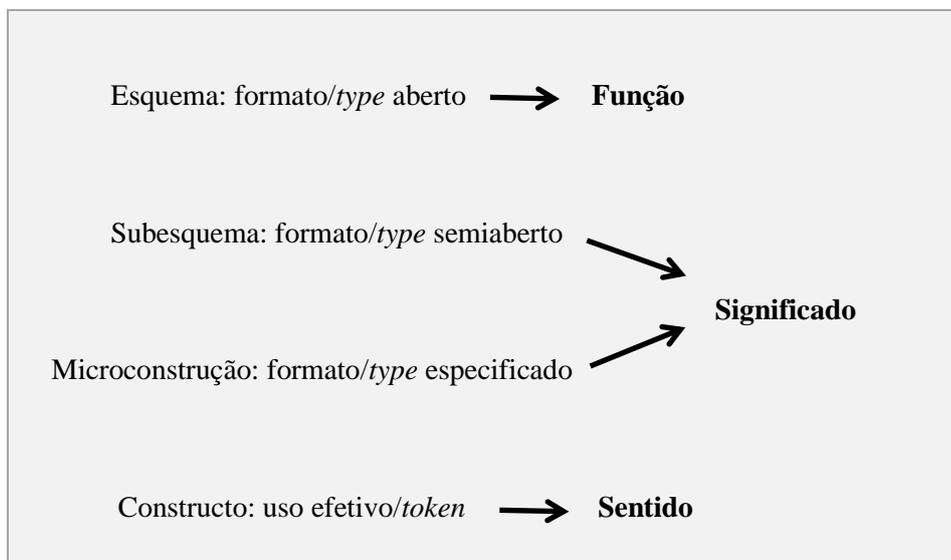
Pelo fato de o estudo da estrutura simbólica da construção ser um dos objetivos principais da pesquisa linguística na LFCU e, por sua vez, desta pesquisa, torna-se necessário dar um tratamento mais preciso e objetivo em relação à terminologia dessa estrutura. Sendo assim, pautamo-nos no estudo recente de Oliveira e Arena (2019), que visa a oferecer uma proposta para solucionar a imprecisão semântica da tríade *função/significado/sentido* em trabalhos em perspectiva construcionista. Cientes dessa confusão terminológica, as autoras propõem um refinamento com base na hierarquia construcional proposta por Traugott e Trousdale (2013), vejamos:

- a) o termo *função* deve ser utilizado na referência ao nível do esquema, o mais alto da hierarquia construcional;
- b) o termo *significado* seja usado para o nível do subesquema e da microconstrução;
- c) o termo *sentido*, por sua maior especificidade contextual, deve ser usado no plano do uso linguístico efetivo, do *token*. (OLIVEIRA E ARENA, 2019, p.30)

Assim, no nível do esquema – plano hierárquico mais alto –, cabe apontar *funções* mais gerais, com base na proposta de Nichols (1984). No nível do subesquema e da microconstrução, por representarem pareamentos mais específicos, o termo *significado* seria mais pertinente. Já no nível do *token*, do constructo, o termo *sentido* seria mais apropriado por ser motivado pelas relações textuais, pragmáticas e discursivas.

Observemos o quadro criado pelas autoras a partir dessa proposta inovadora:

Quadro 3 – Relação entre hierarquia construcional e de uso e eixo funcional
(OLIVEIRA E ARENA, 2019, p. 40)



Conforme demonstrado, a proposta das autoras com esse refinamento mostra-se bastante pertinente aos estudos de abordagem construcional, principalmente pelo fato de dar conta de atender ao eixo funcional da construção. Com relação a esse ponto, as autoras afirmam:

Ao contrário do componente estrutural ou formal, lidar com a contraparte funcional da construção significa lidar com maior complexidade, uma vez que se enfrentam questões de natureza abstrata e fluida, que muitas vezes ficam no nível da interpretabilidade. (OLIVEIRA E ARENA, 2019, p. 38)

Tomando como base que, de fato, a análise do eixo funcional apresenta maior complexidade em relação ao eixo formal, a proposta de Oliveira e Arena (2019) de refinamento da tríade *função/significado/sentido* mostra-se coerente e pertinente aos estudos da LFCU. Portanto, essa nova proposta será utilizada como procedimento metodológico em nossa pesquisa.

Conclui-se, nesta seção, que a língua não pode ser analisada de maneira isolada em relação a outros processos cognitivos. Conforme Bybee (2010), a visão de que a padronização da língua é parte de nossa capacidade de domínio geral de categorizar está presente em todas as abordagens aqui tratadas. Ademais, ao afirmar que “o conhecimento da língua é conhecimento”, Goldberg (1995, p. 5) reforça a ideia de que o conhecimento da língua faz parte de um conhecimento maior que abarca as mais diversas áreas da cognição.

Na análise do nosso objeto de estudo, adotamos a abordagem desenvolvida por Traugott e Trousdale (2013) entre outros autores. Para tanto, faz-se necessário apresentar os fatores de

esquemática, produtividade e composicionalidade com base no conceito de Construcionalidade, proposto por Rosário e Lopes (2019), que se preocupa em estudar as relações entre forma e sentido no plano sincrônico. Ressaltamos que, a depender do nível esquemático a que nos referimos, adotamos os conceitos de função, significado ou sentido.

Com base nessa seção, analisamos os seguintes dados:

- (9) baby que eu não troco com ninguém! Que país é esse? Em qualquer direção que se olhe, lá está ela. Numerosa (em quantidade e cifrões), poderosa (já são muitos rendidos a ela) e tentadora (alguns sonham em conhecer- la). Ah, essa danada corrupção! Em quem se pode confiar? Não dá pra acreditar! Vivemos em um país tão complexo quando se trata de problemas: fome, analfabetismo, exclusão social, tráfico de drogas, guerras "« favelais "», mortes, falsos policiais... [E *como se não bastasse* tanta miséria, os ricos querem mais, sempre mais.] Dão um jeito, driblam a lei, corrompem as pessoas, criam códigos para se comunicarem, mudam nomes, números, empresas, e quando a bomba estoura, fingem que nada é com eles. "« Quem, eu? Imagina... O caso está sendo investigado e a justiça será feita. Vocês verão que sou inocente "». Poupem- me. De tanta falsidade, de tanta mentira, tanta falta de vergonha em a cara, escrúpulos, (Disponível em: <<http://www.blogdadjoy.blogspot.com.br/>>. Acesso em: jul. 2018)
- (10) de estes mesmos tendões. Para as mulheres detentoras de seios grandes, é altamente recomendável que usem sutiã específico para esportes quando forem praticar corrida, já que os movimentos radicalmente oscilatórios podem romper os ligamentos que dão consistência a os seios. Correr pode deixar seios caídos, diz estudo inglês. Como escolher o sutiã certo para esportes? 5) Sedentarismo: causa flacidez em os músculos peitorais. A falta de exercícios físicos causa flacidez geral em os músculos, especificamente em o nosso caso, em os peitorais responsáveis por a sustentação de as mamas. [*como se não bastasse*, o sedentarismo leva a a obesidade, que por sua vez duplica a incidência de câncer de mamas.] Portanto, não é de mau tom que as mulheres puxem ferros em a academia, não com o objetivo de ficarem como as rinocerontes de o Pânico em a TV, mas com o intuito de manterem tudo em cima. Obesidade, preguiça e câncer de mama. 6) Efeito sanfona: causador de estrias. A repetição de o ciclo engorda / emagrece redundando em o aumento de a flacidez e (Disponível em: <<http://www.blogpaedia.com.br/2011/01/6-coisas-banais-que-prejudicam-os-seios.html>>. Acesso em: jul. 2018)

Os dados (9) e (10) exemplificam, respectivamente, os padrões construcionais I e II, como será mais bem definido no capítulo de análise. Em relação ao critério de esquematicidade, as construções do Padrão I como as do Padrão II são parcialmente esquemáticas, visto que, em ambos os padrões, as posições preenchidas pelos constituintes “como” e “se” podem ou não ser preenchidas. Em relação à produtividade, o Padrão II é mais frequente que o Padrão I, o que

pode revelar que o Padrão II tenha sido reinterpretado a partir do Padrão I. Com base no conceito de Composicionalidade sintática, verificamos que, no Padrão I, os componentes da construção estão menos vinculados e, por isso, são mais composicionais. No exemplo (9), verificamos que há sujeito do verbo *bastar* (tanta miséria). Já no Padrão II, as partes da construção estão mais vinculadas, sendo assim menos composicional e, por essa razão, já é vista como um *chunk*.

Tomando como princípio a definição de conector textual de Castilho (2010), no polo do sentido, em relação às propriedades discursivo-funcionais, o Padrão I tem a função [-conectora], por articular a conexão em porções menores do texto, e o Padrão II função [+conectora] por estabelecer essa conexão em níveis acima da sentença. Desse modo, justificamos que os dois padrões analisados são construções.

Na próxima seção, voltamo-nos para o conceito de Construcionalidade, proposto por Rosário e Lopes (2019).

2.2 CONCEITO DE CONSTRUCIONALIDADE

Em perspectiva construcionista, Rosário e Lopes (2019) propõem uma abordagem sincrônica para o estudo da mudança linguística chamada de *Construcionalidade*. Pautados nos pressupostos teóricos da Construcionalização e das Mudanças Construcionais, de Traugott e Trousdale (2013), que orientam a perspectiva diacrônica, Rosário e Lopes (2019, p. 92) definem a *construcionalidade* como:

a relação sincrônica estabelecida entre construções, de tal sorte que (i) duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática. (ROSÁRIO E LOPES, 2019, p. 92)

Rosário e Lopes (2019) consideram que nessa nova abordagem não há criação de um novo pareamento de forma nova com significado novo, conforme os estudos diacrônicos em construcionalização apontam, mas há convivência de duas ou mais construções em uma mesma sincronia. Assim, eles afirmam que as relações horizontais ou verticais entre essas construções configuram as relações de construcionalidade. Para a sustentação teórica do conceito, os autores exploram os conceitos de *variação*, *gradiência* e *gramaticalidade*.

Com base nos estudos de Trousdale e Traugott (2010), os autores concluem que a variação diz respeito “aos diferentes níveis de associação a um exemplar” (ROSÁRIO E LOPES, 2019, p. 89); a gradiência, a manifestação da variação em pequena escala; e a gramaticalidade, com base em Pietrandrea (2005, p. 54), é vista como um *continua* em que formas linguísticas são ordenadas pelos graus em escala.

Rosário e Lopes (2019) defendem o novo conceito com base no modelo de Construcionalização desenvolvido por Traugott e Trousdale (2013) para a mudança linguística. Nessa esteira de estudo, Rosário e Lopes (2019) apontam que indícios de investigação linguística sincrônica já haviam aparecido em Trousdale e Traugott (2010) antes mesmo de o modelo de Construcionalização se concretizar, vejamos:

Segundo Trousdale e Traugott (2010, p.39), “a variação, ao longo do tempo, envolve a emergência de construções gramaticais: um processo gradual e global, que envolve uma série de microrreanálises locais discretas”. Logo, a associação entre construcionalização gramatical e variação sincrônica já havia sido ensaiada pelos autores citados antes mesmo da consolidação do modelo da Construcionalização, mas não desenvolvida nas obras mais recentes. (ROSÁRIO E LOPES, 2019, p. 89)

A perspectiva adotada pelos autores revela a importância de se observar, em determinada sincronia, as construções gramaticais que emergem ao longo do tempo. Sendo assim, alguns fatores caros aos estudos diacrônicos foram sendo adaptados e moldados de modo a contribuir para as pesquisas sincrônicas. Rosário e Lopes (2019) propõem, nesse sentido, que os estudos em construcionalidade adotem os mesmos fatores de análise da Construcionalização, a saber: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*.

A *esquematicidade* origina-se do conceito de esquema, o qual diz respeito aos graus de abstratização inconscientemente percebidos pelos falantes a partir da experiência de padrões rotinizados. Sob esse viés, entende-se o nível de esquematicidade a partir de um *continuum*. Tal *continuum* refere-se ao grau de generalidade ou especificidade da construção. Assim, há construções bastante esquemáticas e abstratas, bem como construções pouco ou medianamente esquemáticas, como é o caso da construção em análise, que pode ser descrita da seguinte maneira: [(como) (se) não bastasse]. Essa gradiência envolve os *slots* a serem ou não preenchidos por palavras ou sintagmas.

A *produtividade*, fenômeno também gradiente, refere-se à frequência, a qual é de extrema importância para os estudos linguísticos, uma vez que ela pode ser responsável pela rotinização e cristalização de novos usos da língua. Sendo assim, ela diz respeito à (i)

extensibilidade, o grau em que outras construções são sancionadas no esquema; e ao (ii) grau em que os esquemas restringem elementos preenchedores de *slots*. A produtividade pode ser, conforme Bybee (2003), de frequência *type*, cuja análise se dá em relação aos diferentes padrões de uma construção específica, e de frequência *token*, que é feita com base no número de vezes em que uma unidade ocorre nos dados concretos de uso.

A *composicionalidade* faz referência ao grau de transparência entre forma e significado no nível da construção. Assim, se o significado geral de determinada construção é recuperado a partir de cada subparte, essa é uma construção mais composicional. Mas, se os itens composicionais não recuperam o seu significado no todo, a construção é menos composicional. Este fator divide-se em composicionalidade semântica e composicionalidade sintática. A composicionalidade semântica diz respeito ao significado das partes, se é ou não recuperado no significado do todo. Já a composicionalidade sintática diz respeito ao nível de integridade morfossintática das subpartes. (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 246).

A microconstrução “[*(Como) (se) não bastasse + Ø*]” apresenta os seus componentes vinculados de tal maneira que acreditamos ter comprometido a composicionalidade sintática, já que os termos estão sempre justapostos, sem termos intervenientes, sem flexão de tempo, modo e pessoa. Essa interpretação leva-nos ao conceito de *chunk*, que, segundo Bybee (2010) é uma unidade de organização da memória oriunda da repetição do uso de sequências de palavras.

No modelo de Construcionalização (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013), há aumento de esquematicidade e de produtividade e diminuição de composicionalidade. De fato, isso ocorre porque, ao longo do tempo, o significado das partes vai se tornando cada vez mais opaco e o significado da construção passa a ser recuperado a partir da soma do todo. Rosário e Lopes (2019, p. 98) atestaram que esses mesmos resultados “podem ser mensurados sincronicamente, desde que as construções em nível mais alto e em nível mais baixo ainda sejam empregadas na sincronia em estudo.”. Logo, ratificamos a relevância do conceito de Construcionalidade para este estudo de base sincrônica.

Na próxima seção, apresentamos outros dois conceitos caros à esta pesquisa: o de Intersubjetividade e o de Postura epistêmica.

Na próxima seção, apresentamos outros dois conceitos caros à esta pesquisa: o de Intersubjetividade e o de Postura epistêmica.

2.3 INTERSUBJETIVIDADE E POSTURA EPISTÊMICA

Ao defendermos uma investigação linguística em abordagem baseada no uso, pressupomos que a língua não pode ser dissociada do falante, desse modo, a ideia de neutralização da língua é vista sempre como uma idealização. Nesse sentido, acreditamos que as expressões linguísticas sofrem influência das diversas situações comunicativas, que são, *a priori*, marcadas pela subjetividade. Cabe-nos, então, compreender de que maneira essa subjetividade se dá no uso.

As construções em análise pressupõem a compreensão da expressão de atitude do falante marcada pela intersubjetividade. Para Traugott e Dasher (2002, p.20), a (inter)subjetividade se dá no relacionamento entre falante/ouvinte – escritor/leitor, em que cada participante é um sujeito falante que está ciente do outro participante como sujeito falante. Para Finegan (1995, p. 1, *apud* Traugott e Dasher, 2002, p. 20), na linguagem em uso, subjetividade “envolve a expressão do eu e a representação da perspectiva ou do ponto de vista no discurso dos falantes - o que tem sido chamado como *marca do falante [speaker's imprint]*”.

Segundo Traugott e Dasher (2002), a inferência sugerida é um processo resultante do uso particular de um constructo por um falante, que permite ao ouvinte analisar o enunciado de uma maneira também particular e compartilhar com o falante o sentido novo. Assim, esse sentido mais abstrato é criado a partir das situações externas à língua. Dessa maneira, a análise do contexto em que a construção em estudo é recrutada é de grande relevância para os resultados da pesquisa.

Na análise dos nossos dados, as microconstruções analisadas são recrutadas para um ambiente marcado por elementos lexicais que configuram a avaliação na expressão da perspectiva do falante. Nesse sentido, postulamos que a noção de Postura epistêmica também é um importante critério de análise para sinalizar os distintos contextos pragmáticos em que essas construções são instanciadas. Vale ressaltar que, na literatura especializada, o termo epistêmico pode estar relacionado a mais de uma definição, a depender do objetivo da pesquisa. Desse modo, ressaltamos que, nesta dissertação, adotamos a noção de postura epistêmica, conforme os postulados de Fillmore (1990 a, b).

Fillmore (1990 a, b), com relação aos estudos das condicionais na língua inglesa, define postura epistêmica como o grau de associação (ou dissociação) mental do falante com relação ao evento descrito da prótase P. Com base nesses estudos, Fillmore (1990 a, b) observa que, no inglês, as condicionais podem sinalizar posturas epistêmicas neutra e negativa. De modo

comparativo ao trabalho de Fillmore (1990 a, b), Ferrari (2016), ao estudar as condicionais no Português Brasileiro, verificou que elas sinalizam também a postura epistêmica positiva. Nesse sentido, a postura epistêmica pode ser positiva, neutra ou negativa. Vejamos o exemplo de postura epistêmica positiva e a análise feita pela autora sobre ele:

PF: se ocê pega aqui é um ensaio/esse texto é um ensaio tá vendo?

P1: [ahã]

PF: cê tem informação...

P2: cê já tem no ensaio/cê, cê já faz aquela reflexão...argumentativo/

P3: [argumentativo é]

P2: que o autor vai nos levar a refletir sobre determinado assunto, mas que ele não vai fechar questão, vai...o leitor né/se questionar/

PF: é o ensaio é até mais reflexivo até

P2: [reflexivo]

PF: tem um ponto sei lá/(+) se pegar um editorial que também é argumentativo/o editorial/ele tem um tom muito mais polêmico, enquanto texto argumentativo, do que ensaio (++) né (+)

P3: mhm então quer dizer aí a gente vê, pelo ensaio você já vai/ você já vai fazendo leitura preparando-se mais para uma reflexão (2.2) né isso?

PF: é (+) na verdade quando você pe/é pega um texto argumentativo do tipo ensaio (++) é quando você lê a informação aqui né/de que esse texto é um ensaio/cê fala: opa eu vou ler um texto (++) eu vou ler um texto de opinião(+)

[...]

Quanto à conjunção, vale salientar que a terceira condicional apresenta-se encabeçada por “quando”. Trata-se de um operador de domínios (Declerck 1988, Fauconnier, 1997), que pode ser interpretado com sentido genérico de “nas vezes em que”. Observa-se que, no trecho analisado, esse tipo de condicional retoma a primeira condicional, alterando-se basicamente a conjunção. A explicação para esse fato pode estar ligada às diferentes posturas epistêmicas adotadas nos dois diferentes momentos da interação. Inicialmente, a PF utiliza-se de uma postura epistêmica neutra para *sugerir* o domínio no qual determinadas afirmações quanto a tipos de texto devem se inserir. No segundo momento, o falante já *negociou com êxito* o domínio relevante, marcando a reintrodução desse domínio com a sinalização de postura epistêmica positiva. (FERRARI, 2016, p.125)

Ferrari (2016) constatou, a partir de suas análises, que *tanto o uso do presente do indicativo quanto o uso do futuro do subjuntivo sinalizam enquadres pragmaticamente marcados com relação à representação da situação em pauta* (FERRARI, 2016, p. 127). Sob esse ponto de vista, utilizamos, em nossa análise, a postura epistêmica para sinalizar o grau da perspectiva do falante com base no contexto pragmático para onde a construção é recrutada.

Para relacionar a análise de Ferrari às nossas ocorrências, vejamos um exemplo retirado do nosso banco de dados:

- (11) Essa pessoas, deveriam ter consciência e perceber que não existe manifestação sem o vandalismo, infelizmente a realidade é essa. Tenho é VERGONHA de morar em um país que me rouba todos os dias de forma inaceitável. MINHA PRÓPRIA NAÇÃO ME ROUBANDO?? Realmente, QUE PAÍS É ESSE? Brasileiro é como filho rebelde. Gosta de contrariar mas não sai debaixo de a saia de o papai. Esse governo nada mais é que o retrato de o povo. Elegem sempre os mesmos. Foram eleições em meio a debandada de pura corrupção, e *como se não bastasse* continuaram elegendo a massa podre de políticos. O Brasil tá reclamando de o que agora? Errar é humano, persistir em o erro é pura burrice. O povo merece e tem que pagar. TEM QUE TOMAR BARRACHADA MESMO! quem sabe não aprende e sai debaixo de a saia. O que falta para o brasileiro é memória. Turma de baderneiro. Vocês são farinha de o mesmo saco. Cambada de otários. Aposto que a maioria votou 3x em o PT. E esse papo de direita e (Disponível em: <<http://aredacao.com.br/colunas/28473/pablo-kossa/o-mito-do-protesto-pacifico>>. Acesso em: dez. 2019)

O fragmento em análise revela que “Como se não bastasse” articula duas porções textuais em uma sequência tipológica argumentativa. Nele, o falante sinaliza uma postura epistêmica negativa, uma vez que o falante, através dos adjetivos “rebelde”, “podre” e “baderneiro”, revela a sua perspectiva sobre o evento descrito. Dessa forma, reiteramos a importância de analisar a construção no constructo, onde o sentido é articulado, a depender das condições textuais, e onde se encontram as marcas linguísticas que nos direcionam para o significado da microconstrução em estudo.

Conforme visto, tanto a intersubjetividade como a postura epistêmica são critérios determinantes para expressar o grau de atitude do falante em relação a um determinado evento. O falante pode utilizar a postura epistêmica para perfilar a sua perspectiva e projetá-la para o leitor. Desse modo, adotamos as posturas epistêmicas positiva, neutra² e negativa para marcar os contextos pragmáticos em que a construção “[(como) (se) não bastasse]” ocorre.

2.4 A ARGUMENTAÇÃO

Em geral, a argumentação é vista como um tipo de texto cuja característica principal é a presença de argumentos com o propósito de orientar o leitor para o ponto de vista defendido pelo falante. Nesse sentido, faz-se necessário, na escrita, o uso de elementos linguísticos que auxiliem nesse objetivo.

² Em conformidade com a literatura, utilizamos o termo “neutra”. No entanto, reconhecemos que tal nomeação não é a mais adequada por defendermos que não há neutralidade na língua.

Para a Teoria da Argumentação da Língua, postulada por Ducrot e Anscombe (1980), construções complexas de caráter subjetivo tem valor discursivo fundamental para a construção de uma argumentação. A concepção de linguagem, para o linguista, está associada ao uso e tem por função argumentar, por isso o linguista defende que a argumentatividade está inscrita na própria língua (DUCROT, 1987). Assim, a escolha de um falante por uma determinada construção configura uma orientação de sentido de um enunciado.

Koch (2011), do ponto de vista da enunciação, apresenta dois tipos de relações: *a) as que se costumam chamar de lógicas ou semântica em sentido estrito; b) as que se podem denominar de paralógicas, discursivas ou pragmáticas.* (KOCH, 2011, p. 29). De acordo com Koch (2011), no segundo grupo estão as relações argumentativas, nas quais predominam todos os fatores referentes à perspectiva do falante, à sua relação com o ouvinte, aos pressupostos, que deixam, no texto, marcas linguísticas que revelam o modo como determinada enunciação foi produzida.

Os posicionamentos de Ducrot (1987) e de Koch (2011) convergem com o conceito de intersubjetividade proposta por Traugott e Dasher (2002), os quais defendem que o falante, ao construir um sentido mais abstrato, faz um convite ao seu interlocutor para compartilhar aquele novo sentido. Essa postura revela que a construção em estudo é mais um exemplo de que é necessário levar em consideração o contexto pragmático para onde a construção foi recrutada.

Com base nas contribuições de Ducrot (1987), Traugott e Dasher (2002) e Koch (2011), concluímos que a argumentação tem um papel relevante na língua, que é o de orientar o discurso por meio de elementos linguísticos capazes de encadear relações semânticas. Assim, nesta análise, corroboramos as posições dos autores citados e reconhecemos a importância do plano textual-discursivo para compreender de que modo as construções como a que nos dispomos a estudar são recrutadas na língua.

3 METODOLOGIA

Em primeiro lugar, escolhemos pesquisar as construções comparativas, uma vez que elas ainda não haviam sido estudadas dentro dos grupos de pesquisa dos quais fazemos parte. Em seguida, iniciamos as nossas pesquisas em algumas gramáticas tradicionais a fim de compreendermos o tratamento dado por elas a essas construções (orações adverbiais para a NGB).

Em nossa revisão da literatura, encontramos algumas divergências em relação ao tratamento dado à comparativa-hipotética “como se”, ora tratada como uma locução (visão mais integradora), ora tratada como a junção de um termo comparativo a um termo hipotético (visão menos integradora). A partir dessas divergências, passamos a fazer uma varredura no *Corpus do Português* com os elementos “como se”. Feita uma busca ampla com esses elementos, percebemos, entre os contextos analisados, que havia uma sequência específica de palavras que aparecia com frequência: “**como se** não bastasse”. Para ilustrar esse recorte, apresentamos três ocorrências:

- Então, tenho um compromisso muito maior. Não posso pensar Fortaleza hoje **como se** fosse há seis anos. Fortaleza cresceu porque os investimentos estão vindo de fora. (Disponível em: < <https://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em:)
- 4. Estado - Há figuras como Jorge Amado, dos escritores que mais vendem fora do País, e suas críticas não têm sido favoráveis. Martins - As pessoas emburram **como se** eu escrevesse ofensas pessoais e dizem que me contradigo quando gosto de um livro de um autor, e do seguinte, não. (Disponível em: < <https://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em:)
- Alguém já ouviu falar de o HAARP; o HAARP é um gigantesco campo de antenas transmissoras de alto poder, que envia energia radioelétrica até partes previamente selecionadas de a ionosfera que reflete de volta esta energia em forma de ondas eletromagnéticas de baixa frequência ELF penetrando qualquer coisa viva ou morta. **como se** não bastasse outros países também fazem uso de essa tecnologia que permite perturbar a crosta-terrestre para provocar terremotos, controlar o clima e perturbar o funcionamento de a mente humana. (Disponível em: < <https://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em:)

Ao nos depararmos com essa sequência, chamou-nos a atenção o fato de o “como se”, nesta sequência, aparentemente, não ter as mesmas propriedades linguísticas daquele “como se” que nos propusemos inicialmente a analisar. Assim, resolvemos voltar nossa investigação

somente para essa sequência e descartamos os demais dados com “como se”, visto que essa investigação seria mais original.

Como adotamos nesta pesquisa uma abordagem, predominantemente, baseada no uso, que se preocupa em estudar e investigar a língua a fim de compreender como as suas propriedades são desenvolvidas, as experiências dos falantes tornam-se o pilar da nossa análise. É no uso efetivo da língua que as variações e, conseqüentemente, as mudanças podem ocorrer. Sendo assim, é preciso descrever e interpretar o fenômeno em estudo com base nesse uso.

Portanto, a partir dos pressupostos teóricos adotados nesta pesquisa, estabelecemos uma análise de caráter qualitativo e quantitativo, uma vez que levamos em consideração a investigação linguística de maneira holística com base em contextos efetivos de comunicação. Além disso, de acordo com os postulados de Bybee (2010), para quem o alto grau de repetição de um fenômeno serve de base para o desenvolvimento da gramática, o fator frequência também é relevante para esta pesquisa, por isso a quantidade de ocorrência é disposta em números absolutos.

Neste capítulo, delimitamos a configuração do *corpus*, assim como os métodos utilizados para a análise de dados. Em 3.1, apresentamos o *corpus* selecionado e justificamos a sua escolha; 3.2, descrevemos as sequências tipológicas. Em 3.3, são descritos os padrões formados pela estrutura “[(Como) (se) não bastasse]”. Por fim, em 3.4, apresentamos as etapas de pesquisa e todos os critérios empregados para análise a partir do levantamento de dados.

3.1 *CORPUS*

A base de dados desta pesquisa é o *Corpus do Português* (disponível em <https://www.corpusdoportugues.org>). Atualmente, o *corpus* apresenta duas interfaces – uma antiga e outra mais atual. Para esta pesquisa, utilizamos a interface nova cuja base de dados contém um bilhão de palavras e é composta por amostras coletadas no final de 2015 em 1 milhão de páginas de quatro países diferentes: Brasil, Portugal, Angola e Moçambique, segundo o próprio *site* informa. Na interface nova, não há divisão do material em relação aos gêneros textuais, mas há duas divisões em relação ao recurso de busca utilizado, o “General” se refere às buscas gerais, realizadas no Google e também no “Blog” do Google e em outros blogs, e o “Blog”, que se refere às pesquisas feitas exclusivamente em blogs.

Nesta pesquisa, são utilizados os dados da modalidade escrita do Português Brasileiro porque acreditamos que, em geral, quando uma ocorrência já está na escrita, é porque,

provavelmente, ela já se convencionalizou em fases anteriores na oralidade. Assim, propomos a estabelecer uma análise sincrônica da língua escrita no período do século XX a partir dos contextos efetivos de uso, com base nos pressupostos teóricos da LFCU. No total, há 469 dados, sendo estes divididos em dois padrões distintos em relação ao grau de conexão que “[((Como) (se) não bastasse]” estabelece com o período ao qual está vinculado. Desse modo, no padrão I, há 218 dados, no padrão II, 251. Cabe ressaltar que, no padrão I, “[((Como) (se) não bastasse]” ora se vincula a um sintagma nominal, ora se vincula a uma oração não finita. Embora reconheçamos que para cada forma há um sentido, não nos preocupamos com a diferença formal entre as estruturas encontradas no padrão I pelo fato de o nosso objetivo principal ser a defesa de que a construção exemplificada no padrão II é um conector discursivo.

Como procedimento de busca, foi feita uma varredura dos seguintes elementos: “como se não bastasse”, nessa sequência, em bloco, no *Corpus do Português*. Para a identificação das ocorrências, ao final de cada trecho há o link de onde essas ocorrências foram retiradas e o mês de quando foram acessadas para esta pesquisa. Todos os fragmentos analisados são identificados com base nas fontes disponibilizadas pelo *Corpus do Português*. Como exemplo, temos:

- (12) em o Rádio hoje é porque eu passei pra eles o pouco que sei. Se tiver que sair de a minha cidade, vou sair mais é para tentar ganhar a vida e melhorar as condições de vida de a minha família. Você só tem valor quando ocupa algum cargo ou vira empresário, o ditado mais certo que já ouvi, você só vale o que tem. Tenho muitos amigos, mais hoje só posso contar com minha família, é isso. Boa tarde amigos e amigas! Para nós tarauacaenses teremos um "« SEMTENÁRIO inesquecível. [**como se não bastasse** ficarmos "« SEM "» COMEMORAÇÃO DO7 DE SETEMBRO, ainda ficaremos "« SEM "» o FESTIVAL DE PRAIA e "« SEM "» o FESTIVAL DE O ABACAXI.] É brincadeira com a população de a nossa querida Tarauacá, " a terra de o abacaxi grande e de a mulher bonita "». Em a sessão realizada em esta segunda-feira (16), os vereadores de Jordão aprovaram um projeto de lei, de autoria de o Executivo, que reduz os salários de o prefeito, vice e secretários. A proposta foi (Disponível em: <<http://aderlandio.blogspot.com/>>. Acesso em: jul. 2018)

Em todos os fragmentos utilizados ao longo da dissertação, a construção “Como se não bastasse” está em negrito. Além disso, o período no qual a construção se encontra é demarcado por colchetes. Estão sublinhadas as porções textuais que são recuperadas pela construção no padrão II a fim de determinar o grau de conexão entre “Como se não bastasse” e a porção que recupera. Seguem os exemplos:

- (13) pára ajo sempre de a mesma maneira. Em a faculdade as coisas começaram a correr mal porque sem amigos, poucos conhecidos e uma sensação de que todos reparam que não falo com quase ninguém, etc., é desmotivador e falto tanto quanto posso. Juntando a a timidez estou com um problema de ter um namorado de quem gosto como amigo mas não consigo dizer- lhe. É insuportavel pensar em magoar alguém, não sou capaz de lhe dizer e claro que tenho medo de ficar mais isolada prque só convivo com a família e com ele. [*como se não bastasse*, estou com comportamentos compulsivos de o género de tocar em as coisas varias vezes... (é a primeira vez que escrevo ou falo sobre isto e estou com um nó em o estomago...)] Não aparento alguém com sentimentos depressivos nem nada de isso, sou alegre junto de a minha família, falo muito, rio sempre e faço um esforço enorme por manter a boa disposição de quem me rodeia. Já em o passado tive sintomas de anorexia que passaram por a perda de peso, pesagem de (Disponível em: <<http://apsicologaresponde.blogspot.com/2010/02/fingir-que-esta-tudo-bem.html>>. Acesso em: jul. 2018)
- (14) Em o ciclo olímpico de 2.004 a 2.008, o Estado injetou em o Comitê Olímpico Brasileiro, somando as estatais, cerca de R\$ 1,2 Bilhão. Vide as contas exatas em o website Contas Abertas, de esse Senado Federal. A maior parte de esse dinheiro, ao que parece, foi gasta sem licitação pública, ao contrário de o que determina, claramente, o Decreto 5.139/2004, que regulamenta a Lei Piva. Isso deu ensejo a a instauração de um procedimento investigatório por o Ministério Público Federal, através de a Portaria Nº 39/2.008 [*como se não bastasse*, o Tribunal de Contas da União ("« TCU "»), fez um Relatório seguido de Voto, que ataca de maneira inapelável as contas de os Jogos Pan-Americanos de o Rio de Janeiro 2.007, cujo super faturamento atingiu 1.000 % (hum mil por cento).] Sim, 1.000 % (hum mil por cento) de dinheiro nosso. Ademais, diariamente se lê e ouve em a imprensa a insatisfação de o povo brasileiro de a comunidade esportiva de o nosso País, de os pobres Atletas (Disponível em: <<http://albertomurray.wordpress.com/2008/12/20/e-mail-enviado-aos-quatro-senadores-do-pmdb-que-retiraram-as-suas-assinaturas-da-cmpi-do-esporte-olimpico-brasileiro-nos-vamos-vencer-se-cada-um-fizer-a-sua-parte-o-senado-federal-ha-de-ouvir-o-clam/>>. Acesso em: jul. 2018)

Nos dados analisados, as partes sublinhadas referem-se às porções textuais que “Como se não bastasse” recupera. Assim, em (13), “Como se não bastasse” recupera o período que o antecede (*É insuportavel pensar em magoar alguém, não sou capaz de lhe dizer e claro que tenho medo de ficar mais isolada prque só convivo com a família e com ele*). Em (14), a construção recupera uma porção textual ainda maior, todo o parágrafo anterior (*Em o ciclo olímpico de 2.004 a 2.008, o Estado injetou em o Comitê Olímpico Brasileiro, somando as estatais, cerca de R\$ 1,2 Bilhão. Vide as contas exatas em o website Contas Abertas, de esse Senado Federal. A maior parte de esse dinheiro, ao que parece, foi gasta sem licitação pública, ao contrário de o que determina, claramente, o Decreto 5.139/2004, que regulamenta a Lei*

*Piva. Isso deu ensejo a a instauração de um procedimento investigatório por o Ministério Público Federal, através de a Portaria Nº 39/2.008). Com tais marcações, pretendemos evidenciar um *continuum* de conexão, que começaria na função [- conectora], como no exemplo 12, para [+ conectora], como no exemplo 14, conforme a definição de conector textual proposta por Castilho (2010).*

Na seção que se segue, apresentamos a descrição das sequências tipológicas.

3.2 DESCRIÇÃO DAS SEQUÊNCIAS TIPOLOGICAS

Como a interface nova do *Corpus* utilizado nesta pesquisa não nos fornece nenhuma classificação de texto das amostras coletadas e por considerarmos a sequência tipológica um critério relevante na análise dos nossos dados, faz-se necessário apresentar uma breve definição do que tratamos aqui por sequência tipológica. Assim, com base na proposta de Marscuchi (2008), definimos sequência tipológica como modos textuais caracterizados pela natureza linguística de sua composição, a qual compreende os aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo. Nesse sentido, o autor afirma que um dado texto pode conter mais de uma sequência tipológica, não se limitando a um único tipo. Quando, em um texto concreto, predomina uma sequência, pode-se dizer que o texto é argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo, nas palavras do autor. Para ilustrar tal ponto, o autor analisa as sequências tipológicas do gênero *carta pessoal*. Aqui apresentamos uma parte dessa análise:

Exemplo (2): NELFE- 003 – Carta pessoal

Sequências tipológicas	Gênero textual: carta pessoal
Descritiva	Rio, 11/08/1991
Injuntiva	Amiga A.P. Oi!
Descritiva	Para ser mais preciso estou no meu quarto, escrevendo na escrivadinha, com um Micro System ligado na minha frente (bem alto, por sinal).
Expositiva	Está ligado na Manchete FM – ou rádio dos funks – eu adoro funk, principalmente com passos marcados. Aqui no Rio é o ritmo do momento... e você, gosta? Gosto também de house e dance music, sou fascinado por discotecas! Sempre vou à K.I,
Narrativa	ontem mesmo (sexta-feira) eu fui e cheguei quase quatro horas da madrugada.
Argumentativa	O problema é que ela é muito ciumenta, principalmente porque eu já fui afim da B., que mora aqui também. Nem posso falar com a garota que S. já fica com raiva.

(MARCUSCHI, 2008, p 156-7, adaptado)

Na carta pessoal analisada por Marscuchi (2008), percebemos a variedade de sequências tipológicas que ela contém. Essa constatação vai ao encontro da proposta do autor de que um dado texto geralmente apresenta mais de um modo textual. A partir dessa ilustração trazida pelo autor, analisamos três ocorrências retiradas de nossa amostra de dados:

- (15) discurso de estuprador começa assim. Todo estuprador, aliás, é aquele homem inseguro, que gosta de falar de o tamanho próprio pau, quase certamente por complexo anatômico (em o clipe em questão o espectador tem o desprazer de ler: "« Thicke tem pau grande "»). O que se esperar de um sucessor de João Havelange? Seph Blatter já foi pego em pelo menos meia dúzia de escândalos. E agora vem falar que está & chatiado com as reações de os brasileiros a os estádios superfaturados de a Copa do Mundo. [E como se não bastasse ser ladrão e corrupto, tinha que ser boçal também.] Sephizinho propôs que as mulheres de a Liga Feminina de Futebol começassem a usar shortinhos como de o vôlei de praia, para tomar o esporte mais atrativo. Atrativo para quem? Para um velho nojento que nem ele? O negócio é correr, driblar e mandar o shortinho para aquele lugar singular de a anatomia de Blatter em um chute preciso. Esse senhor que mais parece a versão feminina de Jocelyn Wildenstein é o CEO de a marca tão cultuada (Disponível em: <<http://501pranaopegar.tumblr.com>>. Acesso em: jul. 2018)

- (16) um silêncio, a um profundo silêncio, de uma de suas performances feita em o MoMA (Museu de Arte Moderna) em Nova York, em 2010. Em a performance, Marina se propôs a ficar, durante 1 minuto, sentada diante de qualquer pessoa em silêncio. O ato se repetiu durante 3 meses, seis dias por semana, sete horas e meia por dia. Homens e mulheres anônimos, de diferentes cores e nacionalidades, sentaram-se diante de a artista e verteram lágrimas. A cena, sozinha, já seria emocionante. [como se não bastasse, um de seus antigos -- e maiores -- amores, de quem ela havia se separado há 23 anos e com quem havia combinado nunca mais se encontrar, pegou uma senha e sentou-se diante de ela.] O minuto que se seguiu já circulou exaustivamente em as redes sociais, mas, dentro de o contexto de o documentário, maximiza-se. Vale a pena assistir muitas vezes. Para aquecer-lo em estes dias de inverno, minha sugestão não poderia ser outra: mergulhe em o universo silencioso de (Disponível em: <<http://abr-casa.com.br/blog/coletivocasa/2013/07/>>. Acesso em: jul. 2018)
- (17) o fim de o calendário Maia, com o pico solar, entre outros, temos também o tal "« Alinhamento Galáctico "», que ocorreria em 21 de Dezembro de 2012. Contestando os místicos que acreditam piamente em tal evento como sendo algo que causaria o fim de o nosso planeta, esse alinhamento (ou quase alinhamento em a verdade) acontece todo ano. Isso mesmo, todo dia 21 de Dezembro (data de o início de o verão em o hemisfério sul) ocorre o alinhamento Terra -- Sol -- Centro de a Via Láctea. [como se não bastasse, ocorre um outro quase alinhamento todo dia 21 de Junho (entrada de o Inverno em o hemisfério sul) sendo Sol -- Terra -- Centro de a Via Láctea.] Ou seja, esse alinhamento acontece 2 vezes por ano, e não é novidade nenhuma. Já com relação a os outros planetas de o Sistema Solar, não haverá nenhum alinhamento previsto, como mostra afigura abaixo. * A Inversão de os Pólos Magnéticos Outro agravante para o fim de o mundo, segundo alguns místicos, seria a inversão (Disponível em: <<http://alefnossomundo.blogspot.com/2012/12/a-verdade-sobre-o-fim-do-mundo.html>>. Acesso em: jul. 2018)

Em (15), o fragmento em análise é um exemplo de sequência tipológica argumentativa. Nele, observamos que o falante sustenta seu ponto de vista com base em informações descritivas de eventos que ocorreram no país. Assim, as relações articuladas por “Como se não bastasse” são argumentativas. No exemplo (16), temos a sequência tipológica narrativa. O falante narra uma cena, com base em um *continuum* de relevância, através de uma sequência de ações. Nesse caso, as relações articuladas por “Como se não bastasse” são narrativas e, além disso, a construção contribui para a sucessão de ações que vão se desenrolando. Em (17), temos uma sequência tipológica expositiva, pois o falante faz uma breve explanação sobre a crença no fim do mundo, de acordo com o calendário maia. Nesse caso, a linguagem é direta e objetiva, visto que a finalidade do falante é a de apenas informar o leitor.

Nos fragmentos (15) e (16), percebemos a perspectiva do falante sobre os eventos descritos. Em ambos, há presença de modalizadores (*quase certamente, pelo menos, ladrão e corrupto, boçal, atrativo para quem?; emocionante, antigos, maiores amores, exaustivamente*) que marcam o grau maior de intersubjetividade, uma vez que o intuito do falante é o de agir sobre o leitor. Já em (17), verificamos a exposição de um fato, no qual há, predominantemente, relações externas à língua.

A partir das análises, pode-se afirmar que, nos três exemplos, a construção “Como se não bastasse” expressa sentido de adição, visto que, em todas as sequências tipológicas, a construção adiciona uma nova ideia, que, por sua vez, é mais proeminente que àquela com a qual a construção se vincula no período e, também, a que retoma. Em (15), o sentido de adição é construído em um contexto marcado por relações argumentativas; em (16), por relações narrativas e, em (17), por relações expositivas.

Embora atestemos que “[((Como) (se) não bastasse]” é instanciado em contextos marcados por essas distintas sequências tipológicas, advogamos que, em todas as ocorrências, a construção apresenta carga grande de argumentatividade. Assim, o seu uso em diferentes contextos confere importante valor discursivo para a construção da argumentação.

Em relação à informação mais relevante, em (15), temos “tinha que ser boçal também”; em (16) “um de seus antigos -- e maiores -- amores,(...), pegou uma senha e sentou-se diante de ela.”; e, em (17), “ocorre um outro quase alinhamento todo dia 21 de Junho (entrada de o Inverno em o hemisfério sul) sendo Sol -- Terra -- Centro de a Via Láctea.”. Com base em nossa intuição de falante e em nosso conhecimento de mundo, nas três ocorrências, “Como se não bastasse” adiciona uma informação mais relevante em relação ao fragmento como um todo. Essas análises só reforçam a nossa hipótese de que o sentido da construção só é articulado no constructo, onde a construção é motivada por relações textuais, pragmáticas e discursivas, conforme propõem Oliveira e Arena (2019).

Feitas as observações necessárias sobre as sequências tipológicas, seguimos para a descrição dos padrões da construção.

3.3 PADRÕES

Com base no nível de conexão estabelecido pela construção “[((Como) (se) não bastasse]” entre as porções textuais e nas suas distintas propriedades morfológicas, analisamos duas microconstruções representadas por padrões. No padrão I, temos: “[((Como) (se) não

bastasse + (sintagma nominal ou oração não finita)]” e, no Padrão II, “[((Como) (se) não bastasse + \emptyset)]”. Embora os dois padrões construcionais tenham algumas propriedades semelhantes, postulamos que eles conectam porções textuais em diferentes níveis, além de apresentarem graus de vinculação distintos, o que motiva a formulação de diferentes hipóteses para cada um deles, o que será atestado na análise de dados. Nesse sentido, definimos que “[((Como) (se) não bastasse + (sintagma nominal ou oração não finita)]” tem uma função menos anafórica, portanto, tem função [- conectora] ao passo que “[((Como) (se) não bastasse + \emptyset)]” recupera porções acima do nível da sentença e, por isso, tem função [+ conectora] e é denominado, neste trabalho, de conector discursivo.

O primeiro tipo, intitulado Padrão I, apresenta as ocorrências em que a construção “[((Como) (se) não bastasse)]” tem função [- conectora]. Esse padrão apresenta um status menor de conexão em relação aos dados atestados no Padrão II. Além disso, verificamos, no Padrão I, que os componentes da construção ainda são mais composicionais. Veja-se um exemplo desse padrão:

- (18) o descaso que eles fazem. Por fim, cheguei a conclusão que categoria O, são em a sua maioria pessoas que já possuem uma outra renda e lecionam apenas para complementar esta renda, não se importando muito com o que acontece. Lamentável! Trabalho em a Fundação casa e em algumas de elas o professor é humilhado por funcionários e vive com a ameaça de o descredenciamento. [Percebo que o professor perdeu a autoestima, e seja em a FC ou em as escolas, se sujeita a viver a mercê de diretores e seus protegidos, como se não bastasse a opressão de este Governo]. Categoria O, é para o governo a sua arma principal, para literalmente dividir esta classe que é tão difícil entender a coletividade. Parabéns Bebel, mais uma vez por as conquistas que embora tímidas, já me deu um fôlego, e volto a ironizar: Professor, é um elefante (de circo) vive amarrado, pois não sabe a força que tem. Um abraço Alice Prezada professora Alice, Muito obrigada. Entendo seu drama. A APEOESP está lutando. (Disponível em: <<http://apeoesp.wordpress.com/2013/05/11/veja-o-que-foi-negociado-ate-o-momento-com-o-secretario-da-educacao/>>. Acesso em: jul. 2018)

Nessa ocorrência, percebemos maior integração entre “Como se não bastasse” e o sujeito do verbo *bastar*, representado pelo sintagma nominal “a opressão de este Governo” e, por essa razão, asseveramos que a construção apresenta menor nível de vinculação entre os seus componentes, ou seja, é mais composicional, sintaticamente, e, conseqüentemente, tem função menos anafórica.

Embora essa construção não seja totalmente vinculada e integrada, ainda assim, nós a consideramos uma construção devido à concepção de língua adotada nesta dissertação, ou seja,

que a língua é um inventário de construções. Logo, com base nos postulados de Traugott e Trousdale (2013), advogamos que tudo é construção. Nesse sentido, defendemos que tanto o Padrão I como o Padrão II são construções.

Por outro lado, no segundo grupo, nomeado Padrão II, encontram-se os dados em que os componentes da construção “[((Como) (se) não bastasse]” estão mais vinculados entre si e, por isso, a construção, nesse padrão, é menos composicional e já é vista como um *chunk*, segundo Bybee (2010). Ademais, a construção recupera porções de textos que estão acima do nível da sentença. Daí a denominarmos de conector discursivo. Segue um fragmento que exemplifica esse padrão:

- (19) que indica um determinado traço psicológico de uma pessoa. Isto ocorria, de fato, há alguns séculos e não hoje. Mas por que esse mecanismo não funciona mais assim? 1 De as teorias que permeiam os astros "« Uma mente crédula encontra satisfação a o acreditar em coisas estranhas, e quanto mais estranhas, mais facilmente são aceitas; mas ela não dá importância a as coisas comuns e possíveis, pois em estas qualquer um pode acreditar. " Samuel Butler Inúmeras vezes eu ouvi esta sentença: "« Você com certeza é canceriano "». *como se não bastasse*, um mapa astral super transado fez- me acreditar que eu assim o era. As descrições sobre mim serviam com uma luva, como comentei em o prefácio de este artigo. Porém, certo dia, veio a a minha mente a possibilidade de os astrólogos atuais utilizarem efemérides defasadas. Afinal, a astrologia é uma prática que nasceu há muitos séculos e, em aquela época, pode- se dizer que nosso conhecimento sobre a natureza de os astros celestes se resumia a pequenos pontos etéreos que dançavam harmoniosamente ao redor (Disponível em: <<http://ateus.net/artigos/ceticismo/pensamentos-sobre-astrologia-fato-ou-desejo-de-acreditar/>>. Acesso em: jul. 2018)

Nesse fragmento, a ocorrência observada é instanciada pela construção “Como se não bastasse” com maior nível de vinculação entre seus componentes e apresenta traço mais anafórico, dado que recupera o período anterior. Nas ocorrências desse padrão, dizemos que a construção é menos composicional e, em virtude disso, pode ser considerada um *chunk*. Com isso, defendemos que, em termos de conexão, há dois padrões distintos de “[((Como) (se) não bastasse]”, por isso postulamos diferentes hipóteses, que serão testadas a partir dos critérios particulares de análise, que são explicitados na seção 4.4.

Cabe ressaltar que a escolha de dois padrões tem como objetivo evidenciar que a construção exemplificada no Padrão II tem função [+ conectora], por retomar porções textuais acima do nível da sentença, ao passo que no Padrão I a função é de [- conectora], visto que a construção, neste padrão, articula apenas no nível da sentença. Ademais, em I, os componentes

da construção estão menos vinculados e, por isso, são mais composicionais; enquanto que, em II, a construção é menos composicional e, por essa razão, é vista como um *chunk*.

Na próxima seção, apresentamos os procedimentos metodológicos.

3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, propomos descrever e analisar as ocorrências com a construção “[((Como) (se) não bastasse]” levando em conta a sequência tipológica em que ela se encontra tal como exemplificado na seção 3.2. Nosso objetivo principal é traçar um contínuo de “[((Como) (se) não bastasse]”, que começaria da função [- conectora] para [+ conectora]. Assim, é de nosso interesse verificar as porções textuais que a construção retoma.

A partir desse ponto de vista e com base na investigação sincrônica contemporânea de caráter quali-quantitativo, analisamos 469 dados – 218 dados do padrão I e 251 do padrão II – em que a construção “[((Como) (se) não bastasse]” aparece em seu uso efetivo. Os resultados servirão não só para apontar que duas formas distintas de “[((Como) (se) não bastasse]” coocorrem na língua, sendo uma delas com função [+ conectora], como também a frequência em que aparecem no uso efetivo da língua.

Utilizamos, como um dos fatores de análise, a produtividade, que diz respeito às frequências *type* e *token*, conforme os postulados de Bybee (2010). Em primeiro lugar, verificamos a existência de dois padrões distintos de “[((Como) (se) não bastasse]” e, em seguida, controlamos o número de ocorrência de cada padrão. Esse controle aparece com números absolutos, podendo, eventualmente, ser transformado em porcentagem. Somado a isso, verificamos o grau de composicionalidade sintática da construção em cada padrão, pois é de nosso interesse verificar o nível de vinculação dos componentes de “[((Como) (se) não bastasse]”.

Em relação a esse ponto, Rosário e Lopes (2019) atestaram que é possível mensurar, sincronicamente, se há aumento de produtividade e diminuição de composicionalidade quando construções em níveis diferentes ainda são empregadas na sincronia da língua. Desse modo, justificamos a importância dos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade para este trabalho.

Nas duas configurações de “[((Como) (se) não bastasse]”, verificamos a presença da intersubjetividade que, segundo Traugott e Dasher (2002), refere-se à relação entre falante/escritor – ouvinte/leitor, na qual ambos estão cientes da sua participação no contexto

em que se inserem. Somado a isso, também é de nosso interesse sinalizar a perspectiva epistêmica – positiva, neutra ou negativa – de acordo com o ambiente linguístico para onde a construção é recrutada. Assim, com esses critérios de análise em conjunto com a sequência tipológica, é possível atestar o grau de intersubjetividade bem como a postura epistêmica no nível do constructo, com base na hierarquia da construção proposta por Oliveira e Arena (2019).

Conforme apontado por Rosário e Lopes (2019), o conceito de gradiência ajuda a verificar, na sincronia, a existência da variabilidade, isto é, da manifestação da variação nas propriedades do significado para uma mesma forma, quando em diferentes contextos de uso. Assim, observar a gradiência entre os dois padrões apresentados também é pertinente para a nossa análise.

Para verificar a noção de adição expressa pela construção entre as porções textuais, utilizamos a definição pontuada no capítulo 1, em que elementos de natureza linguística se unem de modo a formarem um todo significativo. Com base nesse conceito, a análise se baseia nos estudos de Rosário (2012) e no posicionamento de Langacker (1991) sobre as diferentes maneiras de descrever determinada experiência. A partir dessas perspectivas, buscamos evidenciar a presença da adição nos contextos de uso em que a construção “[Como] (se) não bastasse]” é instanciada.

Conclui-se, nesta seção, que a escolha por dois *types* distintos é motivada por julgarmos que cada padrão apresenta uma relação particular com a sentença (ou outra porção textual) com a qual se articula, o que compromete o seu comportamento sintático, além de apresentarem graus distintos de vinculação entre seus componentes. No entanto, em termos semânticos e pragmáticos, consideramos que o sentido de adição é veiculado em ambas as estruturas.

Definidos os procedimentos metodológicos, seguimos para análise de dados.

4 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados extraídos do *Corpus do Português*. No levantamento, foram encontradas 469 ocorrências da construção “[*(Como) (se) não bastasse*]” na modalidade escrita do Português Brasileiro, sendo 218 delas pertencentes ao Padrão I e 251, ao Padrão II. Para atender aos critérios de análise admitidos neste trabalho, este capítulo divide-se em 4 seções. Na seção 4.1, descrevemos os dois *types*: (i) “[*(Como) (se) não bastasse + (sintagma nominal ou oração não finita)*]” e (ii) “[*(Como) (se) não bastasse + ∅*]”, do tipo [-conector] para o tipo [+conector]. Em 4.2, verificamos a gradiência entre os padrões de acordo com o nível de vinculação da construção com a sentença na qual se encontra. Na seção 4.3, testamos os fenômenos da intersubjetividade e da postura epistêmica com base na sequência tipológica presente nos contextos de uso dos dois padrões e, por fim, em 4.4, relacionamos a construção “[*(Como) (se) não bastasse*]” ao domínio geral da adição.

4.1 PADRÕES I E II

Com base no levantamento de dados e nos critérios explicitados no capítulo 3, são postulados dois padrões:

Tabela 1 – Número de ocorrências por padrão

Microconstruções	Frequência <i>token</i>
Padrão I - [<i>(Como) (se) não bastasse + (sintagma nominal ou oração não finita)</i>]	218
Padrão II - [<i>(Como) (se) não bastasse + ∅</i>]	251
Total	469

A tabela 1 comprova a pertinência de organizar os dados em dois grupos distintos, intitulados de Padrão I e Padrão II. Cada padrão apresenta uma configuração distinta, assim como a frequência de produtividade *token*, mas veiculam o mesmo significado, de adição. A título de exemplificação, seguem as ocorrências do **Padrão I**:

- (20) salvar o tio e Haley, vestida de noiva, desesperada, gritando em a ponte -
- sem contar Peyton e Brooke rompendo de vez a amizade. especula- se
sobre um possível final alternativo, caso a série fosse cancelada, onde
Brooke e Lucas se acertariam após ela se descobrir grávida e o acidente

de Cooper e Rachel não aconteceria. 4ª temporada (2006 -- 2007) A quarta temporada de a série (e primeira em o novo canal) veio com 21 episódios e marcou o fim de a One Tree Hill que a gente conhecia. [*como se não bastasse* o fim de o ensino médio, tivemos diversas outras histórias interessantes, sendo Dan Scott e seu remorso por ter matado o irmão (agora que já sabia que ele não tinha sido responsável por o incêndio) um de os pontos mais abordados.] Haley e Nathan tiveram que aprender a lidar REALMENTE com a vida de casados, o que acabou sendo potencializado com a primeira gravidez de Hales e com os problemas de Nathan, que terminou se envolvendo com agiotas, em o ápice de o desespero. O jogo (Disponível em: <<http://www.apaixonadosporseries.com.br/series/revisitando-tree-hill-parte-i/>>. Acesso em: jul. 2018)

(21) : Que horror! O senhor não acha muito público? HOMEM: Sim, mas a mãe queria muita publicidade. MULHER: Eu não teria coragem!!! HOMEM: Esta aqui foi em cima de o ônibus. MULHER: Cacilda!!! HOMEM: Foi um de os serviços mais difíceis que já fiz. MULHER: Claro, eu imagino! HOMEM: Esta foi feita em o inverno, em um parque de Diversões. MULHER: Credo! Como o senhor conseguiu? Não sentiu frio? HOMEM: Não foi fácil! [*como se não bastasse* a neve caindo, tinha uma multidão em volta.] Quase não consegui acabar. HOMEM: Sim madame, pois o negócio, além de pesado, depois de armado mede quase um metro. MULHER desmaiou... Quais as conclusões que tiramos de essa história? Bem saber ouvir e falar corretamente é muito importante para ter sucesso em as relações, uma equipe bem equilibrada gera resultados ótimos, por isso uma comunicação efetiva onde emissor e receptor se interagem bem, produzindo feedback ou retorno, é crucial para tomar decisões (Disponível em: <<http://analistati.com/erro-de-comunicacao/>>. Acesso em: jul. 2018)

Em (20) e (21) temos duas ocorrências que exemplificam o **Padrão I**. Ressaltamos que a diferença formal entre elas, por ora, não é relevante para este trabalho, por isso, ao longo da análise, podemos utilizar um ou outro exemplar para ilustrar este Padrão. Em (20), “Como se não bastasse” está conectado ao sintagma nominal *o fim de o ensino médio*, que, por sua vez, se relaciona com a informação posterior *tivemos diversas outras histórias interessantes, sendo Dan Scott e seu remorso por ter matado o irmão (agora que já sabia que ele não tinha sido responsável por o incêndio) um de os pontos mais abordados*. Em (21), “Como se não bastasse” é complementado pela oração não finita *a neve caindo* e esta se relaciona com *tinha uma multidão em volta*. Nessas duas ocorrências, “Como se não bastasse” veicula a noção de adição e tem função [- conectora], visto que liga eventos no nível da sentença. Nesse padrão, com base na sua configuração, defendemos que a construção “[*(Como) (se) não bastasse*]” carrega o significado de seus componentes. Nesse sentido, observa-se que a construção apresenta menor nível de vinculação de suas partes, sendo assim mais composicional.

- (22) a opinião de um alguém em o primeiro parágrafo de um texto cuja razão de existir nem é essa opinião é ridículo. Seria como eu escrever uma notícia assim: Massacre de golfinhos pinta de vermelho a costa de a Islândia Para o ambientalista Heinz Stephen-Carlisson, diretor de a Casa do Cetáceo de Reiquiavique, o derramamento de sangue mostra que, até prova em contrário, Moby Dick é baleia cachalote e não golfinho. Ufa! Sem contar que, implicitamente, o repórter acaba fazendo sua, a opinião de o delegado, editorializando a notícia. [*como se não bastasse* ser a favor de a matança de ladrões de celular, nosso nobel de Literatura do Diário, ainda usa em o título uma palavra que ele parece não entender muito bem.] Piriguete, como qualquer inteligência mediana desconfia, é o termo pejorativo (e machista) usado pra mulheres que frequentam festas de aparelhagem, bailes funks etc, atrás de parceiros sexuais. Os criminosos a que se referem a notícia usariam o dinheiro de o assalto para conquistar as tais piriguetes, exatamente o contrário de o que diz a (Disponível em: <<http://amortecedor.wordpress.com/>>. Acesso em: jul. 2018)
- (23) julho 17, 2013 Fala sério! -- MERVAL PEREIRA O GLOBO -- 17/07 Parece brincadeira, mas não é. Depois de o presidente de o PT, deputado Rui Falcão, ter tido o cinismo de dizer que não havia militantes petistas em as manifestações de os últimos dias porque todos estão empregados, trabalhando, agora foi a vez de o ex-presidente Lula escrever em o artigo distribuído ontem por o New York Times que os protestos que ocorreram por o país são reflexos de os sucessos de seu governo em os campos econômico, político e social. [*como se não bastasse* a contabilidade criativa com que o governo tenta esconder os fracassos de sua política econômica, temos agora a interpretação criativa para tentar esconder o que o povo foi a as ruas exigir: menos corrupção, maior transparência em o uso de o dinheiro público, prioridades para transportes públicos, saúde e educação, e não para estádios de futebol padrão Fifa.] Trazer a Copa do Mundo para o Brasil, aliás, foi uma de as grandes vitórias de o governo Lula, e desde o primeiro momento houve o compromisso (Disponível em: <<http://arquivoetc.blogspot.com/2013/07/fala-serio-merval-pereira.htm>>. Acesso em: jul. 2018)

As ocorrências (22) e (23) também ilustram o **Padrão I**. Em (22), “Como se não bastasse” conecta a oração não finita *ser a favor de a matança de ladrões de celular* à oração *nosso nobel de Literatura do Diário, ainda usa em o título uma palavra que ele parece não entender muito bem*. Em (23), “Como se não bastasse” articula a oração não finita *a contabilidade criativa com que o governo tenta esconder os fracassos de sua política econômica* à oração *temos agora a interpretação criativa para tentar esconder o que o povo foi a as ruas exigir: menos corrupção, maior transparência em o uso de o dinheiro público, prioridades para transportes públicos, saúde e educação, e não para estádios de futebol padrão Fifa*. Em ambas as ocorrências, a conexão é no nível da sentença, o que atesta a função [-conectora] de “Como se não bastasse”, conforme os critérios adotados por Castilho (2010) sobre

os conectores textuais. Ademais, a presença do sujeito do verbo “basta”, ainda que seja menos prototípico, revela que a construção “Como se não bastasse” apresenta menor nível de vinculação entre suas partes. Nessa ocorrência, “Como se não bastasse” também veicula a noção de adição entre as porções que conecta.

- (24) amiga. Um dia essa amiga, que chamarei de Maria, chegou para mim e falou: Flávia! "« Estou namorado. " Olhei para ela e pisquei algumas vezes sem saber se dizia meus parabéns ou meus pêsames. Optei por o primeiro. Ela me contou que o havia conhecido por a internet. Já achei aquilo a princípio estranho. Porém disse aquela velha frase que sempre me salvou: "« Poxa, que legal! ". Fiquei um pouco apreensiva por ela. [Era estranho conhecer alguém por a internet, de outro estado e *como se não bastasse* todas essas loucuras, ainda namorar a mesma.] Era muita coisa para a minha cabecinha. Eu, que sou uma pessoa muito querida e de fácil convivência (sério), já achava que namorar perto já era problemático demais, imagine namorar alguém que você não sabe nem se mora em o estado que diz morar. Quis chorar quando ela falou isso. Mas fui uma droga de amiga e disse que apoiava. Claro que eu não apoiava. E se fosse um assassino? Preciso lembrar que acontecem mortes (Disponível em: <<http://baratakiller.com/index.php/non-sense/205-pensei-que-era-um-gato>>. Acesso em: jul. 2018)
- (25) Êx 14.15,16,21) Para quem possui dúvidas, basta atentar em que Moisés dividiu o mar não por o toque de seu bordão em a água de o mar, mas por o fato de estender- lo sobre a água, fazendo com que um vento leste soprasse por toda a noite até dividir aquela massa líquida, que teria se juntado a o sangue hebreu caso Deus não houvesse intervindo com tal milagre (que, repetindo, não envolveu nenhum toque de vara). [Parece que há pessoas que não gostam de o legislador de Israel, pois, *como se não bastasse* ele haver tocado em a pedra para de ela extrair água -- desobedecendo a a ordem de Deus para somente falar a a pedra --, ainda querem fazer- lo incorrer em um delito de igual gravidade.] De este jeito, não era nem preciso esperar chegar em os limites de Canaã: nem mesmo de a terra de o Egito o escolhido de Deus teria passado. Tsc, tsc, tsc.... 8. "« Jovens, vós sois a força de a igreja. " A fim de defender a importância de (Disponível em: <<http://blog.clickgratis.com.br/JFS/>>. Acesso: jul. 2018)

Os contextos de uso em (24) e (25) exemplificam um comportamento sintático distinto das ocorrências anteriormente analisadas. Tanto em (24) como em (25), a construção “Como se não bastasse” figura no meio do período em que se encontra e, além disso, é antecedida pelas conjunções “e” e “pois”, respectivamente. Assim, na primeira ocorrência, postulamos que o “Como se não bastasse”, por expressar grande carga argumentativa, reforça a noção de adição articulada pelo “e”. Em (25), por sua vez, a construção ocorre dentro de uma oração explicativa,

o que revela também que a escolha do falante, ao utilizar essa expressão conectora, reforça o teor argumentativo do contexto linguístico.

Observamos ainda que, em ambos os contextos de uso, a construção articula duas orações posteriores a ela. Em (24), “Como se não bastasse” articula o sintagma nominal *todas essas loucuras* à oração não finita *ainda namorar a mesma*. Nessa ocorrência, verificamos ainda que o sintagma nominal *todas essas loucuras* encapsula os eventos descritos anteriormente. Já em (25), “Como se não bastasse” articula a oração não finita *ele haver tocado em a pedra para de ela extrair água -- desobedecendo a a ordem de Deus para somente falar a a pedra* à oração *ainda querem fazer- lo incorrer em um delito de igual gravidade*. No polo da função, em ambas as ocorrências, “Como se não bastasse” tem função [- conectora].

A partir da análise das ocorrências do Padrão I, propomos as seguintes características com base na representação de Croft (2001):

Quadro 4 – Propriedades da construção “[(Como) (se) não bastasse + (SN ou Oração Não Finita)]”

EIXO	PROPRIEDADES	TRAÇOS
FORMA	Sintáticas	Relativa mobilidade. Pode aparecer no início ou no meio da oração/do período.
	Morfológicas	Formada pela conjunção comparativa “como” + a conjunção condicional “se” + o advérbio de negação “não” + o verbo <i>bastar</i> no imperfeito do subjuntivo – os elementos que constituem a construção são menos vinculados.
	Fonológicas	Grande quantidade de massa fônica. Ênfase em forma de <i>crescendum</i> .
SENTIDO	Semânticas	Expressão de adição.
	Pragmáticas	Presença da intersubjetividade na relação falante-leitor; conhecimento compartilhado.
	Discursivo-funcionais	Conecta porções menores do texto, a conexão vinculada por este padrão é mais local. Sequências tipológicas: narrativas, descritivas, expositivas e argumentativas, predominantemente.

O quadro evidencia os traços característicos da relação entre forma e sentido da construção “[(Como) (se) não bastasse]” identificada no Padrão I. Essa representação descreve as diferentes camadas linguísticas que constituem a construção em estudo neste padrão. Em

nossas considerações finais, retomamos esse quadro a fim de comparar os dois padrões identificados e de descrever cada um dos seus traços.

Para ilustrar o **Padrão II**, expomos as seguintes ocorrências:

(26) , aparelho e rock ´ n ´ roll foi escrito por Meg Haston e lançado por a editora Intrínseca. Adicione em o skoob. 613339 Profissionais que editam áudio e até quem gosta de brincar com esse tipo de ferramenta conhece o renome de Audacity, um de os editores mais poderosos de o mercado, que além de gratuito é em português. Agora, essa poderosa ferramenta vem a o auxílio de quem não trabalha em somente um PC. [O software não precisa de instalação e, como se não bastasse, é possível rodar- lo diretamente de o pendrive.] Para isso basta baixar Audacity Portable, descompactar o arquivo e indicar a pendrive como o caminho de a descompactação. Pronto! Você já pode usar seu editor de áudio favorito em qualquer computador, sem instalação, downloads e quaisquer outras dores de cabeça. Comentários (0) Muito bom. O programa, claro, Não oferece todos os recursos de os tradicionais programas utilizados em estúdios profissionais, mas é uma ótima pedida para quem pretende trabalhar com pequenos projetos (Disponível em: <<http://www.baixaki.com.br/download/audacity-portable.htm>>. Acesso em: jul. 2018)

No dado (26), a construção “Como se não bastasse” figura no meio do período onde se encontra e, ademais, é seguida da conjunção aditiva “e”, o que reforça a nossa hipótese de que a escolha do falante ao utilizar essa construção confere ao texto grande teor argumentativo. Diferente das ocorrências analisadas no Padrão I, nesse contexto, “Como se não bastasse” já apresenta traço mais anafórico, dado que recupera a oração que a antecede *O software não precisa de instalação e*. Com essa nova configuração, a construção começa a apresentar indícios de função [+ conectora]. Nesse caso, esse contexto de uso, dentro de um *continuum* de função [- conectora] para [+ conectora], figuraria na posição mais à direita desse *continuum*. Nessa ocorrência, “Como se não bastasse”_veicula a noção de adição entre as porções que conecta.

(27) Record terá que indenizar modelo que teve cabelos queimados em quadro de o programa Hoje em Dia A Justiça de São Paulo condenou a rede Record a pagar indenização a uma modelo que teve seus cabelos queimados durante um quadro de o programa "« Hoje em Dia "», exibido de segunda a sexta em as manhãs de a emissora. Identificada como N.L.S.A., a modelo viu uma mecha inteira de seu cabelo cair durante uma demonstração de como fazer cachos. [Usando um babyliiss a cabeleireira queimou uma parte de o cabelo de a jovem e, como se não bastasse, ainda a acusou de ter aplicado algum produto antes de a atividade.]"« Coloquei só um creme "», respondeu N.L.S.A. " Ah, então foi isso ", replicou a cabeleireira, sem pedir desculpas. A Justiça entendeu que N.=L.=S.=A. não poderia ser considerada culpada por o incidente, uma

vez que foi a maior prejudicada em o episódio. O juiz Gustavo Coube de Carvalho explicou que o pedido de reparação por dano moral deve ser atendido e para tanto fixou o valor de R\$ 10 mil a serem pagos (<http://www.bhaz.com.br/record-tera-que-indenizar-modelo-que-teve-cabelos-queimados-em-quadro-do-programa-hoje-em-dia/>, acesso em julho de 2018)

À semelhança de (26), em (27), a construção encontra-se no meio do período para onde é recrutada e, também, é seguida da conjunção “e”, o que revela a opacidade dessa conjunção e, por essa razão, os falantes tem recrutado a construção “Como se não bastasse” de modo a tornar seu discurso mais convincente no ato de argumentar. Assim como observado em (26), nesse contexto de uso, a construção também já apresenta traço mais anafórico, visto que ela retoma as orações que a antecedem *Usando um babyliiss a cabeleireira queimou uma parte de o cabelo de a jovem*. Essa configuração pode ser mais uma evidência de que a construção “Como se não bastasse” identificada no Padrão I foi reinterpretada pelos falantes, ganhando uma nova função na língua, a de conector discursivo, com base na definição de Castilho (2010). Nesse sentido, reiteramos que há um *continuum* que começaria na função [- conectora] para [+ conectora].

(28) o 23º mês, 90 % de o valor de a mensalidade vai para a cota de capitalização e, de o 24º a o 48º mês, 97,98 %. Como em os primeiros meses o banco “« come ”» boa parte de o investimento e em os meses seguintes, apesar de “« comer ”» menos, o valor total não é rentabilizado, é impossível que o título renda tanto quanto a poupança de fato. Em geral, o máximo que o cliente consegue é reaver seu dinheiro sem qualquer rentabilidade, já defasado por a inflação. [*como se não bastasse*, esses produtos têm longos período de carência.] Em muitos casos, o cliente só recupera o seu dinheiro -- que poderia ter ficado embaixo de o colchão, podendo ser tirado a qualquer momento -- depois de cinco anos. A única vantagem de o produto, então, é para o sorteado. Mas, para quem tem sorte, a Mega Sena pode pagar um prêmio muito maior. Comentários Muito interessante essa matéria.. mostra que o investidor tem que começar a entender realmente o mercado, e não (Disponível em: <<http://www.arenadopavini.com.br/artigos/educacao-financeira/10-armadilhas-que-pegam-quem-foge-da-poupanca>>. Acesso em: jul. 2018)

Em (28), a construção “Como se não bastasse” aparece em início de período e, além disso, tem função mais anafórica, visto que ela retoma o período anterior *Em geral, o máximo que o cliente consegue é reaver seu dinheiro sem qualquer rentabilidade, já defasado por a inflação*. Sendo assim, nesse caso, “Como se não bastasse” já se configura com função [+ conectora], conforme os postulados de Castilho (2010).

- (29) estão mais vivos do que nunca. Para acabar de vez com os boatos, o AreaH selecionou os casos mais emblemáticos de famosos que voltaram de o leito de descanso. 5ª -- Charlie Sheen -- Sinônimo de polêmica, o ex-astro de o seriado americano Two and a Half Men dominou as páginas de fofoca em 2011. Seu incontrolável apetite por drogas, orgias e prostitutas acabou custando caro. O ator se envolveu em uma briga com o diretor e criador de a série Chuck Lorre e acabou demitido (Ashton Kutcher é o novo protagonista). [como se não bastasse, recentemente Charlie foi dado como morto e para o espanto de os fãs, não foi em função de uma overdose.] De acordo com boatos que surgiram em o Twitter, Charlie Sheen teria sofrido um acidente enquanto praticava snowboard. Coincidência ou não, em Two and Half Men seu personagem morreu atropelado por um trem. 4ª-Jon Bon Jovi -- O cantor, um de os principais ícones de a década de 80, é outra vítima de as falsas notícias que circulam por a internet. Dono de sucessos como (Disponível em: <http://www.areaah.com.br/cool/celebridades/materia/9258/1/pagina_1/top-5-as-celebridades-que-nao-morreram.aspx>. Acesso em: jul. 2018)
- (30) o empregador, bem como a estipulação de a indenização compensatória, podendo a referida lei, inclusive, aumentar as garantias de o empregado, uma vez que a Constituição menciona "« de entre outros direitos "». E nem poderia ser diferente, já que condicionar a aplicação de a regra disposta em o inciso I de o artigo 7º a a edição de lei complementar específica seria, em o mínimo, uma contradição com o estipulado em o artigo 5º, § 1º, que confere imediata aplicação a as normas definidoras de direitos e garantias fundamentais. [como se não bastasse, no tocante a os direitos e garantias de o cidadão, a Constituição estabelece ainda a incorporação de normas internacionais que versem sobre a matéria a o ordenamento jurídico nacional.] A Constituição, em seu artigo 5º, § 2º, prevê que os direitos e garantias em ela expressos não excluem aqueles decorrentes de os tratados internacionais de direitos humanos em os quais o Brasil seja parte. Ou seja, os direitos estabelecidos por tratados de direitos humanos, a o serem incorporados a o ordenamento jurídico interno, equiparam- se (Disponível em: <<http://www.arcos.org.br/periodicos/revista-dos-estudantes-de-direito-da-unb/3a-edicao/a-convencao-158-da-oit-e-o-brasil/>>. Acesso em: jul. 2018)

Nos fragmentos (29) e (30), a construção “Como se não bastasse” conecta porções maiores do texto. Em (29), “Como se não bastasse” retoma todos os eventos anteriores direcionando-os para o evento posterior *recentemente Charlie foi dado como morto e para o espanto de os fãs, não foi em função de uma overdose*. Em (30), por sua vez, a construção inicia parágrafo, retomando os eventos descritos no parágrafo anterior, tendo, assim, função [+conectora] em relação à (29), em que a construção se encontra no mesmo parágrafo da porção textual que retoma. Nessa configuração, observamos que os componentes da construção estão mais vinculados sintaticamente. Nesses dados, a construção, por ser menos composicional, já é vista como um *chunk*.

- (31) Campana, que vamos ver mais abaixo. É um trabalho para entrar para história, para virar case dissecado por estudantes, para o designer e todos os participantes mostrarem para os netos e os netos mostrarem para seus netos com orgulho. É uma oportunidade imensuravelmente incrível para o designer e toda equipe, para a agência, para a história de o Design nacional. Infelizmente tenho que responder a o Prof.=João=de=Souza=Leite (em seu artigo sobre o projeto em nome de a ADG): visto de esse prisma, sim, foi uma oportunidade desperdiçada. [E como se não bastasse, o Rodrigo de o DesignFlakes encontrou essa imagem em o Shutterstock que é, em o mínimo, intrigante.] Sinto em dizer isso, mas o que nos resta é somente uma coisa: olhar para esse logo por quatro anos até nos acostumarmos e ele se tornar simpático. Sim, isso irá acontecer. E não adianta querer fazer rebelião digital, "« spamizar »» a caixa de emails de a CBF e de o Ricardo Teixeira. A FIFA é uma empresa privada, a Copa do Mundo é um (Disponível em: <<http://logobr.org/branding/logo-copa-2014-design-e-negocios/>>. Acesso em: dez. 2019)

Em (31), a construção “Como se não bastasse” apresenta a função [+ conectora], visto que retoma todo o parágrafo anterior. Nessa ocorrência, a construção também está acompanhada da conjunção “e”. Além disso, o evento que é retomado direciona o leitor para a informação seguinte *o Rodrigo de o DesignFlakes encontrou essa imagem em o Shutterstock que é, em o mínimo, intrigante*. Esse é mais um contexto de uso que exemplifica o traço mais anafórico da construção “[(Como) (se) não bastasse]” bem como a sua função de conector discursivo/textual, dado o escopo remissivo que retoma. Como apontado por Castilho (2010), para que um item seja considerado um conector textual é preciso que ele retome o que foi dito e anuncie o que se segue em escopos acima do nível da sentença. Logo, os contextos de uso verificados no Padrão II atestam a função de conector discursivo/textual desta construção.

Para representar as propriedades de forma e sentido do Padrão II de acordo com Croft (2001), propomos o seguinte quadro:

Quadro 5 – Propriedades da construção “[((Como) (se) não bastasse + Ø]”

EIXO	PROPRIEDADES	TRAÇOS
FORMA	Sintáticas	Relativa mobilidade. Pode aparecer no início ou no meio da oração/do período.
	Morfológicas	Formada pela conjunção comparativa “como” + a conjunção condicional “se” + o advérbio de negação “não” + o verbo <i>bastar</i> no imperfeito do subjuntivo - os elementos que constituem a construção são mais vinculados.
	Fonológicas	Grande quantidade de massa fônica. Ênfase em forma de <i>crescendum</i> .
SENTIDO	Semânticas	Expressão de adição.
	Pragmáticas	Presença da intersubjetividade na relação falante-leitor; conhecimento compartilhado.
	Discursivo-funcionais	Conecta porções maiores do texto, a conexão vinculada por este padrão ocorre acima do nível da sentença. Sequências tipológicas: narrativas, descritivas, expositivas e argumentativas, predominantemente.

O quadro demonstra que, em relação ao Padrão I, no Padrão II, as partes da construção estão mais vinculadas, o que as distingue na forma. No eixo do sentido, o Padrão I se diferencia do Padrão II por conectar porções menores do texto. As ocorrências, no Padrão I, mostraram que a conexão vinculada por “[((Como) (se) não bastasse]” é mais local, enquanto no Padrão II, essa conexão é transfrásica.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), se determinada construção passa por uma reinterpretação com base em exemplares já convencionalizados, ocorre o mecanismo de neoanálise via analogização. Nessa perspectiva, postulamos, sob viés sincrônico, que esse fenômeno tenha contribuído para a configuração de “[((Como) (se) não bastasse]” em contextos como os representados pelo Padrão II. Essa constatação pode ser justificada pelo fato de duas construções distintas coocorrerem na sincronia da língua.

Com base na frequência *token*, a maior produtividade do Padrão II em relação ao Padrão I demonstra que o Padrão II é mais recrutado no uso efetivo da língua. Desse modo, justificamos a nossa escolha em apresentar dois padrões distintos de “[((Como) (se) não bastasse]” a partir do seu comportamento distinto. Ademais, o nível de gradiência entre as relações textuais vinculadas pela construção contribui para essa distinção. Na próxima seção, tratamos dessa gradiência.

4.2 NÍVEL DE GRADIÊNCIA

Na análise dos dados, verificamos dois *types* da construção com base na distinta configuração de seu comportamento. O primeiro refere-se à conexão no nível da sentença e o segundo, no nível acima da sentença. Conforme pontuado em nossa fundamentação teórica, Trousdale e Traugott (2010) definem o fenômeno da gradiência como a expressão da variação em uma pequena dimensão. Tendo a vista a investigação sob essa ótica, verificamos, a partir do contínuo [- conector] para [+ conectora], o nível de vinculação da construção com a sentença na qual se encontra e com as porções textuais que retoma. Sendo assim, iniciamos nossa análise pelas ocorrências do Padrão I, visto que têm função [- conectora] em relação ao Padrão II. A seguir, são expostas as ocorrências com base nesse contínuo:

- (32) organizadores de os bastidores postais Em o dia 24 de abril os Correios comemoram o Dia=do=Operador=de=Triagem=e=Transbordo. A empresa possui 14,5 mil OTTs e são eles os responsáveis por a triagem e encaminhamento de os milhões e objetos postais que circulam diariamente em todo o País. Essenciais para o correto direcionamento de as cargas postais, os OTTs fazem as divisões de os objetos em categorias, os acomodam em os transportes, e os recebem em os locais de destino. Os Correios parabenizam estes profissionais que garantem a prestação de serviços de qualidade para toda a população brasileira. **[como se não bastasse** a falta de esse honrado profissional em vários setores, a falta de condições e a sobrecarga de trabalho, vocês cometeram a "« gafe "» de esquecer de citar- los em a revista de os 350 anos de os Correios (página 7), que está aqui em o site de a ECT.] Vocês "« valorizam "» tanto os OTT ´ s que até em uma publicação especial esquecem de citar- los. 604000 Qual é o melhor tipo de termômetro (Disponível em: <<http://blog.correios.com.br/correios/2013/04/24/os-organizadores-dos-bastidores-postais/>>. Acesso em: jul. 2018)

Em (32), o fragmento em análise é parte de um comentário do Blog dos Correios, no qual há o desenvolvimento de ponto de vista acerca de um fato ocorrido no próprio Blog. Nesse contexto, marcado por relações argumentativas, a construção “Como se não bastasse” é complementada pelo sintagma nominal *a falta de esse honrado profissional em vários setores, a falta de condições e a sobrecarga de trabalho*, direcionando o leitor à informação seguinte, *vocês cometeram a "« gafe "» de esquecer de citar- los em a revista de os 350 anos de os Correios (página 7), que está aqui em o site de a ECT*, que traz a informação mais relevante em relação à primeira.

Observemos o dado (33):

- (33) um processo litigioso, para verificação e análise a fim de melhor decidir um procedimento voluntário, como é o caso de pedido de alvará judicial, quando não em procedimento de apuração de ato infracional, a fim de concluir por a aplicação de a medida sócio-educativa mais adequada. Em todas estas atividades judiciais, de a mesma forma é determinada a realização de o costumeiramente chamado estudo social. Como não podia deixar de ser, mesmo os assistentes sociais mais atentos têm dificuldades de trabalhar de forma segura, clara e eficiente, em situações tão peculiares. [*como se não bastasse* a exigência profissional em dispensar tratamento adequado a cada caso, o técnico é levado a encerrar o seu trabalho não simplesmente relatando fatos, mas emitindo parecer ou sugestão que auxiliem em o deslinde de a questão.] Grande número de magistrados valoriza sobremaneira a opinião de o assistente social em seus julgados, o que aumenta o seu compromisso técnico-profissional. Em que pese ser antiga a previsão legal de proceder perícia por equipe interprofissional, tanto em o Código de Menores de 1927 (art. 161 § 3º), bem como (Disponível em: <<http://www.apase.org.br/13002-apraticadoestudo.htm>>. Acesso em: jul. 2018)

Nesse fragmento, “Como se não bastasse” encontra-se em uma sequência tipológica expositiva. Nele, o falante expõe ideias e desenvolve raciocínio, predominantemente, objetivo. Nesse contexto, a construção “Como se não bastasse” vincula a oração não finita *a exigência profissional em dispensar tratamento adequado a cada caso* à oração *o técnico é levado a encerrar o seu trabalho não simplesmente relatando fatos, mas emitindo parecer ou sugestão que auxiliem em o deslinde de a questão*, sendo esse segundo evento o mais relevante dentre essas duas situações. Com base em nosso conhecimento de mundo, o fato de o técnico ter a função de emitir parecer ao encerrar seu trabalho é mais relevante e mais trabalhoso que a exigência profissional de oferecer um tratamento adequado a cada caso.

- (34) o casamento gay não é correto e sou contra "», ela também afirmou que, se tivesse um filho homossexual, "« lutaria até a morte para fazer sua conversão "». "« Já vi muitos se regenerarem. Conheço muitas mães que sofrem por terem filhos gays. É como um drogado tentando se recuperar "». Mas, o que aconteceu depois? Para começar muita gente trocou os compartilhamentos de Marco Feliciano por a Joelma e foi aquele maior tumulto em as redes sociais. Marcelo Cerqueira, presidente de o Grupo Gay da Bahia afirmou: [*como se não bastasse* a homofobia e racismo de o deputado Marcos Feliciano, titular de a Comissão de Direitos Humanos de o Congresso Nacional, vem a cantora sob uma pseudo interpretação de a bíblia, acusar e discriminar os LGBTs "]. O Grupo Gay de a Bahia promete fazer uma quebra de CDs de a Banda Calypso em a próxima Parada Gay de Salvador. Em relação a gays e drogados a cantora rebateu: " O que eu contei é que meus fãs gays dizem para mim que é uma luta diária. (Disponível em: <<http://www.bafonique.com/2013/04/o-que-aconteceu-depois-de-joelma.html>>. Acesso em: jul. 2018)

Na ocorrência exemplificada em (34), “Como se não bastasse” se vincula ao sintagma nominal *a homofobia e racismo de o deputado Marcos Feliciano*, que, por sua vez, está relacionado à oração *vem a cantora sob uma pseudo interpretação de a bíblia, acusar e discriminar os LGBTs*. Nesse exemplo, também temos a informação mais proeminente no segundo evento.

Nessas três ocorrências, a construção “Como se não bastasse” exemplifica as ocorrências cuja função é [- conectora] dentro do próprio Padrão I. Como já observou Castilho (2010), para que um item seja considerado um conector textual ele deve retomar o que se disse e anunciar o que se segue. Assim, “[*(Como) (se) não bastasse*]”, nessas ocorrências, apresenta função de [- conectora] por não fazer nenhum tipo de remissão ao que foi dito. Em seguida, são expostos os contextos de uso em que os traços de anáfora começam a aparecer no Padrão I.

Koch e Elias (2018), ao tratar das funções das formas nominais referenciais, mencionam a função de *Resumir e encapsular porções textuais dando-lhes um rótulo* (KOCH E ELIAS, 2018, p. 92). Assim, acerca da remissão a diferentes níveis de porções textuais, elas atestam que é bastante comum o uso de uma forma nominal para resumir essas porções e transformá-las em um referente. Esse referente é chamado por elas de *rótulo*, de acordo com os estudos de Francis (1994). Vejamos as ocorrências (35) e (36):

- (35) para a imagem de o País, perder o direito de sediar a Copa do Mundo. Embora eu ache que se o dinheiro que seria gasto com Copa do Mundo fosse investido em as áreas sociais, o Brasil teria muito mais a ganhar. [enquanto os estádios ainda puderem mudar seus cursos para outra finalidade ou com menores capacidades ainda é válida essa ideia porem isso arranharia a nossa imagem sem precedentes isso deveria ter sido feito la atras, mas o Lula preferiu abaixar as calças de o brasil para a fifa e garantir inumeras regalias para a entidade *como se não bastasse* isso, permitiu que a CBF definisse as sedes de a copa do mundo, sendo que o investimento que sera feito é totalmente federal, mesmo que por um milagre as arenas fossem privadas, toda a infra estrutura é de o governo, e é inaceitavel arenas em cuiaba, manaus, natal e brasilia, sem falar de a cidade de a copa feita em recife que desagrada a os clubes locais o mais prudente a fazer em esse momento é sentar com a fifa e reavaliar as sedes e exigir que] (Disponível em: <<http://albertomurray.wordpress.com/2012/03/05/nao-pode-desviar-o-foco-o-brasil-tem-que-cumprir-com-as-suas-obrigacoes-contratuais-perante-a-fifa/>>. Acesso em: jul. 2018)

No exemplo (35), o segmento textual *o Lula preferiu abaixar as calças de o brasil para a fifa e garantir inumeras regalias para a entidade* foi resumido como “isso”. Por meio do pronome anafórico, todo o segmento foi encapsulado e a linha argumentativa foi direcionada para determinada conclusão. Nesse caso, interpretamos que o falante, intuitivamente, ainda recupera as propriedades sintáticas dos componentes da construção – a presença de “isso” reforça nossa hipótese –, ainda que, em comparação aos dados (32), (33) e (34), nesse exemplo, a relação discursiva entre as porções textuais articuladas pela construção “Como se não bastasse” encontra-se em um nível intermediário de conexão.

(36) divulgada destacando que o "« pequeno Homem-Aranha salvou um bebê de um incêndio em o Brasil e se tornou um herói nacional "». Outro detalhe sobre o garoto merece ser registrado. Assim como Peter Parker, o alter ego de o Homem-Aranha, Riquelme é vítima de um drama familiar. Ele foi abandonado por a mãe quando tinha 11 meses de idade e, atualmente, seu pai mora em outra cidade. Por isso, o garoto é criado por sua tia, o que revela outra incrível coincidência com sua "« contraparte "» de os quadrinhos. [*como se não bastasse* tudo isso, o "« Garoto-Aranha "» traz com si outra qualidade de todo super-herói que se preza: a abnegação.] Isso foi comprovado por a recusa de Riquelme em aceitar uma recompensa de R\$ 50 por ter salvado o bebê. De acordo com informações de o jornal gaúcho "« Zero Hora "», em o próximo ano o menino será homenageado por o Corpo de Bombeiros, em solenidade em a qual receberá uma estatueta. Quanto a Andrieli, sua família está necessitando de outra ajuda. Sua casa está destruída (Disponível em: <<http://arquivoconfidencial.blogspot.com/2007/11/garoto-aranha-salva-criana-de-incndio.html>>. Acesso em: jul. 2018)

Em (36), a porção textual iniciada em “*Outro detalhe sobre o garoto*” até “*o que revela outra incrível coincidência com sua "« contraparte*” foi resumida como “tudo isso”. Como se vê, nessa ocorrência “tudo isso” retoma todos os eventos descritos anteriormente. Dessa forma, podemos concluir que, diferente dos dados analisados em (32), (33) e (34), em (35) e (36), há maior dependência entre as porções textuais articuladas por “Como se não bastasse”, o que as coloca em um nível intermediário de conexão. Portanto, a partir dessas análises, atestamos a presença do fenômeno da gradiência, que começa na função [- conectora] para [+ conectora].

Para ilustrar as ocorrências com função [+ conectora], iniciamos a análise do Padrão II. Vejamos os exemplos (37), (38) e (39):

(37) o ser humano. "« Apesar de o medo funcionar como um sistema de segurança, o homem também sente a necessidade de ir além. É por isso que a humanidade está sempre se superando, fazendo invenções, criando

tecnologia "», explica ela. Loucura com segurança Para algumas pessoas não basta somente um esporte radical, não. Tem gente que pratica rapel, rafting, surf, bungee jump, escalada e mais a aventura que vier por a frente. [É o caso de a atleta e apresentadora de TV Dani Monteiro, que aliás, *como se não bastasse*, é tri-campeã de windsurf.] Ela explica porque o perigo a fascina. "« A sensação de autoconfiança que a superação de limites te traz acaba influenciando os outros âmbitos de a sua vida. Você fica mais segura para agir, seja qual for a situação "», diz ela. Você deve estar pensando "« quem me dera ter essa coragem! ", mas saiba que o melhor amigo de a bravura é justamente o medo. "« Todo dia passa por a minha cabeça que algo pode dar errado. (Disponível em: <<http://ajudaemocional.tripod.com/id242.html>>. Acesso em: jul. 2018)

Em (37), a construção “Como se não bastasse” retoma a oração que a antecede *É o caso de a atleta e apresentadora de TV Dani Monteiro*. Diferente das ocorrências que representam o Padrão I, nessa, “Como se não bastasse” já apresenta traço mais anafórico, tendo assim uma função [+ conectora] e, por sua vez, função de conector discursivo. Ademais, nesse contexto de uso, verificamos a mudança na configuração morfossintática em que se encontra a construção, já que não há sujeito para o verbo “basta”. Assim, sintaticamente, a construção é vista como um *chunk*.

(38) espero que um milagre aconteça e que tudo de certo, amo muito meu filho, sou muito feliz com ele, só precisaria de um pouco mais de ajuda, uma escola ou um manual ou um médico especialista... bjs a todos e que vcs tenham muita fé e força... [Nubinha Sousa quando descobri que meu filho era autista, quase morri, meu mundo se abriu, olhei para um lado e outro estava eu ali sozinha com uma criança, sem saber o que fazer, todos sumiram, perdi tudo, amigos, emprego, e *como se não bastasse* o pai de o meu filho me ignorou e até hoje me ignora, a mim e a o meu filho, mas graças a DEUS 17 anos se passaram estou aqui eu e meu filho vivendo felizes em a medida de o possível, minha sorte é que meu pai e minha mãe não nos abandonaram, mas foi muito doído passar por tudo isso, até hoje não tive coragem de tentar refazer minha vida.] 612310 Em o Blog Sobre o (Disponível em: <<http://www.autismoerealidade.org/amigos/>>. Acesso em: jul. 2018)

No exemplo (38), as propriedades morfossintáticas se assemelham ao dado (37), pois em ambas as ocorrências não há sujeito para o verbo *basta*, o que reforça a nossa hipótese de que a construção, neste padrão, é menos composicional. Somado a isso, no polo da função, a construção recupera toda a porção que é anterior a ela ainda no nível do período. Diferente do dado (37), em (38), o escopo recuperado por “Como se não bastasse” é maior, o que prova a sua função [+ conectora].

- (39) para fugir. " Ela resolve usar os livros como terapia, e para tanto resolve que lerá um livro por dia durante o período de um ano. Um projeto audacioso, ao menos pra eu imaginar, já que ela é mãe de 4 filhos, mas ela consegue. Faz todo um planejamento, se propõe a não ler o mesmo autor duas vezes, seu número de páginas lidas em 1 hora não pode ser menor que 70 e procura não ler calhamaços, ou seja, nenhum livro com mais de 250 a 300 páginas! [E *como se não bastasse*, o compromisso com si mesma vai um pouco mais além, fazer também uma resenha por dia, que ela publicaria religiosamente em seu blog, que mantém até hoje, veja aqui!] Entre as suas leituras muitas que não são nem de longe nossas conhecidas, no entanto há muitos autores e livros já editados em o Brasil, como os lindos Mia Couto e José Eduardo Agualusa, kasuo Ishiguro, Stephenie Meyer, Tolstoi, Roberlo=Bolaño, Camus, Saramago e muitos outros, muitos mesmo! (Disponível em: <<http://almadomeusonho.blogspot.com/2013/04/resenha-o-ano-da-leitura-magica-nina.html>>. Acesso em: jul. 2018)

À semelhança de (37) e (38), em (39), o fragmento analisado é instanciado pela construção “Como se não bastasse” com maior nível de vinculação entre seus componentes e apresenta traço mais anafórico, dado que recupera todo o período anterior a ela *Faz todo um planejamento, se propõe a não ler o mesmo autor duas vezes, seu número de páginas lidas em 1 hora não pode ser menor que 70 e procura não ler calhamaços, ou seja, nenhum livro com mais de 250 a 300 páginas!*. Por isso, no polo da forma, dizemos que em ambas as ocorrências a construção é menos composicional e, em virtude disso, é considerada um *chunk*.

Observemos os exemplos (40) e (41):

- (40) pedra me revelou que aquilo deveria ser água e mais abaixo... areia! Abrindo os braços e tocando, ou tentando tocar em tudo para "« ver "» além de pedaços, soube então que era Moema, morta, em a beira de o mar, onde a água e areia tinham quase o mesmo nível e minha emoção foi me tomando, um arrepio subiu- me por a coluna, um nó se fez em a garganta, senti um sei lá o quê de felicidade: a arte de a escultura estava novamente possível em minha vida! [*como se não bastasse*, seguimos em nossa caminhada histórica, emocionada e tátil de minha visita.] Toquei em várias esculturas, devidamente contextualizadas por Amanda que, além de me contar de a época e autores de as esculturas, pedia- me sempre para ler, em Braille, algo sobre as esculturas sempre disponível perto de as mesmas. Até que... chegamos a as telas. E agora Tojal? Drummond pensou em José, pensei em a Amanda: não vou tocar em uma tela de Djanira, vou? (Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/blog/?p=693>>. Acesso em: jul. 2018)
- (41) um choque em o mercado. Apostando em as roupas íntimas masculinas, eles querem se destacar em comparação com as outras marcas e virar notícia em o globo todo. Foi o que aconteceu! Confira. Inderwear criar cueca de um lado só Em as roupas íntimas, os homens estão bastante

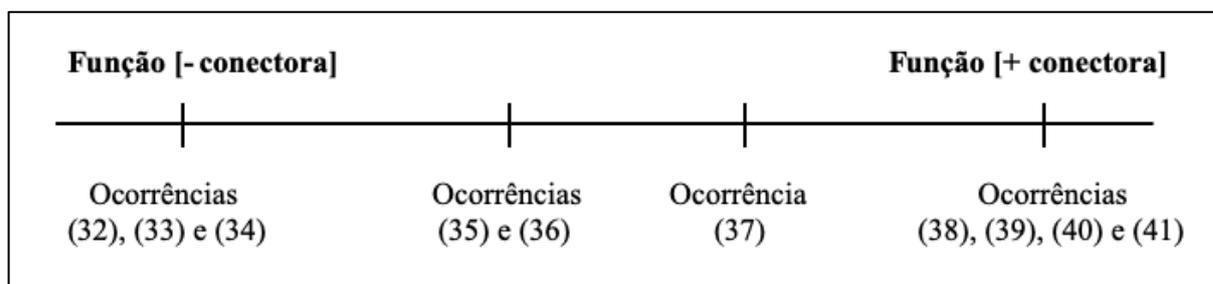
acostumados com samba-canção, boxer e cueca normal. Estas comuns têm dois lados e não chegam a cobrir toda a coxa, pois são menores. Estas três opções oferecem conforto para todos os tipos de homens, pois cada uma tem a sua diferente peculiaridade. [como se não bastasse, a Inderwear lançou uma cueca de lado só!] Esta peça íntima veste apenas um lado de o corpo, cobre o pênis e o escroto e deixa um lado de a coxa nu. Chamada de cueca lateral e fio dental lateral, esta cueca bizarra lembra as tangas utilizadas por o Sacha Baron-Cohen em o filme Borat. Quem gostou de este novo modelo pode fazer o seu pedido diretamente por o site de a Inderwear. O custo é de 57 reais por a peça mais o frete. (Disponível em: <<http://www.clickgratis.com.br/piadas/bizarro/cuecas-de-um-lado-so/>>. Acesso em: mai. 2019)

Nos exemplos (40) e (41), “Como se não bastasse” retoma todo o parágrafo anterior. Em ambas as ocorrências, “Como se não bastasse” inicia um novo parágrafo. Esse comportamento sintático contribui para a função de conector discursivo, visto que, em ambos os casos, o escopo remissivo está acima do período. Desse modo, esses contextos de uso evidenciam que, de fato, o sentido da construção somente é articulado no constructo. É interessante observar também que estas ocorrências exemplificam a construção com maior nível de vinculação entre suas partes e, por isso, nesse Padrão, é considerada um *chunk*.

Nesta seção, analisamos as ocorrências dos Padrões I e II com base no nível gradiente de conexão entre elas. Percebemos que, ainda no Padrão I, a função anafórica já aparece, por meio de formas nominais e pronominais, para encapsular diferentes níveis de porções textuais. Assim, pode-se afirmar que a construção, ainda nesse padrão, apresenta diferentes níveis de conexão. Os dados (32), (33) e (34) ficariam na extrema esquerda do *continuum* que começaria na função [- conectora] para [+ conectora]; (35) e (36) já ficariam mais à direita, próximos ao centro e (37), no centro desse *continuum*.

Das ocorrências do Padrão II, ficam os dados (37) no centro do *continuum* e, na sua extrema direita, os dados (38), (39), (40) e (41). Cabe ressaltar que, embora haja diferença em relação ao escopo remissivo entre os dados (38), (39) e os dados (40) e (41), nós consideramos que, nessa configuração morfossintática, “[((Como) (se) não bastasse]” é um conector discursivo. Para ilustrar esse *continuum*, propomos a seguinte figura:

Figura 1 – Representações de nível de conexão entre os padrões



Na próxima seção, testamos os fenômenos da Intersubjetividade e da Postura epistêmica, levando em conta a sequência tipológica presente no contexto de uso de cada ocorrência.

4.3 PROPRIEDADES PRAGMÁTICAS

Em relação às propriedades pragmáticas, verificamos que os contextos de uso de “[((Como) (se) não bastasse)]” são marcados por alto grau de intersubjetividade. Para Traugott e Dasher (2002, p.20), a intersubjetividade se manifesta na língua quando tanto o falante como o ouvinte são sujeitos participantes do contexto situacional. Em nossos dados, observamos a predominância de contextos em que a perspectiva do falante sobre determinado evento é orientada para o leitor. Portanto, nesta etapa da análise, debruçamo-nos sobre o grau de relação do falante com o conteúdo da informação veiculada e com o leitor. Orientados por Fillmore (1990) e Ferrari (2016), os quais, consideradas as suas particularidades, compartilham a ideia de que existem elementos linguísticos capazes de indicar a opinião do falante sobre determinado assunto, sinalizamos se a perspectiva epistêmica do ambiente linguístico para onde a construção foi recrutada é positiva, neutra ou negativa.

A seguir são expostos os dados do Padrão I e do Padrão II, respectivamente, com base no grau de intersubjetividade veiculada em cada contexto de uso.

- (42) a o glúten e o mal ainda não foi detectado, toda vez que comer algo que tenha a referida proteína entre os ingredientes será vítima de uma reação que danificará o forro de o intestino delgado. Publicidade Os nutrientes não serão absorvidos apropriadamente, e isso desencadeará reações físicas. A intolerância a o gluten vem desafiando o conhecimento científico há muito tempo devido a a sua apresentação clínica variada, que abrange desde sintomas leves e pouco específicos -- como uma

criança que não ganha peso -- até uma síndrome clássica de má absorção intestinal em pacientes desnutridos. [*como se não bastasse* tamanha variedade clínica, há ainda os casos completamente assintomáticos, que causam enorme polêmica "», afirma a nutróloga Amanda Epifanio Pereira, de São Paulo.] Quando ingerido, o glúten, ao chegar ao intestino, estimula a produção de anticorpos, principalmente as imunoglobulinas de o tipo IgA. Eles atuam sobre as vilosidades de o intestino, que se atrofiam e deixam de desempenhar a função de captação de os macro e micronutrientes. "« Como resultado, os nutrientes não absorvidos são eliminados com as fezes (Disponível em: <<http://cyberdiet.terra.com.br/intolerancia-ao-gluten-12-1-12-39.html>>. Acesso em: dez. 2019) (**Padrão I**)

- (43) chegamos em um possível outro extremo com Kapoor. Porque ele faz uma escultura que é só a base. Aquilo que temos em a praça é só um pedestal. Isso serve para pensarmos a posição de a arte dentro de a sociedade, dentro de a cidade contemporânea. Você tem um pedestal e ele está vazio, já não simboliza nada, não significa nada. No caso de Kapoor, a arte não é alguma coisa ostensivamente visível, com a qual você tem uma relação de exterioridade. Ele nos coloca dentro de a obra. [E *como se não bastasse*, existe um buraco que está dentro de o chão e cujo movimento é negativo.] Você não tem como saber até onde aquilo vai. A propósito, o nome de a escultura é "« Descendo para o limbo "»... A arte, portanto, não é algo que se oferece mas é uma potência. E uma sensação que não se conclui em os sentidos. Só os sentidos não dão conta. Eu fui ter a dimensão de o buraco de a obra de Kapoor quando comprei o catálogo (Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69315&>>. Acesso em: jul. 2018) (**Padrão II**)

Os dados (42) e (43) exemplificam os contextos de uso que contêm o grau mais baixo de intersubjetividade e, por isso, também ilustram a perspectiva epistêmica neutra. Conforme pontuado, essa perspectiva pode ser justificada pelo caráter subjetivo do contexto em que a construção ocorre. Em (42), o falante coloca-se distante da informação que veicula, tendo como objetivo apenas informar o leitor e não o de orientar a fim de que se posicione a favor ou contra algum evento. Observamos, nesse contexto de “[*(Como) (se) não bastasse*]”, que há exposição de uma informação científica. O fato de estar explícito no fragmento que a informação foi transmitida por uma nutróloga reforça essa constatação. Em (43), o falante também se coloca distante da cena descrita, analisando-a de maneira objetiva e direta. Nesse contexto, o falante se volta para a descrição de um tipo de arte e, para isso, utiliza-se de fatos. Ainda que, em alguns momentos, ele se posicione acerca da cena (*Isso serve para pensarmos a posição de a arte dentro de a sociedade*) e utilize o pronome “você” (*Você não tem como saber até onde aquilo vai.*), percebemos que não há intenção de agir sobre o leitor. No entanto, atestamos que sempre

há marcas de subjetividade, tendo em vista a carga grande de argumentatividade da construção analisada.

- (44) André Bankoff, que combina em preferência com a atriz. Embora o ritmo de as gravações de a novela "« Morde e Assopra "» não tenha permitido muitos mergulhos ultimamente, quando ele tem uma chance, opta por a bermuda. "« Ando gravando tanto que quando dá tempo, vou a a piscina de o prédio mesmo. Mas prefiro bermudão, acho mais confortável, tranqüilo de usar. E sempre de tacetel, que seca rápido. Se estou em a praia já saio de a areia pronto para andar em o calçadão "», diz. [*como se não bastasse* ter que escolher entre sunga ou bermuda, é importante também prestar atenção em a modelagem.] A estilista Marcela Virzi alerta para o que é mais adequado. "« Acho calção tipo quadrado, reto e meio retrô, sempre mais elegante para o homem. Short me parece meio errado por milhões de razões: entra muita areia, deixa marcas muito grandes, fica com cara de desleixado... Mas para toda regra existe uma deliciosa exceção. Bermuda de surfista é sexy. De matar uma mulher fulminada em as areias (Disponível em: <http://www.menslifetoday.com/br/feature/grooming/sunga_ou_short/index.html>. Acesso em: mai. 2019) (Padrão I)
- (45) a Ordem e de seus membros não fica muito clara. Portanto, quem não leu os livros vai ficar sem muitas explicações. De qualquer forma, vale a pena ver. É entretenimento garantido, com muitos efeitos especiais e, sem dúvida, imperdível para os fãs de Harry. Já em o começo, o bruxinho enfrenta dois dementadores em uma cena bem sombria. Para isso, usa o feitiço de o Patrono fora de a escola e, como consequência, tem que passar por um julgamento burocrático e sujo de o Ministério da Magia. [*como se não bastasse*, o ano em Hogwarts começa bem diferente.] O ministro de a magia, Cornélio Fudge (Robert Hardy), nomeia a professora Dolores Umbridge (Imelda Staunton) -- uma de as vilãs de esse episódio, mesmo sem ter conexão com Voldemort -- a responsável por as aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas, com a clara missão de impedir que os estudantes aprendam a usar feitiços. Resta a Harry ensinar, escondido, a arte de defesa para seus amigos, que enfrentarão uma cruel batalha contra (Disponível em: <http://www.dcomercio.com.br/especiais/dcinema/filmes/harry_potter_fenix/>. Acesso em: mai. 2019) (Padrão II)

Em (44), a construção “Como se não bastasse” é recrutada para um ambiente pragmático marcado pela postura epistêmica neutra. Nele, “Como se não bastasse” aparece em uma sequência tipológica descritiva, visto que o falante apresenta as informações sobre uma cena específica, descrevendo-a sem marcar, linguisticamente, uma postura positiva ou negativa. Assim, atestamos que, nesse contexto, a construção “[*(Como) (se) não bastasse*]” é instanciada em um contexto marcado pela postura epistêmica neutra, a qual tem o propósito, nesta

dissertação, de mostrar que o contexto pragmático para onde a construção foi recrutada não é, explicitamente, positivo ou negativo.

O dado (45) assemelha-se ao dado (44) quanto à postura epistêmica. Observamos que, nela, “Como se não bastasse” aparece em uma sequência tipológica narrativa. O falante narra as ações ocorridas no filme de Harry Potter e, durante essa narração, ele recruta a construção “Como se não bastasse” para dar continuidade à história. Nessa ocorrência, atestamos que a construção é instanciada em um contexto marcado pela postura epistêmica neutra. Vale ressaltar que, conforme já pontuado, não há língua dissociada do falante, portanto, essa é uma ocorrência que exemplifica o grau intermediário de intersubjetividade, já que, logo no início do contexto de uso o falante se posiciona positivamente sobre o que vai narrar *De qualquer forma, vale a pena ver. É entretenimento garantido, com muitos efeitos especiais e, sem dúvida, imperdível para os fãs de Harry.*

Nas ocorrências (46) a (49), os contextos de uso de “Como se não bastasse” são marcados pela presença maior da intersubjetividade e pela postura epistêmica negativa.

(46) vivi e eu mesmo comprovei, não posso mudar o ciclo, tenho que viver a estação! 13/03/2009 Ringue de Jesus! E Jesus Cristo disse: " se qualquer te bater em a face direita, oferece- lhe também a outra "» e parece que eles levaram realmente ao pé de a letra! Vou situar a vocês: A Igreja "« Renascer em Cristo "» promoveu, organizou, sei lá como se dá o nome de isso!! Mas enfim, a igreja abrigou um campeonato de Vale Tudo com o intuito de atrair os jovens. [*como se não bastasse* os bispos fugindo de o país com rios de dinheiro, o teto que cai literalmente sobra a cabeça de os fieis (dizem que em o momento de a pregação o pastor disse "« que o teto caia sobre a minha cabeça se eu estiver mentindo "»),] brincadeiras a a parte! Uma igreja que quer obrigar crianças a parir, a outra que quer promover luta livre pra atrair. Uma igreja milenar, a outra, nem saiu de as fraldas. Acredito que deve ser humilhante pra quem estiver (Disponível em: <<http://001pontodevista.zip.net/>>. Acesso em: jul. 2018)
(Padrão I)

(47) o fiasco de Salve Jorge a o sucesso estrondoso de Avenida Brasil, mas não tem nada a ver. Claro que AB foi uma novela com qualidade impar, onde tudo foi um acerto, mas a questão é uma só: SALVE JORGE não teve história. Dezenas de personagens sem história e atores excelentes com participação pífia. Outro erro gritante foi o casal principal: Nanda costa não comprometeu mas também não surpreendeu. Rodrigo Lombardi, péssimo ator não tem cacife para protagonista. [*Cenário Brasil / Turquia remetendo o público a tramas já apresentadas, e como se não bastasse* furos e mais furos absurdos em o roteiro chegando a questionar a inteligência de o público.] Os poucos aplausos são para Giovana Antonelli; Totia Meirelles e Dira Paes, que tiraram leite de pedra e mesmo em uma novela tão ruim conseguiram fazer um excelente trabalho. Espero que a autora se recicle e enterre de vez esta mania de

apresentar culturas de outros países a o Brasil. Glória Perez precisa inovar para renovar. Willian Work É natural que após um grande sucesso de audiência e crítica, "« Avenida Brasil (Disponível em: <<http://blog.jovempan.uol.com.br/parabolica/salve-jorge-termina-com-a-pior-audiencia-dos-ultimos-anos-sem-respostas-e-com-problema-de-fuso-horario/>>. Acesso em: jul. 2018) (Padrão II)

Em (46), “Como se não bastasse” é instanciado em uma sequência tipológica argumentativa. O fragmento, retirado de um blog, apresenta a perspectiva do falante orientada para o leitor. Nele, o falante se posiciona negativamente, conforme vemos na porção textual (*como se não bastasse os bispos fugindo de o país com rios de dinheiro, o teto que cai literalmente sobra a cabeça de os fieis*). Tendo em vista que esse contexto de uso trata-se de um comentário feito por um internauta acerca da sua indignação sobre os eventos promovidos por uma igreja, já se espera que o material linguístico utilizado pelo indivíduo seja marcado por modalizadores, como, por exemplo, *Acredito*, com o intuito de orientar o seu texto para a adesão do leitor.

No dado exemplificado em (47), o contexto de uso de “Como se não bastasse” também é um comentário, no qual predomina a perspectiva do falante sobre um determinado evento. Nesse gênero, é comum que o falante se posicione a fim de agir sobre o leitor. Em vários momentos do fragmento, o falante se posiciona negativamente sobre o fato descrito (*participação pífia, erro gritante, péssimo ator, furos e mais furos absurdos*), o que demonstra a perspectiva do falante sobre o que enuncia.

(48) foi entrevistada. E não foi por desconhecimento. Afinal, em sua página em a internet aparecem diversos "« links "» para várias organizações pró-armas, de entre as quais o ARMARIA ON-LINE que tenho o prazer de editar. Terá sido temor de uma opinião irrefutável? Aposto que sim. Sem dúvida, a opinião de o presidente de a Taurus foi interessante mas, para o público, é uma opinião sem valor pois, afinal, ele lucra com a venda de armas, não é mesmo? Porque não entrevistaram um usuário de armas? [*como se não bastasse* isso, o Sr.=Murgel ainda teve suas observações ridicularizadas por o programa, seja por a edição de as cenas, seja por o tom de voz utilizado por o repórter, em off, para situar seus comentários.] Tantas oportunidades para fomentar um debate legítimo e autêntico foram perdidas. A o falar sobre a Inglaterra, por exemplo, mostraram as rigorosas proibições existentes em este país, mas não ousaram falar de o incrível aumento que ocorreu em os índices de criminalidade de a ilha. Os assaltos a mão armada (Disponível em: <http://www.armaria.com.br/corr_cid/correio063.htm>. Acesso em: jul. 2018) (Padrão I)

- (49) descuido de a Pixar a o conceber a trama. Além disso, o projeto enfrenta problemas claros de ritmo antes e depois de a transformação: antes, por gastar tempo demais para chegar a esta; depois, por não saber como conduzir a história a partir de a mudança. Assim, o filme se concentra principalmente em gags físicas que se resumem a mostrar a rainha-urso esbarrando em objetos, tropeçando, aprendendo a pescar e a lidar com seu tamanho descomunal, jogando fora a oportunidade de continuar a desenvolver a trajetória emocional de a protagonista. [*como se não bastasse*, o longa raramente consegue extrair humor de os três irmãozinhos de Merida embora claramente aposte em estes como fonte de piadas, perdendo tempo ainda com números musicais pouco imaginativos que aproximam Valente ainda mais de os clichês de as animações Disney, o que, vindo de o estúdio de John Lasseter, é decepcionante. Estes, no entanto, são apenas alguns de os problemas de o roteiro, que, para tornar a história maior e justificar o tempo de projeção, ainda atira em a narrativa uma lenda antiga (Disponível em: <<http://www.cinemaemcena.com.br/plus/modulos/filme/ver.php?cdfilm e=10487>>. Acesso em: jul. 2018) (**Padrão II**)

No dado (48), evidenciamos mais um exemplo de contexto pragmático marcado pela postura epistêmica negativa. Nele, a construção “Como se não bastasse” ocorre em uma sequência tipológica argumentativa, na qual predomina a perspectiva do falante orientada para o leitor. Essa ocorrência exemplifica o grau mais alto de intersubjetividade, visto que o intuito do falante é ganhar a adesão do ouvinte. Em (49), o contexto pragmático instanciado por “Como se não bastasse” também é marcado pela postura epistêmica negativa. Em uma sequência tipológica argumentativa, a construção “Como se não bastasse”, assim como em (48), ocorre em um contexto marcado pela intersubjetividade, dado que o falante se posiciona, criticamente, sobre um evento.

Nas ocorrências de (50) e (51), evidenciamos a construção “Como se não bastasse” instanciada em um contexto marcado pela perspectiva positiva.

- (50) ela. Talvez Pedro já estivesse irritado o bastante para alguém pedir o barco de ele para pregar, porém ele fez o que Jesus lhe disse. Quando Jesus acabou de pregar, disse a Pedro para lançar as redes a o mar. Pedro poderia pensar "« Jesus está de palhaçada comigo "», mas ele ouviu e obedeceu a direção de o Mestre. O resultado de ouvir a direção de Jesus foi uma pesca maravilhosa de forma que as redes se rompiam e Pedro teve até que pedir a ajuda de os pescadores de o outro barco. [*como se não bastasse* os dois barcos foram completamente cheios de peixe a ponto de quase afundarem.] Deus é maravilhoso, você não acha? Deus é poderoso para transformar toda situação desfavorável em uma pesca maravilhosa em sua vida. Para isso, basta que você o ouça e siga a direção dEle. 811785 SELENA GOMEZ DIZ QUAL FOI O MELHOR DIA DE A SUA VIDA Para qualquer pessoa ir pela primeira vez em o show de o seu ídolo é uma eperiência inesquecível e (Disponível

em: <<http://www.viveremverdade.com.br/devocional/index.php?id=24>>
Acesso em jul. 2018) (**Padrão I**)

- (51) não estava olhando "» Colocada diante de o espelho de de a própria história, a ítalo-brasileira que aterrissou em o Brasil em 1944, a os 4 anos, fugindo com os pais Michele e Gabriella da Segunda Guerra Mundial, costura histórias de ontem e de hoje mas sempre apontando para o futuro. Autoridade máxima de a moda em o Brasil, termos comuns que refletem bem a personalidade de esta consultora de moda e escritora, Costanza indicou os artistas contemporâneos que mais despertam sua atenção e os novos estilistas que irão fazer a diferença. [Além disso, *como se não bastasse*, nos brinda com lembranças deliciosas que vão de James Franco a Givenchy.] Afinal, diante de tamanha elegância e humor, quem não cai em as graças de Costanza, olhando além de seus indefectíveis e inseparáveis óculos escuros? "« O que me interessa é o novo, ou então repetir uma fórmula antiga de uma maneira nova, mas que funcione para as necessidades de o presente... Porque as tendências de mercado hoje se confundem com o comportamento. Vivemos em uma liberdade consumista e não digo que seja negativo (Disponível em: <<http://ffw.com.br/mag/>>. Acesso em: dez. 2019) (**Padrão II**)

No fragmento (50), a construção se encontra em uma sequência narrativa, na qual predomina a perspectiva do falante sobre o evento narrado. Ademais, nele, percebemos que o falante direciona a sua interpretação para o leitor com o intuito de ganhar a sua adesão, o que confere ao contexto alto grau de intersubjetividade. Vale ressaltar que o fato de esse contexto ser de cunho religioso, contribui para esse grau de intersubjetividade, visto que textos religiosos tendem a ser extremamente persuasivos.

No fragmento (51), a construção “Como se não bastasse” é instanciada em um contexto marcado por relações expositivas e pela perspectiva positiva do falante. Nesse fragmento, o falante faz uma análise positiva de uma autoridade máxima da moda no Brasil. Para tanto, ele explora as qualidades dessa autoridade, direcionando o leitor para compartilhar com ele o seu ponto de vista.

Os dados analisados nesta seção demonstram que, de fato, o sentido de uma construção somente é articulado no constructo. Vimos que, a depender das condições textuais, a construção “[Como] (se) não bastasse]” pode ser recrutada para ambientes linguísticos marcados por diferentes graus de intersubjetividade. De maneira análoga, ocorre com a perspectiva epistêmica, uma vez que evidenciamos, no nível do constructo, que a construção pode ser instanciada em um contexto pragmático marcado pela postura epistêmica positiva, negativa ou, ainda, neutra, quando o nível de subjetividade é baixo. Com base nessa distinção pragmática, propõe-se a seguinte tabela:

Tabela 2 – Contexto pragmático

Postura epistêmica	Padrão I	Padrão II	Quantidade
Positiva	37	61	98
Neutra	16	27	43
Negativa	165	163	328
Total	218	251	469

A tabela 2 apresenta a frequência em que cada postura epistêmica — positiva, neutra ou negativa — aparece no constructo. Os números evidenciam que a construção “[((Como) (se) não bastasse]” na sincronia atual aparece com mais frequência em contextos de postura epistêmica negativa. Pretendemos, em pesquisas futuras, averiguar essa tendência de forma mais refinada. A alta produtividade da postura epistêmica positiva de “[((Como) (se) não bastasse]” no Padrão II em comparação a I revela que o falante tem reinterpretado a construção e, conseqüentemente, recrutado-a para um ambiente linguístico no qual a sua função seja diferente daquela atestada no Padrão I.

A alta produtividade da construção em contextos marcados pelas posturas negativa e positiva corrobora a hipótese desta seção de que a construção é recrutada para um ambiente linguístico com maior grau de intersubjetividade. Outro fator que também contribui para a marca de intersubjetividade e, conseqüentemente, para a postura epistêmica, é a sequência tipológica em que se encontra a construção, que, será controlada, de forma mais apurada, em trabalhos futuros.

Na próxima seção, verificamos a relação semântica entre as porções textuais articuladas por “[((Como) (se) não bastasse]”.

4.4 A CONSTRUÇÃO “[((COMO) (SE) NÃO BASTASSE]” E O DOMÍNIO GERAL DA ADIÇÃO

Em relação às propriedades semânticas, advogamos que a construção “[((Como) (se) não bastasse]” estabelece, entre as porções textuais que vincula, a noção de adição, conforme ilustrado na seção 2.1 do capítulo de revisão da Literatura. Além disso, defendemos que, por ser um sentido presente em outras habilidades humanas, essa noção não é específica da língua. Segundo Bybee (2010), para que a língua seja entendida como um sistema adaptativo complexo, torna-se necessário investigar a estrutura linguística a partir dos processos de

domínio geral. Para Bybee (2010), *processos de domínio geral seriam aqueles que se podem mostrar operantes em outras áreas da cognição humana que não a da linguagem*. (BYBEE, 2010, p. 18). Nessa esteira de estudo, verificamos de que maneira a noção de adição – presente em diferentes áreas do conhecimento – se faz presente nos contextos de uso instanciados por “[Como] (se) não bastasse”].

Seguem as ocorrências (52), (53) e (54), do Padrão I:

(52) Dilma para ocupar a pasta de o Esporte. Pode até ser que ela seja o objeto de desejo de a Presidente. Mas há uma série de conjunções políticas que se passam até a mandatária de a nação poder escolher- la. O Ministério de o Esporte, que era dado a algum partido como prêmio de consolação, passou a ser cobiçado até por o faminto PMDB, por a visibilidade que terá até 2.016 e, principalmente, por o dinheiro que vai passar por os seus cofres. Lamentaria muito se Orlando Silva permanecesse em o cargo. [*como se não bastasse* a política fracassada de massificar o esporte, as histórias de que tenho conhecimento são de arrepiar.] Silva optou por os ricos. Deslumbrou- se com o mundo olímpico e de a FIFA. Silva e equipe têm que sair. Sobre Manuela, sei pouco, ou quase nada. Sei que ela é voz atuante em as tribunas de o parlamento sempre condenando, com veemência, as mazelas de a nação. O fato de ser de o mesmo partido que Orlando Silva pouco importará, desde que ela ponha em (Disponível em: <<http://albertomurray.wordpress.com/2010/11/21/manuela-davila-sera-ministra-dos-esportes-sera-que-ela-tera-coragem-de-mudar-as-coisas/>>. Acesso em: jul. 2018)

Como postulado por Langacker (1991), uma mesma experiência pode ser interpretada de maneiras distintas. Sendo assim, a escolha da posição das informações veiculadas pelos falantes na língua pode refletir as situações externas à língua. Nessa linha de raciocínio, analisamos a ocorrência (52), na qual a construção “Como se não bastasse” materializa o sentido de adição com base na perspectiva do falante. De acordo com um *crescendum* argumentativo, o falante acrescenta ao que enuncia uma informação que se mostra mais relevante em relação à primeira (*a política fracassada de massificar o esporte*). Com isso, atestamos a nossa hipótese de que, ao usar essa estrutura conectora, o falante materializa uma maneira singular de conceptualizar a adição.

(53) e vocalista, Ian Curtis. Um instinto qualquer mostrou- me isso em a primeira vez que ouvi a banda. Havia acabado de acordar, liguei a MTV e uma música de cortar o coração me atingiu. Era o clipe de “« Love Will Tear Us Apart ”». Eu não entendia o que Ian cantava, só a tristeza pungente em a voz e em a postura de o rapaz. A poesia ali ultrapassava a barreira de a língua, era palpável. De onde vem isso?, foi o que veio a a minha cabeça. [*como se não bastasse* ser eleita a mulher mais sexy de o mundo por as revistas “« Playboy ”» e “« Esquire ”», a atriz Scarlett

Johansson mostra seu talento também como cantora Scarlett Johansson canta.] Descobri isso ainda em o filme "« Encontros e Desencontros "» (2003), onde a atriz dá uma palhinha em um karaokê de Tóquio. De dentro de a trama, ela conseguiu externar esse talento somente ano passado. Espera e expectativa gerou um sentimento de "« o que vem? ". "« Anywhere I Lay My (Disponível em: <<http://acervo.revistabula.com/categoria/musica>>. Acesso em: jul. 2018)

Em (53), a noção de adição se dá em um contexto marcado por relações expositivas. Nesse contexto de uso, por outro lado, a inversão entre as porções textuais articuladas por “Como se não bastasse” poderia ser possível, visto que não há uma relação de hierarquia entre as informações veiculadas. Assim, o período poderia ser reescrito da seguinte forma *como se não bastasse a atriz Scarlett Johansson mostrar seu talento também como cantora Scarlett Johansson canta, ela é eleita também a mulher mais sexy de o mundo por as revistas "« Playboy "» e "« Esquire "»*. Percebemos, com essa reescritura que, gramaticalmente, ela é possível. Contudo, o fato de o falante escolher uma ou outra informação confere ao contexto alto de grau de subjetividade. Sendo assim, a alteração entre as porções textuais torna-se incoerente.

(54) mesma forma, podendo faltar tudo, menos a vontade e a gana de vencer! Disse isso porque, logicamente, esperava dificuldades... Mantínhamos alguns desfalques e time ainda carecia de algum entrosamento (bem como a retomada de ritmo de jogo por parte de o Alex). O que eu jamais esperava ver era a apatia que foi demonstrada ontem em campo! Até jogamos uma boa parte de a partida melhor que o time de a casa, mas em uma superioridade estéril, onde a posse de bola não se consolidava em chances de gol. [*como se não bastasse* a total inoperância de o sistema ofensivo, a defensiva conseguiu tomar três gols dignos de? pelada?.] Uma completa frouxidão em a marcação e uma falta de comprometimento assustadora. Não sei o que há de errado... Sinceramente não sei. O que sei é que algo precisa ser feito e com urgência. O que se viu ontem, fuge a as raíais de o debate técnico / tático. Está além de se discutir a qualidade de determinado jogador ou a capacidade de o comando. Qualquer um que (Disponível em: <<http://www.coxanautas.com.br/opiniao/reflexoesemverdebranco/?id=4873>>. Acesso em: jul. 2018)

Em (54), a construção “Como se não bastasse” expressa a noção de adição entre os eventos *a total inoperância de o sistema ofensivo e a defensiva conseguiu tomar três gols dignos de? pelada*. O falante, ao unir esses dois eventos, tem por finalidade formar um todo significativo, marcado por alto grau de intersubjetividade. Além disso, o fato expresso *em a defensiva conseguiu tomar três gols dignos de? pelada?* é mais relevante que a primeira informação enunciada, principalmente, se considerarmos essa constatação para o meio

futebolístico. Essa ocorrência é mais uma evidência de que a escolha do falante por usar a construção “Como se não bastasse” para expressar a noção de adição revela os seus propósitos comunicativos nas relações discursivas.

Vejamos os exemplos (55), (56) e (57):

(55) foi quando eu apanhei, com socos, pontapés, cuspidas e muitos xingamentos. Fui a delegacia e mesmo ele disse que amava, que ainda queria ficar com mim. Passei por cima de todos em a minha família e mais uma vez voltei. Mudamos para outro bairro, pois não queríamos fofocas por tudo que havia acontecido. E agora, aqui, vejo o quanto fui idiota, porque mais uma vez, ele me trai. Preciso de forças para seguir com a decisão de separação. Preciso de muita força. [Tenho 2 filhos e como se não bastasse, a mãe de o outro filho de ele, decidiu não cuidar mais de o menino, e deixou com o pai.] Ou seja, eu sou a responsável por o filho de ele, filho que eu cuidei desde pequeno. Infelizmente, não trabalho. Fiquei em casa para cuidar de as crianças. E agora, como faço? Parece que essa dor não acaba nunca. Ele só me faz mal. Preciso seguir com essa decisão.... Me ajudeeee Penso que estamos prestes a terminar com a (Disponível em: <<http://daianaborges.blogspot.com/2009/08/como-superar-uma-separacao.html>>. Acesso em: dez. 2019)

Em (55), a cena narrada é mais uma evidência da perspectiva do falante sobre o que enuncia. Nessa ocorrência, o falante materializa a noção de adição, por meio de “Como se não bastasse”, em um contexto marcado de intersubjetividade, visto que, além de se posicionar acerca do que enuncia, a perspectiva do falante é orientada para o leitor. Atestamos ainda, o fato de a conjunção aditiva “e” anteceder a construção “Como se não bastasse”, o que reitera a nossa hipótese de que a estratégia do falante ao escolher a construção ao invés da conjunção “e” é a de tornar o seu texto mais convincente, marcado por grande teor argumentativo.

(56) se internamente e fazer comércio pacífico a nível externo. Foram obrigados a intervir em a I Guerra Mundial em a Europa, a pedido de vários países. A Europa não aguentou a humilhação de reconhecer que já não era capaz de resolver uma guerra sozinha. Em a II Guerra Mundial, uma vez mais os EUA só entraram quando a tal foram obrigados. Mais uma vez, a guerra em a Europa só se resolveu graças a os EUA, que ainda por cima ajudaram os países europeus em a sua recuperação. Dupla humilhação. [E, *como se não bastasse*, formaram-se dois grandes blocos: os aliados de a URSS e os aliados de os EUA.] A Europa, uma vez mais, precisou de recorrer a a sua antiga colônia, aliando-se a os EUA. Paradoxal, não? Depois de a queda de o Muro de Berlim e de o desmembramento de a URSS, ficou muito mais confortável a a Europa Continental armar-se em anti-americana. A Europa Continental é orgulhosa e não aguenta ter sido ajudada por os EUA em as guerras e em

os (Disponível em: <<http://curtaserapidas.blogspot.com/2007/07/um-pouco-mais-de-realismo.html>>. Acesso em: dez. 2019)

Em (56), a expressão de adição se dá no âmbito das relações argumentativas. Nesse exemplo, o falante narra uma situação histórica a fim de orientar o leitor para uma determinada conclusão. Para isso, ele une, por meio do “Como se não bastasse”, as porções textuais *Mais uma vez, a guerra em a Europa só se resolveu graças a os EUA, que ainda por cima ajudaram os países europeus em a sua recuperação. Dupla humilhação e formaram-se dois grandes blocos: os aliados de a URSS e os aliados de os EUA*. Assim, de modo a tornar seus argumentos ainda mais fortes, ele utiliza, além da conjunção aditiva “e”, a construção “Como se não bastasse”. Dessa maneira, podemos afirmar que a construção “Como se não bastasse” determina a orientação argumentativa do contexto situacional em que é instanciada.

(57) por Margarida Serote (Portugal) e adaptada para o português brasileiro por Gustavo Rojas. 873712 Críticas CALLAS FOREVER Em uma época em que as empresas fonográficas inventam cantores – que só cantam graças a os milagres de a tecnologia – rever a vida de uma artista de verdade cai muito bem. Maria Callas era quase um sinônimo de a palavra “« diva “». Tinha voz, versatilidade, atuava – o que nem todo cantor clássico consegue – e era inteligente em suas escolhas de repertório. [como se não bastasse, era bonita.] Envolveu-se em um sem número de brigas e romances – foi amante de Onassis quando casada, por exemplo. Há uma infinita mitologia sobre ela: que tomava banho em champagne, que tinha um bar inteiramente forrado com pele de baleias – e por aí vai. Enfim: Callas foi uma personalidade e tanto, que viveu e morreu tão tragicamente quanto os personagens de as óperas que representava. Em resumo, dava um filmão. E Callas Forever é apenas um filme. Não fosse (Disponível em: <<http://criticos.com.br/?p=503&cat=1>>. Acesso em: dez. 2019)

No exemplo (57), a relação de adição é articulada por “Como se não bastasse” em uma sequência expositiva. Nesse contexto, a construção une as porções textuais *Maria Callas era quase um sinônimo de a palavra “« diva “». Tinha voz, versatilidade, atuava -- o que nem todo cantor clássico consegue -- e era inteligente em suas escolhas de repertório e era bonita*. Esse contexto de uso também reforça o valor discursivo fundamental que a construção tem para a produção da linha argumentativa. Assim, a escolha do falante por essa forma para expressar a noção de adição revela os seus propósitos comunicativos.

Concluimos que a adição, muito utilizada em diversas áreas do conhecimento, também se faz presente na língua de modo bastante expressivo. Ademais, constatamos que,

linguisticamente, o uso de “[Como] (se) não bastasse]” demonstra a perspectiva do enunciador. Somado a isso, atestamos que a estrutura conectora “[Como] (se) não bastasse]” é mais uma maneira de o falante conceptualizar a expressão da adição. Postulamos ainda que a semântica de suficiência do verbo “bastar” contribui para essa noção.

A análise de contextos de uso efetivo converge com a perspectiva adotada nesta pesquisa de que a estrutura da língua se desenvolve conforme o seu uso. Assim, o sentido de adição evidenciado nesta seção é resultado da análise dos constructos e, por isso, é possível traçar o comportamento de “[Como] (se) não bastasse]” com propriedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo final, evidenciamos os resultados obtidos a partir da investigação desenvolvida ao longo do trabalho, com o intuito de atestar as hipóteses levantadas e identificar os objetivos alcançados. Sendo assim, retomamos as hipóteses desta pesquisa:

- Em ambos os padrões, o nível de vinculação entre os itens que compõem o “[((Como) (se) não bastasse]” pode ser identificado pelas propriedades morfológicas?
- Há o fenômeno da gradiência entre os dois padrões? O Padrão I conecta porções menores do texto e o Padrão II conecta porções maiores, que estão acima do nível do período?
- O Padrão II apresenta frequência *token* mais alta em relação ao Padrão I?
- Tanto o Padrão I como o Padrão II de “[((Como) (se) não bastasse]” exemplificam uma maneira particular de conceptualizar, linguisticamente, a noção de adição?
- Os contextos de uso instanciados por “[((Como) (se) não bastasse]”, nos dois padrões, são marcados pela perspectiva do falante orientada para o ouvinte?

Em relação à primeira hipótese, verificamos que o Padrão I da construção “[((Como) (se) não bastasse]” tem seus componentes menos vinculados que a construção identificada no Padrão II. A existência do sujeito do verbo “basta” no Padrão I, ainda que se trate de um sujeito menos prototípico, haja vista sua posposição, atesta que, nesse Padrão, a construção “[((Como) (se) não bastasse]” ainda retém propriedades gramaticais de sua categoria fonte.

A respeito da segunda hipótese, os dados apontam que há gradiência entre os dois Padrões. Enquanto que, no Padrão I, a construção “[((Como) (se) não bastasse]” conecta porções textuais no nível da sentença, no Padrão II, ela conecta diferentes camadas do texto, que começaria na remissão de um período até chegar a encapsular todo o parágrafo anterior a ela.

No que se refere à terceira hipótese, o levantamento de dados mostrou que, das 469 ocorrências analisadas, 218 são do Padrão I e 251 do Padrão II, o que comprova a maior frequência *token* do Padrão II em relação ao Padrão I. Esse resultado suscita reflexões acerca da relação de herança entre esses dois padrões construcionais.

No que tange à quarta hipótese, tanto nos contextos do Padrão I como nos contextos do Padrão II, identificamos a expressão de adição. Os dados comprovam que o uso de “[((Como) (se) não bastasse]” é uma maneira particular de conceptualizar, linguisticamente, essa noção. Defendemos que a semântica do verbo “basta” contribui decisivamente para uma nuance de sentido nesse tipo de adição. Outro fator relevante apresentado pelos dados é que as porções

textuais articuladas por “[((Como) (se) não bastasse]”, aparentemente, não podem mudar de posição, haja vista que a alteração na ordem dos eventos enunciados implica o sentido do todo.

No que concerne à quinta hipótese, atestamos que a construção “[((Como) (se) não bastasse]”, em seus dois padrões, tem grande carga de argumentatividade, o que contribui para o seu alto grau de intersubjetividade. Advogamos, assim, que “[((Como) (se) não bastasse]” tem valor discursivo fundamental para a construção da argumentação, visto que, por meio do seu uso, o falante explicita a sua perspectiva e a orienta para o leitor.

Os objetivos desta dissertação são delimitados novamente a seguir:

- Verificar, no eixo da forma, a configuração morfossintática de “[((Como) (se) não bastasse]”.
- Analisar, qualitativamente, os diferentes *types* de “[((Como) (se) não bastasse]” – do tipo [- conector] para [+ conector], com base nas diferentes porções do texto que são articuladas por “[((Como) (se) não bastasse]”.
- Descrever, quantitativamente, os dois *types*: “[((Como) (se) não bastasse + (SN ou Oração Não Finita)]” e “[((Como) (se) não bastasse + Ø]”.
- Relacionar a expressão conectora “[((Como) (se) não bastasse]” ao domínio geral da adição.
- Testar as propriedades da intersubjetividade e da postura epistêmica nos contextos de uso de “[((Como) (se) não bastasse]”.

Com base na análise de dados coadunada com os pressupostos teóricos adotados nesta pesquisa, consideramos que, no eixo da forma, acerca das propriedades morfológicas, os dois padrões se distinguem em relação à vinculação entre seus componentes e, no eixo do sentido, com base nas propriedades discursivo-funcionais, se diferenciam no escopo remissivo, sendo assim, classificados em um *continuum*, que começaria na função [- conector] para [+ conector].

A diferença discursivo-funcional entre os dois padrões está diretamente relacionada à hipótese central do trabalho, que se sustenta na ideia de que o Padrão II tem função de conector discursivo. A maior frequência de produtividade *token* comprova que a construção “[((Como) (se) não bastasse]”, com essa função, tem sido mais recrutada na língua que a do Padrão I.

Em relação ao domínio geral da adição, verificamos que a construção “[((Como) (se) não bastasse]” é mais uma estratégia que o falante pode utilizar para expressar e materializar a noção de adição. Nesse sentido, afirmamos que essa construção faz parte das demais estratégias de adição e, por isso, cabe propormos uma investigação mais refinada sobre essa noção em trabalhos futuros.

Devido à carga grande de argumentatividade, inerente à construção “[((Como) (se) não bastasse]”, os contextos de uso em que ela ocorre são marcados pelo alto grau de intersubjetividade. Na análise de dados, verificamos que, mesmo em sequências tipológicas narrativas, expositivas e descritivas, há indícios de intersubjetividade. Constatamos, com essa análise, que o uso dessa construção confere ao contexto marcas de argumentação.

Pragmaticamente, observamos que a construção “[((Como) (se) não bastasse]” ocorre em contextos positivos e negativos. Assim, para ilustrar tal ponto, propomos os seguintes gráficos:

Gráfico 1 – Perspectiva epistêmica da construção “[((Como) (se) não bastasse + (SN ou Oração Não Finita)]”



O gráfico 1 mostra, em números percentuais, a disposição dos contextos de uso em relação à perspectiva epistêmica em que a construção “[((Como) (se) não bastasse]” ocorre no Padrão I. Nesse padrão, a construção tem sido mais recrutada para o contexto pragmático negativo, o que pode representar mais uma evidência de que o Padrão II tenha sido reinterpretado pelos falantes a partir deste Padrão I. O fato de os componentes da construção, no Padrão I, estarem menos vinculados entre si também contribui para essa constatação, principalmente, se considerarmos a presença do item “não”, que tem valor de negação.

Gráfico 2 – Perspectiva epistêmica da construção “[((Como) (se) não bastasse + Ø]”



Esse segundo gráfico evidencia que a construção “[((Como) (se) não bastasse]”, em comparação ao Padrão I, tem sido recrutada com mais frequência para contextos pragmáticos positivos. Esses números percentuais só reforçam a nossa hipótese de que a construção “[((Como) (se) não bastasse]” tem ocorrido em distintos ambientes linguísticos.

Com o objetivo de descrever o comportamento de cada padrão construcional, reapresentamos o quadro de Croft (2001) de modo comparativo:

Quadro 6 – Propriedades da construção “[((Como) (se) não bastasse]”

EIXO	PROPRIEDADES	TRAÇOS
FORMA	Sintáticas	Padrões I e II: Relativa mobilidade. Pode aparecer no início ou no meio da oração/do período.
	Morfológicas	Padrão I: Formada pela conjunção comparativa “como” + a conjunção condicional “se” + o advérbio de negação “não” + o verbo <i>bastar</i> no imperfeito do subjuntivo – os elementos que constituem a construção são menos vinculados. Padrão II: Formada pela conjunção comparativa “como” + a conjunção condicional “se” + o advérbio de negação “não” + o verbo <i>bastar</i> no imperfeito do subjuntivo - os elementos que constituem a construção são mais vinculados.
	Fonológicas	Padrões I e II: Grande quantidade de massa fônica. Ênfase em forma de <i>crescendum</i> .
SENTIDO	Semânticas	Padrões I e II: Expressão de adição
	Pragmáticas	Padrões I e II: Presença da intersubjetividade na relação falante-leitor; conhecimento compartilhado.
	Discursivo-funcionais	Padrão I: Conecta porções menores do texto, a conexão vinculada por este padrão é mais local. Sequências tipológicas: narrativas, descritivas, expositivas e argumentativas, predominantemente. Padrão II: Conecta porções maiores do texto, a conexão vinculada por este padrão ocorre acima do nível da sentença. Sequências tipológicas: narrativas, descritivas, expositivas e argumentativas, predominantemente. Maior frequência de uso.

O quadro evidencia as semelhanças e as diferenças no eixo da forma e do sentido entre as propriedades de cada padrão da construção em estudo, demonstrando a relação estabelecida entre eles.

Com base no eixo da forma, identificamos que, no âmbito sintático, ambos os padrões apresentam relativa mobilidade, já que podem figurar no início ou no meio da oração/do período. No âmbito morfológico, no Padrão I, os componentes da construção encontram-se menos vinculados entre si, haja vista a presença do sujeito do verbo “bastar” nas ocorrências desse padrão. No Padrão II, as partes da construção já estão mais vinculadas. Ainda no eixo da forma, as propriedades fonológicas da construção, nos dois padrões, evidenciam grande quantidade de massa fônica e, identificamos a presença de ênfase em forma de *crescendum*.

No eixo do sentido, ambos os padrões veiculam o valor semântico de adição, através da ligação/união de dois ou mais eventos. No âmbito pragmático, verificamos que os dois padrões apresentam alto grau da intersubjetividade em seus contextos de uso, o que influencia nas posturas epistêmicas negativas e positivas. Por fim, identificamos que o Padrão I, no âmbito discursivo-funcional, conecta porções textuais no nível da sentença, demonstrando função [-conectora], enquanto o Padrão II conecta porções maiores do texto, acima do nível do período, o que confere à construção, nesse Padrão, a função [+ conectora] e, conseqüentemente, de conector discursivo.

Com esses resultados, esta dissertação pretende contribuir para os estudos sobre construções complexas, de uma forma geral, como a que nos propusemos a analisar, haja vista a falta de tratamento adequado para esse tipo de construção. Assim, lançamos mão de inúmeras possibilidades para fomentar estudos nesse âmbito. Temas como os *links* de herança entre os padrões atestados, a possibilidade de inversão entre as porções textuais vinculadas por “[Como] (se) não bastasse]” e a incorporação da construção na rede da adição compõem as ideias para a continuidade da pesquisa no doutorado. Nessa linha de raciocínio, a análise da construção “[Como] (se) não bastasse]” configura como uma base para o aprofundamento de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, J. 2010. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

_____; COSTA, M. A. & CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. A. R. & MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003, p. 30-34.

CUNHA, C.; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FÁVERO, L. L. *Coesão e Coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FILLMORE, C. *Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences. Papers from the twenty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. 1990.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*, Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press. Chicago: The University of Chicago Press. 2006.

_____. Construction Grammar. In: *Encyclopedia of Cognitive Science*. Macmillan Reference Limited Nature Publishing Group, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press 2007.

HOPPER, P. *Emergent grammar*. Berkley: Berkley Linguistics Society, 1987.

- _____; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- KOCH, I G. V. *Coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____; ELIAS, V. M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2018.
- KURY, A. G. *Novas Lições de Análise Sintática*. 2003.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. II: Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- _____. Complex Sentences. In: *Cognitive Grammar – a basic introduction*. Oxford University Press. 2008.
- LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. São Paulo: Globo, 2000.
- MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- MATEUS, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Caminho Lisboa, 2003.
- NEVES, M. H. M. *Gramática do Português Revelada em Textos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2018.
- OLIVEIRA, M. R.; ARENA, A. B. O viés funcional do pareamento simbólico função < > forma na abordagem construcional da gramática. In: *Soletras*. 2019.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 2011.
- ROSÁRIO, I. C. *Aspectos sintáticos e semânticos do como na linguagem padrão contemporânea*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- _____. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012. 250 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2012.
- _____; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Soletras*, 2019.
- ROSÁRIO, I. C; OLIVEIRA, M.R. (Org.) *Linguística centrada no uso – teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.
- _____. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016.

SANKOFF, G.; BROWN, P. The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives. In: *Language*, no. 52, 1976.

TRAUGOTT, E. 2010. Gradience, gradualness and grammaticalization. In: Traugott, E; Trousdale, G. (eds). *Typological Studies in Language*, 90. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company: p 19-44.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press. 2002.

_____; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press. 2013.

USBERCO, J.; SALVADOR, E. *Química*. Vol. único. ed. 5, 2003.